



Anthemo Feliciano

Iniciamos a abertura desta edição com as palavras de Nelly Candeias: “A História e a Geografia começam nas casas onde nascemos e no convívio com as nossas famílias e se desenvolvem nas escolas, na comunidade e nas entidades. Por isso acreditamos que só a valorização da nossa cultura poderá reforçar a crença no futuro do Brasil, o amor ao país, ao estado e à cidade, local por excelência onde se constrói a cidadania e se educa a gente para uma vida cívica”. E continuamos afirmando que a história oficial de uma cidade tem início com a cria-

ção de uma Câmara Municipal.

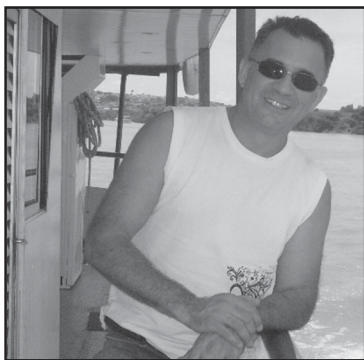
Toda história anterior a este fato, está sujeita a muitas interpretações, sendo a maioria delas possíveis.

Nesta revista, encontramos documentação oficial trazida à lume pelo historiador João Carlos Figueiroa, onde somos informados, em recenseamento de 1779, da existência do Bairro Botucatu, já naquela época, com sete fogos (casas).

Há também texto de Paulo Pinheiro Machado Ciaccia, contestando a existência da Capela Nossa Senhora das Dores. Mas, ai pode-se perguntar, tomando como referência as próprias palavras do articulista: se... “O que vale na história é a consagração popular. Respeitâmo-la”, não seria o caso, se levarmos ao pé da letra esta expressão, de continuarmos com a tradição de eleger N.Sra. das Dores como nossa primeira Capela?

Teremos também matéria de Trajano de Figueiredo Pupo comentando os acontecimentos ocorridos nos anos de 1919, 1920 e 1921.

Além disso, o leitor vai encontrar também nesta edição poesias, artigos diversos e crônicas.



P.O. Laffayett
Jornalista-Escritor-Poeta –Btu

DEVANEIO

Quando meus devaneios de
 jovem sem apego me sur-
 preenderam.

Notei que meus costumes
 amiúde não eram os mes-
 mos

Notei ainda que o tempo
 havia passado...

Com a roupa rasgada,
 meus pensamentos ainda
 ajustavam-se ao tradicional.

Vi que todo sonho de
 menino fora sucumbido,
 pois aceitava os preceitos
 sociais

O tempo é negro, a cor da
 pele apenas um zelo,
 que confunde e atordoia o
 verdadeiro ideal.

Viver o medo, morrer em
 segredo,
 Privilegio dos imortais.

11/8/1998



Bem longe

Deixei a Terra...
 Estou bem longe,
 Fora do seu alcance...

Nem o mirante
 que são seus olhos
 para me guiar
 Nas cordilheiras
 no mais alto monte
 não vai me achar.

Talvez receba
 suas preces
 uma oferenda
 a Iemanjá...

Não esmoreça
 pois no mar
 só a lembrança há de ficar.

Ao transcender a Orion
 naquela constelação
 púrpura

Só em seus sonhos
 vou estar.

Lá o amor vai cobrir
 o vazio que
 entristeceu a gente.

No coração uma semente
 transparente vai germinar.

Essa semente vai
 espantar o medo
 aliviar o apego nas estrelas
 até podemos bailar.

Desnudos e puros – Meu
 eterno amor – Só em seus
 sonhos para sempre!

06/09/2009



Armando Jesus Barbieri

Armando Jesus Barbieri nasceu em 19/04/1935. É ferroviário aposentado, escritor contista (2 livros) e poeta (15 Antologias da A.P.E.B. e Tabac Cultural do R.J). Declarado Cidadão Botucatuense pelo Decreto 257 de 09/09/2009; Membro Honorário da A.B.L. (Academia Botucatuense de Letras); Membro do Conselho Deliberativo do Centro Cultural de Botucatu; Membro do Conselho Municipal do Idoso; Membro da Pastoral da Educação da Arquidiocese de Sant Ana e faz parte do Conselho o Fiscal da A.P.E.B. e S.A.B.E.P.

Diálogo no Jardim

Como você se chama?
Eu me chamo Rosa e você?
Me chamam de Cravo...
Dizem que sou belo e perfumado...
Mas me fale de você...?
Sou a rainha das flores
Dependendo de minha cor
Dou definição a vida
Quando branca transmito a paz
E se vermelha o amor.
Sempre quando sou presente
As pessoas se beijam com ardor

O cravo ficou enciumado
E se sentiu desprezado
Nem olhou mais para a Rosa ao lado
E como era maldosa
Cheia de espinhos
Estendeu seus galhos felinos
Maltratando o cravo em flor
Como a natureza é bendita
Cresceu logo ao lado
Com caule bem reforçado
Cortando a luz do sol
Um imponente Gira-Sol
A natureza é mesmo assim
Voltou a paz no jardim...



Célia Alves

Célia Alves tem intensa atividade como escritora. Muitos dos seus trabalhos foram publicados pelo jornal Mais Botucatu: (92 poesias, 54 trabalhos em prosa, 25 homenagens prestadas). Teve também uma homenagem à sua mãe publicada no Jornal Estandarte, da Igreja Presbiteriana Independente.

Também participou de diversas coletâneas da Associação dos Poetas e Escritores de Botucatu e da Revista Dimensão Alluminatus.

Pássaro

Poemas musicados
pelos acordes
de desejos ardentes

Em clave de Sol,
em claves de Lua,
notas agudas,
gritos gostosos,
gemidos do peito.

Queixumes
mais graves,
semibreves,
Breves tons.

Sigilosos,
sussurros,
destrançando
chaves de amor.

A tantas gerações,
pauita da vida,
ostentando notas
especiais.

Pintassilgos
ora pousados
ora saltitantes.
Sempre buliçosos
em rede elétrica
de cio.

Os anos não passam
para os pássaros:
partitura e cantos
desafia forte
o circuito
de um fio.

Olavo Pupo

Botucatuense legítimo, gosta de retratar sua cidade, suas cores e formas que o inspiram.

Nestes anos de estrada, suas obras foram para o exterior, percorreram o Brasil e região. Receberam premiações e menções honrosas.

Como artista, diversifica sua arte em cenários e figurinos para teatro.



Dramaturgo e poeta, leva poesia para a tela. Mantém atelier com alunos que prepara para as provas de desenho nos vestibulares de Arquitetura, Belas Artes, Moda, Desenho Industrial e demais modalidades onde haja prova de desenho.

O resultado de seu trabalho se reflete nos vestibulares, onde 95% de seus alunos tem obtido.

Ministrou terapi Artística

no Hospital Psiquiátrico “Can-tídio Moura Campos, tendo seus trabalhos mostrados em reportagem da Rede Globo no enfoque regional.

Doou vários painéis ao Centro de Saúde Escola da Vila dos Lavradores.

É jornalista formado pela Faculdade de Comunicação Social Casper Libero - SP. Publicitário formado pela Escola Superior de Propaganda e Marketing Panamericana de Artes.

O poeta de Laranjal

Havia na Interlândia
 Precisamente em Laranjal
 Mas não do Jari
 Aqui mesmo, "Pré de ici"
 Bem a vista
 Laranjal Paulista
 Eis que vivia ali
 Um poeta moço
 Talvez um profeta
 Esteta, anárquico
 Num dia entre
 delírios etílicos
 Em frustrações idílicas
 Partiu o poeta
 Pro Nirvana, pra Passargada,
 sei lá, partiu, sumiu
 Em seu velório, sozinho
 flores que fizeram companhia
 sem ladainhas,

ou carpideiras
ou exéquias
simplesmente flores e mais flores
Mas, no entanto, nesse desencanto,
Recebeu com espanto a visita de Mario
e como por encanto.
Toda Laranjal Paulista
floresceu encantando a vista
Ora os ipês cor de rosa
As mais variadas cores
Num despertar de matizes
O povo ficou pasmado.
E eu decidi contar
Que o poeta não teve o povo
Mas algo de muito novo
se fizera acontecer.



Julio de Carvalho

Memórias da Vila dos Lavradores

Nasci num bairro italiano na cidade de Botucatu. Vila dos lavradores ainda é seu nome. Lembro-me de todas as pessoas que lá moravam. Lembro-me dos nonos fumando seus cachimbos e alguns nem falavam português correto assim como as nonas preparando suas massas e doces para serem distribuídos aos netos e amigos como eu, era obvio!

O Sr. Heitor Carvalho e sua esposa Dona Arletti que eram pais de meu melhor amigo Mar-

celo. As famílias Contessoti, Domenico, Gasparini, os Murbach que tinha como expoente o Sr. Murbach que nos benzia com seus poderes mediúnicos e com seu sorriso sempre amigo que sempre nos dava balas de hortelã, os irmãos Folhas, a Hortência com sua loja ao lado do bar do Sr. Ivo na frente do hospital sorocabana onde íamos comprar sorvete da Kibon. Os Damascenos, a dona Florinda avó do Marcelo e do Marcel que sempre fazia bolos e salgados divinos com gosto de Itália. A Lurdes e Fatí que são primas de Tonico e Tinoco, os Bardellas, Schellinis, Jacóias, Cariolas, Devidés, Spadotos, Simonetti, Nardini, Gasparini, Nordes, Spernegas, o Sr. Espera, Palombarini, Tardivos, os Alonsos, Vernini, os Rosas, Dal farras, Lunardi, De Leos, Spadaros, os Longos que eram meus primos, A Dona Lucia e seu Joaquim taxista pais do Paulo. Os Milanesi e Pompiani de onde conheci o Sr. Pompiani que foi maquinista que escoltou o príncipe de Gales pela estrada de Ferro Sorocabana daqui da região e que já estava bem velhinho e que durante o café da tarde com eles eu notava que ele trazia nos olhos uma imensa consciência de sua historia de vida. Os Strigethas, Scorssato, Lamartines, Cotrins, Zanottos, o seu Mario Pilan que tinha sempre balas no bolso para nos dar assim como o Sr. Mazoni. Os Levis, os Petersons, os Bauers e muitos outros que conheci na minha infância onde corríamos pelo jardim da Igreja com nossos velotrois ou

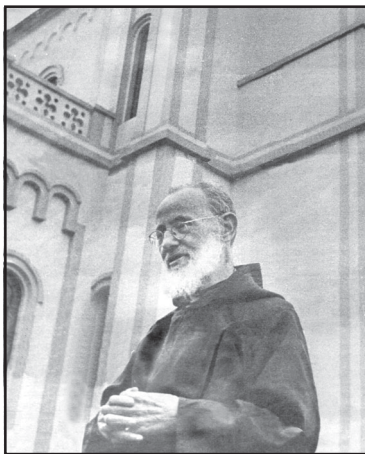
montados em cavalos de pau. Nunca esquecerei do Sr. Rossi que nos carregava nos ombros dois quarteirões pela Rua Floriano Simões até a esquina do jardim e nos lembrava da historia do João e o Pé de Feijão. Depois nos colocava no chão e dizia que iria passar amanhã no mesmo horário e assim estávamos lá. O Doutor Guedes era nosso médico que sempre se lembrava dos nomes de todos nós e que receitava medicamentos que nossos pais e avós iam comprar na farmácia do Sr. Bento e do Nestor. Todo mundo gostava de ambos. As fotos no Sr. Satake que eram demais quando eram tiradas em preto e branco e todos gostavam. As festas da igreja eram divertidas assim como as matinês no cine Vila Rica. O carnaval de rua apinhava de gente para ver nossa escola preferida que era o Dragões da Vila. O Plínio Paganini que nos deixava ficar dentro da Perua da PRF-8. A Praça do Hospital Sorocaba onde tinha a grande pedra de onde olhávamos para as luzes da Vila Maria onde morava meu avô Dito Samba e ouvíamos o barulho do trem e ansiosos esperávamos o apito que tocava bem alto. Todos gostavam de ouvir o apito, pois a maioria de nós garotos e garotas tínhamos avós ou pais que trabalhavam na Sorocabana. O quintal de minha casa era enorme e aos finais de semana todos meus amigos que não eram poucos, iam brincar lá! Meu avô tinha falecido depois de um tempo, mas era como se ele estivesse sempre lá, pois tudo que ele planta-

ra ainda vicejava com muita alegria. Todas as árvores como a macieira, mangueira, pereira, jabuticabeiras e o roseiral sempre estavam saudáveis como se prestassem uma homenagem viva ao amor puro de meu avô pela minha avó que nunca conseguiu viver direito sem ele. Minha mãe Naide leme e meu pai Omar de carvalho me deram um grande presente que fora nascer neste bairro e crescer na casa de minha avó onde pude ouvir musicas do mundo todo com ela. Ler livros com ela e conhecer a fundo a historia de Moises que sempre foi meu grande herói! O Sr. Rossi chamava minha avó de Turquinha por causa de seu nariz adunco, mas ela era descendente de israelitas foragidos

da Europa em guerra assim como a maioria dos antepassados Italianos das pessoas da Vila dos Lavradores. Vieram para serem livres na América do Sul não sem muita luta. Lugar onde aprendi que pessoas do mundo todo poderiam ser felizes trocando palavras amigas e com seus filhos brincando no mesmo jardim público. Brincando de quintal em quintal sem medo da guerra, sem medo da vida, das drogas, dos ladrões e crendo em Deus como o pai de todos e nos ensinando o quanto se deve valorizar a vida dos mais velhos e dos sábios! Lavramos um mundo melhor. Lavramos um futuro de harmonia e prosperidade na amada e inesquecível Vila dos Lavradores.

A Grande Tragédia

O mapa histórico da humanidade é pontilhado de fatos, acontecimentos atinentes ao homem. Como nos mapas geográficos encontramos assinalados lugares maiores e lugares menores, as capitais, as cidades, as vilas: assim no mapa histórico se nos deparam acontecimentos maiores ou menores, alegres ou tristes, fatos iluminados pelo sol da felicidade e fatos ensombrados por impiedosas fatalidades. Há fatos eufóri-



Frei Fidélis da Motta

cos e fatos trágicos, às vezes, horrendamente trágicos.

Quase no meio do mapa histórico, surge um fato que deve ser apelidado de “a máxima tragédia que enlutou a face da Terra!” É a tragédia do Calvário! Jesus de Nazaré, o mais santo, o mais inocente dos humanos é obrigado a subir o morro dos condenados, e lá morrer pregado no madeiro infame da cruz!

Muito se há discutido quem seriam os responsáveis da grande tragédia. A história incriminou aos judeus. Estes, muitas vezes, tentaram repelir a calúnia que os denegria e os tornava odiosos perante as demais nações cristãs. A questão muita vez delibada e discutida, chegou a interessar o último concílio ecumênico. Os judeus se afanaram e ainda se ufanam em repelir a pretensa calúnia. Abonamos-lhes as razões da defesa! O trecho da tragédia supõe urdidores muito superiores às forças e à sanha humanas. Anda nela o rabo do eterno inimigo do homem! Quem urdiu a tremenda tragédia do Calvário, foi o próprio Satanás.

Jesus de Nazaré palmilha a Palestina, derramando benefícios a fluxo, mormente em benefício do povo hu-

milde. Jesus, com suas suas e ternas palavras, e mais ainda com seus espetaculares prodígios, seduzia a multidão, como confessa o evangelho. Seus amigos cresciam dia a dia, a ponto de adrontarem seus gratuitos adversários, temerosos este de que o povo proclamasse rei ao humilde filho de Nazaré.

É verdade que o Mestre da Galiléia não poupava aos nojentos e hipócritas fariseus, a quem reprochava e fustigava as múltiplas iniquidades, cobertas com véu de santidade, com as quais se sobrestimavam a todos os seus semelhantes: mas este seu procedimento não lhe minorava a estima e o amor do povo, o qual lhe abonava plenamente seu proceder com os “hipócritas fariseus!

Ora, como explicamos que este povo grande admirador e cheio de gratidão para com o Jesus de Nazaré, chegasse ao cúmulo de pedir, até de exigir a morte infamante a seu grande benfeitor? Lemos que os chefes dos sacerdotes, os escribas e os fariseus açulavam e estumavam o povo a exigirem a morte do Nazareno. Toda essa gentalha não passava de instrumento da sanha de Satanás contra seu inimigo ca-

pital, Jesus!

Lucas, narrada a tentação de Cristo no deserto, termina a narração dizendo: “depois de havê-lo assim tentado, de todos os modos, o demônio apartou-se dele até outra ocasião” - essa outra ocasião foi exatamente no tempo da Paixão de Cristo, tempo que Cristo disse ser a “hora do demônio”!

No tempo da Paixão de Cristo, Satanás se apoderou de Judas, de Anás, de Caifás, dos sacerdotes, dos sinedritas, e através desses lúridos e nojentos bandidos, sublevoou o povo que, torpemente iludido, pediu e exigiu a morte infamante de seu grande Benfeitor, Jesus de Nazaré. Os rugidos ferinos de “crucifica-o, crucifica-o”, não eram vozes do povo, e muito menos desejos do povo: mas sim eram brados satânicos!

“Blasfemou, porque se disse filho de Deus; amotina o povo, levando-o à rebelião! É inimigo de César” - as causas eduzidas para a sua condenação, são acusações satânicas, são rugidos do leão infernal, que não vozes do povo!

A dolorosa flagelação, a coroa de espinhos, a penosíssima viagem ao monte, carregando o humilhante instrumento da cruz, a sangren-

ta crucifixão - tudo isso teria sido poupado ao maior criminoso do mundo, se os agentes do suplicio, fossem simples seres humanos: seres humanos não teriam tratado a um animal tão barbaramente, com tão refinada e organizada crueldade, como trataram ao inocente Filho de Deus: mas, quem supliciava a Jesus, não eram seres humanos, mesmo com o coração de feras - o agente de tudo isso era Satanás.

Não incriminemos aos judeus de criminosos da morte de Jesus! Somente Satanás pode e deve endossar a autoria vergonhosa da grande tragédia do calvário! Satanás, desde o começo do mundo é assassino - como reza seu negro diploma, chancelado pelo próprio Jesus.

Espírito e Cancer

Vou contar um sonho. O sonho é filho do inconsciente. O inconsciente não prima por urbanidade, nem morre de amor pela verdade. Então sonhei. Naturalmente após as mirabolantes façanhas siderais dos filhos do Tio Sam e dos ursinhos da Ursa (União Soviética), devia sonhar na lua! Num instante me surpreendi numa amena praia dum mar lunar: não lhe saberia o nome.

Topei logo com uma perfu-

mosa latada de baunilha. Na entrada, pude soletrar: "Tertúlia dos Cientistas". Assomei à entrada e descobri uma trintena de vultos quase todos encaminhados para a velhice. Fitei-os um instante e logo murmurei com meus botões "Ou estou numa sinagoga de Sion, ou já estamos no seio de Abraão!

Arrisquei um "shalom alleka" (a paz contigo), que foi correspondido por quse todos os presentes. Era um grupo de cientistas, mestres de física e, naturalmente, hebreus! (O dinheiro como a ciência, parece, couberam como monopólio a Israel!)

No grupo descobri um velho conhecido, Sir Isaac Newton, que teve a gentileza de apresentar vários dos presentes: Coulomb, Faraday, Volta, Plank, Eisntein, Maxvell, Perruca e Ampere.

Newton inteirou-me do motivo daquela reunião de ilustres cientistas.

Lá estavam, esclareceu-me Newton, em pacífica tertúlia, representantes dos sábios e cientistas que se destacaram nos estudos do magnetismo, da energia, da eletricidade. A grande semelhança que notavam nas numerosas leis que governam essa trindade física, como também o comportamento das mesmas leis: mais ainda o deparar-se-lhes entre todas as leis, a lei da gravitação universal: os corpos se atraem, na razão direta de suas massas e na razão inversa do quadrado da distância, que separa seus centros de gravidade. Tudo isso levava aos cientistas a pensarem num certo

suporte, em que se enxertariam a gravidade, a energia, a eletricidade e o magnetismo. Os cientistas cuidavam em encontrar um plano físico, em que se unificassem os sobreditos planos.

— Mas será possível encontrar esse plano unificador?- interrompi-o.

— Parece que já está encontrado: só carecemos aplainarmos umas dificuldades que são mais nominaisque reais.

— Qual seria esse suporte ou plano?

— Seria o Espírito, o irmão mais velho ou gêmeo da Matéria. Energia, eletricidade, gravitação e magnetismo acasalasse muito bem com o espírito. O espírito é um ser poteiforme, como proteiforme é sua mãe, a Luz!

O descobridor da famosa lei da gravidade fez notar que não se tratava do espírito conhecido como "pneuma" ou alma intelectual, mas sim de "psique", a alma animal.

O amigo Newton deliciavanos com suas explicações sobre o espírito, quando vimos aparecer mais dois indivíduos, mui conhecidos do crupo cientista: h.Selye e R. Greene, dois egrégios mestres de endocrinologia. Trocaram-se seus "shaloaleka" e eu murmurei entre mim: Aumentou o seio de Abraão!

Foram interpelados acerca das pesquisas que estavam fazendo sobre as glandulas internas.

— Avançamos muito no estudo: nossas experiências nos iluminaram grandemente o

campo endocrinológico. Sobre- tudo o estudo da hipófise nos permitiu nunca suspeitadas conclusões. Podemos revelar- lhes que nossas últimas pesqui- sas nos puseram na pista da caça ao câncer e nos levaram a alijarmos opiniões que nos sor- riam outrora. A conclusão a que chegamos é que nos convém pro- curar a causa do câncer no mau funcionamento das glândulas

endócrinas e sobretudo no tra- balho conjunto das várias glân- dulas.

Selye continuava a falar de suas descobertas, quando Mor- feu, o deus do sono, bateu as asas e cortou o meu sonho tão gostoso, deixando-me a pensar no espírito e no câncer e mais ain- da no suave perfume de bauni- lha, que embalsamava a prai do mar lunar.

Caçadores de Venda

Os caçadores de Vendas é formado por um grupo de ami- gos, que tem por objetivo incen- tivar os proprietários de Vendas e Armazéns antigos, que ainda insistem em existir. O objeti- vo também é incentivar a moda de viola, a roda de amigos e a comida caipira, que é a verda- deira comida cabocla.

Sempre visitam vendas pela região de Botucatu e promovem aquele bate papo gostoso, re- lembrando de um passado não muito distante, onde os povos viviam uma vida mais pacata, mais sim- ples, sem os atropelos dos dias atuais.

Enquanto estão reuni- dos tomam sempre uma boa pinguinha, uma cer- vejinha gelada, ouvindo as mais variadas músicas raízes, músicas caipira mesmo. Tem se notado que o pessoal do lugarejo, timidamente vem se apro- ximando, vem se chegan-

do como querendo participar também. E é esse justamente o objetivo dos caçadores: fazer com que as pessoas daquela lo- calidade junte-se a eles e pos- sam contar um pouco de suas vi- das e suas histórias. Nestas lo- calidades, o povo conta históri- as bonitas. Algumas horripilan- tes é bem verdade. Outras engra- çadas, outras ainda tenebrosas como histórias de assombrações e fantasmas, mula sem cabeça, a mulher que, depois de morta,



A venda em construção

apareceu novamente, e aí por diante.

São pessoas simples, que lutam pela vida, que acordam cedo para trabalhar nas lavouras, nos sítios, fazendas, ou em suas propriedades rurais. Esse é um povo que tem essência valiosa.

Antigamente, se acordava com o rádio logo cedo tocando os eternos Tonico e Tinoco, Raul Torres e Florêncio, Serrinha, Zé Carreiro e Carreirinho e por aí vai... até desaparecer com o tempo.

É muito bom bater um papo com esse povo, como é gostoso ouvir as suas histórias e estórias, entrar numa roda de amigos e ou-

vir o quanto eles podem nos ensinar. Talvez não tenha preço que pague isso.

Muito deles chegam timidamente, sentam ainda sobre os calcanhares, ostentando um cigarro de palha no canto da boca, dá uma cuspidinha no chão e, entre



A venda esteve muito concorrida e lotada de pessoas todas as tardes e noites dos dias 15, 16 e 17 de junho.

uma baforada e outra, contam seus causos também.

Isso não se vê mais na cidade.

A tradição caipira, ao longo dos anos, está se acabando, desaparecendo, o que é uma pena.

O projeto dos Caçadores de Vendas é agir e integrar com esse povo, ver e escutar a sabedoria popular. Começaram com um grupo pequeno e foi se agigantando, onde recebem e levam alegria para muitas pessoas.

Por este motivo, o grupo convida mais e mais pessoas a participarem deste projeto.

Festa de Santo Antonio em Rubião Junior

Este ano de 2012, a tradicional Festa de Santo Antonio, no Distrito de Rubião Junior, ganhou uma inovação que poderá representar nas próximas festas um elemnto a provocar maior afluência de visitantes e turistas da região.

A novidade foi a contrução no ambiente da festa uma Venda de antigamente, construída no mais tradicional estilo caipira, isto é, feita de táboas. Foi a réplica de vendas que eram construídas às margens de estradas próximas de sítios e fazendas, onde ali se reuniam sempre os amigos sitiantes, peonadas, agricultores, pescadores, caçadores, boiadeiros e outros, que ali chegavam para conversar, ouvir causos e cantores de músicas caipiras que, com suas violas, sempre alegravam as tar-

des e adentravam a noite, à luz dos lampiões.

Geralmente aos sábados ali tinha bailes, abrilhantados por sanfoneiros. Quando chegava as festas juninas, ali er ao local onde as pessoas reverenciavam os Santos e as festa iam a noite toda.

A Venda de Rubião Junior foi construída próxima ao terreno da Tradicional Festa de Santo Antonio. Foi batizada de “Venda dos Caçadores” porque foi idealizada e construída pelo grupo de Caçadores de Vendas.

Ali foi servida uma tradicional comida boiadeira, petiscos e o café feito à moda tropeira, que não usa o coador, somente brasas para fazer decantar o pó. Teve várias duplas de cantores e tocadores de viola, contadores de causos, trovadores, tocadores de berrantes, declamadores de poesias, etc.

Pudemos observar o quanto os visitantes ficaram admirados com a sua simplicidade da vendinha que foi ali montada e com os objetos ali expostos.

Muitas pessoas, que tiveram as suas origens no campo ou vivenciaram esta realidade, tiveram a oportunidade de lembrar de como se comprava com cadernetas em vendas próximas aos seus sítios, de como se pagava a conta, anotadas nessas cadernetas, ao final da venda das safras colhidas. Ou como acertavam com o vendeiro o que deviam, pagando com porcos, galinhas ou parte da roça de milho, arroz, feijão, etc.

Foi uma festa de confraternização e encontro de amigos.



*Paulo Sergio Alves
Coordenador do Orçamento
Participativo do Município de
Botucatu*

10 anos de Orçamento Participativo em Botucatu

Este ano de 2012 o Orçamento Participativo do Município de Botucatu completa 10 anos de implantação e estamos comemorando muitas conquistas no processo de Democratização no Orçamento Público Municipal, e na prática da cidadania exercida diretamente pela população.

E no ano em que OP faz

aniversário a Gestão Atual inovou no processo da participação popular no município desde sua metodologia aplicativa, com reserva dos recursos a serem destinados para a população por secretaria e envolvendo as associações de moradores e o Conselho de Desenvolvimento Rural com os produtores rurais, buscou parceria com a SABESP para obras de saneamento demandada pela população e instituiu o Orçamento Participativo Jovem levando ao conhecimento de mais de 3000 jovens das escolas de ensino médio públicas e privadas como é o processo do Orçamento Participativo e suas aplicabilidades e que os jovens tem espaço para se posicionar e ajudar o prefeito construir a cidade que ele querem para o futuro foi um sucesso elegemos 21 prefeitos (as) que irão passar um dia inteiro com o prefeito municipal tendo a oportunidade de conhecer as atividades do dia de um prefeito mas tendo como objetivo principal ensiná-los a prática da cidadania, solidariedade e o exercício para vida pública.

Oswaldo Moreira Pagani

No dia 02 de agosto de 2012, a Revista Dimensão Alluminatus entrevistou Oswaldo Moreira Pagani, vereador por 24 anos (5 legislatura) e mais dois anos como assessor da presidência. Funcionário aposentado do DER, 80 anos, casado, pai de cinco filhos, 10 netos, 4 bisnetos.

É, juntamente com Jairo Luiz de Andrade, uma das figuras mais antigas, ainda vivas, da política botucatuense.

Oswaldo nasceu em Camba-
rá, Estado do Paraná, em 1928.

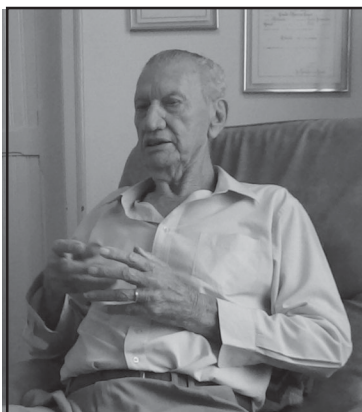
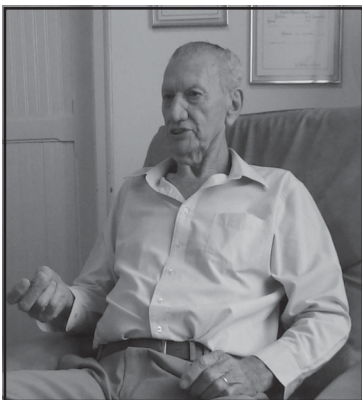
Passou a infância e a juventude nesta cidade, onde sua família era proprietária de uma fazenda, da qual, seu pai, Aurélio era o administrador. E foi aí também que aprendeu o ofício de mecânico.

Aos 12 anos, sua família mudou-se para Santa Mariana, perto de Cornélio Procopio.

Aí aperfeiçoou o ofício de mecânico e, aos 18 anos, veio para Botucatu, para morar com o tio João Moraes, ferroviário, e tentar a sorte.

Em Botucatu trabalhou como mecânico na Agência Internacional, de Alberto Losi. A seguir, a convite do gerente da Ford, foi trabalhar nesta empresa. Incentivado pelo tio de sua esposa, prestou concurso para o DER, onde se aposentou.

Neste período, foi diretor da



Associação Atlética Botucatuense junto com o Dr. Antonio Delmanto.

A sua vida política começou exatamente no dia em que o Dr. Antonio Delmanto, saindo candidato a prefeito para enfrentar Lico Silveira, pediu-lhe que fizesse parte de sua chapa de vereadores, para o ajudar.

Apesar de ser sempre o mais votado como vereador, à época, o Dr. Antonio Delmanto não conseguiu se eleger prefeito. Mas Oswaldo foi eleito vereador.

Mesmo como vereador continuou como diretor da Associação, atividade que desenvolveu durante 40 anos e que o ajudou

a se integrar com a população e a ser eleito vereador repetidas vezes.

A sua participação na política botucatuense como um dos seus mais destacados personagens, se encerrou no dia em que o seu filho, Luiz Aurélio Pagani, o Lelo Pagani, incentivado pelos companheiros unespianos, resolveu seguir o caminho do pai e candidatar-se a vereador em 2004.

O que não foi uma surpresa para Oswaldo, pois o Lelo sempre o havia acompanhado nos seus 26 anos de política. Sempre soubera observar, ouvir e aprender com o pai.



Companheiros da política (1973)

Desde então, dedicou-se a acompanhar o trabalho do filho Lelo Pagani, hoje ocupando uma das 11 cadeiras na Câmara Municipal, e a ajudá-lo no que fosse possível.

Segundo Oswaldo, ele acalenta o do sonho de ver o seu filho um dia ocupando a cadeira de prefeito de Botucatu. Acredita que ele esteja preparado para essa função e, na sua opinião ele seria um ótimo prefeito.

E aproveita a oportunidade para deixar um recado ao filho:

— Lelo, sendo eleito, você terá que estar em São Paulo e

Brasília para buscar dinheiro e obras para Botucatu. Nada de se acomodar. Prefeito que fica sentado na Prefeitura não consegue nada!

Oswaldo acredita que a votação expressiva que o filho obteve na última eleição para deputado (20.000 votos), já o credencia a ser incluído como possível candidato a prefeito. Acredita que esse foi um recado dado pelo povo, que é soberano:

— O Lelo tem faculdade, tem feito ótimo trabalho como vereador, nada mais justo do que almejar a candidatura a prefeito.



No Palácio dos Bandeirantes, acompanhado dos botucatuenses D. Zioni, Plínio Paganini, Agnelo Audi e Neder Filho.

Quando fui entrevistado pelo Carlos Pessoa, do Jornal Diário da Serra, ele me perguntou se não havia nenhum conflito com o fato do Oswaldão ser da Arena, do PDS e o Lelo do PT. Na ocasião disse que o mais importante do que a sigla é o homem. Se possui qualidades como ser um bom homem, dedicado, se ele é confiável, se tem capacidade administrativa e uma visão ampla do que o povo realmente precisa.

Na política, a pessoa tem que ser honesta e atender a todos.

Portanto, não vejo problema em ele ser do PT. O que importa realmente é que não seja corrupto.

Tenho hoje 80 anos e digo que foram anos bem vividos. Trabalhei muito para criar e estudar os meus filhos. A gente espera que eles se formem, que possam ser encaminhados na vida. E, graças a Deus, acredito ter conseguido o meu objetivo. Hoje posso dizer que estou feliz. E mais feliz ficaria se pudesse ver o Lelo eleito prefeito de Botucatu.



150 anos da Câmara Municipal. Da esquerda para a direita: Mara Pires, Lelo Pagani e Oswaldo Pagani

Botucatu Capital do Sul

1919

Só em março de 1919 é dignamente comemorada em Botucatu a vitória aliada na Guerra Mundial, consumada em outubro de 1918. Como vimos, foram muitos os problemas então ocorridos. Na seção “Leituras”, ao fim deste artigo, há uma conclamação a essa festa.

A vida retoma sua normalidade. “Assustados” no Recreativo, no 24 de Maio e no Grêmio Normalista, “domingueiras” no Grêmio 21 de Abril. O Normalista era muito ativo. Inclui, em suas atividades esportivas, o “basket-ball” feminino, o que provoca muitos comentários.

As festas de Santa Cruz, em maio, com missa, procissão, reza, leilão, batuque. As do Sagrado Coração de Jesus, em junho. E as beneficentes, que se estendiam por todo o ano, patrocinadas pelas irmandades religiosas “Amor e Reparação” e “Irmandade São José”, muito atuantes, além da Assistência aos Morphemicos, jamais inativa.

Nesse ano se funda o Centro Operário Ferroviário dos Empregados da Sorocabana, que passa também a promover festas beneficentes.

Em julho eram realizadas as festas de Sant’Anna e do Divino, que ainda eram tradições



Trajano Pupo

Nasceu em Botucatu a 05 de setembro de 1938. Filho de Trajano Pupo Junior e de Nina de Noronha Figueiredo.

Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela USP e em Ciências Médicas e Biológicas pela FCMBB, atual UNESP. Bolsista do CNPQ para Curso de Pós-graduação no Instituto de Geociências da USP. Bolsista do Governo Alemão para o Curso “Aspectos Jurídicos e Econômicos da Nova Alemanha”, nas Universidades de Berlim, Heidelberg e Tübingen. Professor concursado da FCMMB, atual UNESP, na cadeira de Geologia e Paleontologia. Historiador e cronista.

botucatuenses, com missa cantada, procissões, carros de lenha, leilões, queimas de fogos. Nesse ano, além da banda botucatuense, tocou também a de Avaré, sempre na Praça Rubião Júnior, onde estava o coreto. **(Nota do Editor: o que comprova uma tradição histórica, pois,**

até hoje as comemorações festivas municipais são realizadas naquele largo)

Um dos acontecimentos culturais expressivos foi o Concerto realizado no Cine Theatro Casino, com Arminda Roubaud ao piano (também apresentando números de canto), Maria do Carmo Ramalho tocando a Fantaisie Impromptu, de Chopin, Luiz Castro Azeredo, ao violino, e Vicente Moscoiati, com sua já famosa flauta.

1919 foi um ano bem esportivo, talvez para combater a tristeza do ano anterior. O Sport Club Internacional, “o glorioso da Villa dos Lavradores”, promove uma festa para auxílio à Escola Operária, formando dois quintetos femininos de basket-ball”, o Verde e o Amarello. Resultado surpreendente do jogo: 0 x 0!

O “Correio de Botucatu” assim se manifesta: “Ao nosso ver, todas jogaram bem, notando-se mais combinação no quadro amarello. A linha de ataque do quadro verde jogou combinada e si não fora a falta de calma, quem sabe si conseguiria aninhar a esfera na cesta amarella, nas vezes que foi este team punido com faults”.

Além do S.C. Internacional e da Associação Athletica Botucatu (que em novembro passa a chamar-se A. A. Botucatuense), havia o Sport Club Paulista, o Três Quarteiros, o Sport Club Palestra Itália de Botucatu e o Americano Foot-ball Club (re-

cém-fundado e presidido por Francisco Venditto).

A A. A. Botucatuense normalmente jogava com Zanello, Clodô e Nervoso.

Febre tifóide (9 casos), tuberculose (12) e disenteria (6), ainda são doenças temíveis. Há um declínio da escarlatina, coqueluche, difteria, sífilis, impaludismo, tétano, ainda ocorrentes, mas com 1 ou 2 casos letais cada uma delas.

Este ano apresenta um caso de Suicídio; 15 de mortes violentas. Ocorrem 925 nascimentos e 133 casamentos.

A Delegacia Regional de Polícia identifica 166 pessoas, abrindo então 102 inquéritos: homicídios (7), ferimentos (13), furto (5), apropriação indébita (3), suicídio (1), desastres (2), acidentes de trabalho (2), violência carnal (17), abegiao (roubo de gado) (5).

O médico-legista era o dr. Olyntho de Castro Monteiro de Carvalho, que nesse ano realizou 145 cirurgias e autópsias.

Quanto à Educação, a Lei Municipal nº 232, de 21.07, instituiu a obrigatoriedade do ensino primário para crianças de 7 a 12 anos, excluindo aquelas moradoras a mais de 3 km (meninos) e 2 km (meninas), as físicas ou intelectualmente incapazes e as doentes com isolamento. A multa aos contraventores (pais, tutores, patrões, etc) era de 50\$ ou pena de prisão máxima de 8 dias (mas o município

não podia legislar em matéria penal...).

As escolas primárias municipais (distritais e rurais) eram: Monte Selvagem, Feminina da Estação, Masculina para Adultos, Córrego Fundo, Mista do Lageado, Descalvado, Mista de Victoria, Masculina de Villa Victoria, Santa Cruz, Mista da Barra Mansa, Mista de Rubião Jr., Mista da Pratinha, Masculina da Prata, Feminina do Espírito Santo, Mista de Sorocaba (bairro rural do Santo Antonio), Mista do Limoeiro, Mista do Alambary. Ao todo, 17.

A Società Italiana di Beneficenza organiza um curso de educação física, incluindo desenvolvimento muscular, ginástica, boxe, luta greco-romana, saltos, velocidade, lançamento de disco e dardo, música e canto associados à ginástica.

O presidente Adeodato Faconti conclama a população: “Abbandonate quindi per un instante le vostre speculazioni finanziarie...” O instrutor é Marcello di Valverdi. Meses depois é fundado o Palestra Gimnastica, com exercícios na sede da Società, na esquina da General Telles com a Independência (atual Victoriano Villas Boas), canto sudoeste. Marcello é o instrutor.

A Escola Superior de Commercio, que forma guarda-livros, ministra aulas de Português, Francês, Espanhol, Italiano, Inglês e Alemão, além das

cadeiras próprias do ensino comercial.

“O Estado de São Paulo”, de 25.09.1920, publica um artigo intitulado “Como São Paulo trabalha”, apresentando um relatório da E. F. Sorocabana, do qual extraímos alguns dados, sobre o número de passageiros embarcados nessa estrada de ferro:

Todo o progresso do oeste paulista estava baseado na expansão das estradas de ferro. E Botucatu sediava as Delegacias Regionais de Ensino, Saúde e Polícia (também a de Agricultura, logo depois), abrangendo a média e alta Sorocabana e boa parte da Noroeste. A de Saúde abrangia também Sorocaba.

Em jogos intermunicipais, o Internacional bate o Mayrink, por 3x0, e a A. A. Botucatu vence a A. A. Avareense por 1x0. Neste jogo, como era costume, veio a banda Avaré, com os jogadores.

As reuniões festivas eram sempre alegradas pelas cervejas do Bacchi: Vencedora, Botucatuense e Brasileira (mais baratas); Crystal, Muenchen e Moreninha (estas duas últimas escuras), que custavam um pouco mais.

O açúcar, nessa época, era dividido em 4 categorias: mascavo, a 48\$ o saco, redondo, a 57\$, cristal, a 66\$, e filtrado, a 71\$.

Depois das geadas de 1918, com danificação de 80% dos ca-

feiros, o algodão passa a ser mais cultivado, por ser cultura anual. Em junho começa a funcionar, junto à Cervejaria Bacchi, uma grande e moderna máquina de beneficiar algodão. Antes só havia benefício de café e arroz (14 máquinas).

Muitos agricultores põem suas fazendas à venda, pressionados pelas dívidas. A Fazenda Paraizo (antiga Serrote), no Espírito Santo do Rio Pardo (Pardinho), com 103 alqueires de terras de culturas, é vendida por 10:350\$ (100\$ o alqueire). A São Pedro, com 141 alqueires, é negociada por 14 contos de réis (14:000\$000). Os cafezais são vendidos a quatrocentos réis o pé (\$400), e sabia-se que o custo de formação de um pé em produção era muito maior que isso. Paióis eram avaliados em 300\$, tulhas em 400\$, casas assoalhadas e telhadas, em 800\$, quando um trole “crombuc” (Kraembull), de Piracicaba, valia quase um conto de réis (1:000\$)!

Há um surto de pneumo-enterite dos bezerros. A Prefeitura pede vacinas para a Secretaria de Agricultura e as distribui gratuitamente. O surto é logo debelado.

Quanto às atividades sanitárias, a Delegacia Regional de Saúde, instalada no ano anterior, promove desinfecções diárias dos quintais, furando latas, examinando as condições das fossas, multando os infratores. Os prédios vazios são pe-

riodicamente desinfectados. Quando há mudança de domicílio, as desinfecções são obrigatórias.

Ocorrem 606 óbitos no município, nesse ano, boa parte ocasionada por “mollestias mal definidas” (261). Seguem-se, como “causa mortis”: afecções do apa-relho digestivo (100), do aparelho respiratório (49), gripe (44), afecções do sistema...

Em 1919 aparecem dois jornais lítero-humorísticos: “O Pharol”, de 03.08, e “O Parafusinho”, anunciado em 23.11 por “O Ronco”, mas que não sabemos se realmente circulou. Já havia o “Semanário Oficial”, órgão da Prefeitura Municipal.

LEITURAS

Enfim vamos ter, num dia gordo, com bandeirinhas pelos bambus, e vivas pelas boccas, o momento mil vezes almejado para, dando aza ao nosso nunca des-mentido patriotismo, encheremos ruas e ruas que vão das escadarias do Sta. Cruz ao monumento da Annita, de vozes, de notas e de himnos!

E havemos de patentear bem alto o nosso valor, a nossa perseverança e a nossa glória... de “torcedores” que, em quase cinco annos de anceios, devoramos avidamente, desesperadamente, quotidianamente, todas as mentiras que os jornaes fabricavam para regalo de seus leitores, e que com o coração na mão (figuradamente) soffremos a avançada germânica até Paris; e to-

dos os horrores, e todas as desgraças da retirada ao Tagliamento, vimos e presenciamos ... com os olhos dos correspondentes de guerra dos jornaes que líamos. E que alegria quando soaram os hymnos da victoria! Pois animados dessa alegria, desse entusiasmo, dessa perseverança e patriotismo, que vamos gritar, e muito, no pedestal “gothico” (nada ha que agradecer) do monumento, vivas à nossa victoria, ao nosso valor, à nossa glória infinita!

E viva o nosso aeroplano!

E viva o nosso submarino!

Vivôôôô!

Tarachim, taratachim, taratachim! Chim! (cae o pano).

“Correio de Botucatu”, 15.03.1919.

1920

O prefeito Nicolau Kuntz (amandista) faz abrir um campo improvisado, nos altos da Boa Vista, para descida do avião pilotado por Orton Hoover, da Escola Civil de Aviação, de São Paulo. Veio de Tietê, num Curtiss 102.

Quanto à agropecuária, o Posto Zootécnico de Botucatu, dirigido por João de Oliveira Martins, oferece reprodutores eqüinos, bovinos e suínos (Duroc-Jersey), a preços módicos, para melhoramento dos plantéis.

Alguns dos maiores plantadores de café eram a Cia. Cafe-

eira Paulista (Prata), com 320.000 pés, a Cia. Agrícola Botucatu (Morrinhos), com 450.000, Joaquim Franco de Mello (Fazenda Mattão), 194.000, Irmãos Pinto de Barros (Fazenda Bello Horizonte), 168.000, e Gustavo Lara Campos (Fazenda Santa Maria), 156.000.

O dr. Waldomiro de Oliveira, Delegado da Saúde, muito requisitado pelas cidades do vale do Tietê, mais assoladas por doenças contagiosas, alega que o vale, por seus problemas sanitários peculiares, está sujeito ao Serviço de Profilaxia do Estado de São Paulo. (Em 1923 é recriado o Dispensário, anexo à Delegacia Regional, para atendimento dos casos de doenças contagiosas e sua profilaxia). Há casos de maleita em Tietê e outras cidades ribeirinhas, inclusive Anhembi.

A Delegacia de Botucatu então abrange 52 municípios, numa área de 107.023 km².

Nesse ano é instalado o Posto Antitrachomatoso, na Avenida Sant’Anna, onde funcionava a antiga Delegacia de Saúde. Em setembro já atende 130 doentes, faz 2.089 curativos e 11 cirurgias. O tracoma é uma oftalmopatia infecciosa, então muito comum nas zonas agrícolas.

Chega mais uma parteira, Julieta Marques de Oliveira Ventura, e mais um médico, o

dr. Edmundo de Oliveira. Duvílio Leão presta seus serviços como Desinfectador da Saúde. Amália Lorenzetto, parteira mais antiga, passa a atender na Maternidade Botucatuense (uma instituição beneficente, não maternidade propriamente dita), à Avenida Sant'Anna, 15.

À testa da Delegacia Regional de Polícia, o dr. Heitor dos Santos. Promotor Público, o dr. Alcides Ferrari. A Comarca abrange os municípios de Botucatu, Anhembi e São João do Itatinga, numa área de 3.580 km², com 55.358 habitantes.

Para o Recenseamento de 1920, Botucatu sedia uma Delegacia Seccional com 19 Comissões Censitárias, abrangendo 9 municípios.

O município de Botucatu apresenta então 14 grupos escolares, sendo 5 masculinos, 4 femininos e 5 mistos. Das 5.583 crianças de 6 a 12 anos, apenas 1712 frequentam escolas (30%). E isto num município-sede, considerado bem provido de escolas!

Das 10 sedes paulistas da Secretaria de Obras Públicas, Botucatu é a nº 9, sob a direção do engenheiro José Alves Feitosa.

Em julho, Alberto de Campos Mello rescinde contrato com a Prefeitura, interrompendo as obras de calçamento da Rua Riachuelo e da Avenida Floriano Peixoto, alegando ser

o preço contratado insuficiente. A Câmara toma a si a incumbência.

No Casino houve outra apresentação de Cornélio Pires, com "causos", músicas, versos. "Branca de Neve", opereta infantil em três atos, é representada pelos alunos do Grupo Cardoso.

Trabalham também na beneficência o Centro Espírita Salvador da Caridade, a Loja Maçônica Guia do Futuro (que mantém uma Escola Nocturna na Rua do Collegio, atual Leônidas Cardoso), a Assistência aos Morpheticos (que mantém a Colônia para isolamento e tratamento desses infelizes doentes). Em novembro é fundada a Sociedade São Tobias, que passa a doar caixões fúnebres para os pobres.

As filhas de Maria organizam uma biblioteca para os presos. Baptista de Santis dirige o Centro Operário de Botucatu, também com finalidades beneficentes. O Festival, organizado pela A.A. Botucatuense, com apoio do "Correio de Botucatu", arrecada 602\$000 para os flagelados nordestinos.

O "Cidade de Botucatu", de 27.03, publica uma crônica em que critica o comportamento da torcida botucatuense, nos jogos com adversários de fora. "Não escapa nenhum typo dos onze players: um será "Chico Bóia", outro "vaca brava", outros "en-

graxate”, “tripeiro”, “gallo de briga”, “cabelludo”, “pimentão”, “apaga vela”, “pipa” etc etc ...”, e “... assim como é o nosso club o campeão da zona, assim também sabe vencer não só pela força physica, como também pela real educação”.

O campeão da zona era a A.A.Botucatuense. Esta, num de seus jogos nesse ano, empata em 0x0 com a Associação Sportiva Argonautas, de São Paulo. No fim do jogo a torcida, entusiasmada com os grandes lances ocorridos, queria o prosseguimento, até o desempate (estavam inventando, já naquele tempo, a “morte súbita”), mas os capitães dos times, depois de longa deliberação, não concordaram.

O Paulista Foot-Ball Club, outro forte esquadrão botucatuense, vence o Club Athletico Tieteense, por 3x0. “O Juvenil”, jornal esportivo de Tietê, acusa o Paulista de ter usado 4 jogadores da Botucatuense, campeã regional. De fato, aparecem na escalação: João Branco, Pedro de Castro, Accacio Pinto e Paulo Coelho.

Alguns resultados da Associação nesse ano: vence o E.C. Concórdia (2x0), o Argonautas (2x1), o Perdizes F.C. (3x0), todos de São Paulo, e o Noroeste de Bauru (2x0 e 7x0), a A.A.Sãomanoelense (2x1) e o Savoia de Sorocaba (3x1). Empata com este (3x3) e perde para

o Rachou Team(1x2) e o XV de Piracicaba (0x1).

No fim do ano, juntamente com o Sport Club Paulista, se filia à Associação Paulista de Esportes Atheticos (APEA).

Além desses clubes, tínhamos o Internacional, da Villa dos Lavradores (vencido duas vezes pela Associação, por 1x0 e 3x1), o Americano, o Alliança, o Sport Club Prateano (da Prata) e o Club 2 de Julho (presidido por Hugo Puccinelli).

Os clubes vão aportuguesando seus nomes: não mais Sport, Club, Athlectic, Foot-Ball, mas Esporte, Clube, Athletico, Futebol. No ano seguinte todos aparecem com nomes já aportuguesados.

Os plátanos da Riachuelo (também já chamada Amando de Barros) são cortados, para não haver prejuízo desse calcamento. São árvores que assumem grande porte, inadequadas para ruas. No Bosque ainda há dois exemplares, um de cada lado da estátua de Emílio Pedutti.

Fala-se de “calvicie proeminente” do Largo de Santa Cruz (Bosque): “... porque é expressamente proibido pizar na grama que não existe no L. de Santa Cruz?”

Campos Mello, engenheiro, publica então o livro “Considerações sobre Estradas de Rodagem”, dedicado ao presidente do Estado, Washington Luiz. Im-

presso nas oficinas do “Correio de Botucatu”.

As prefeituras de Piratinin-ga e Tietê isentam de imposto, por um certo número de anos, as construções que se fizeram, para habitação. A prefeitura de Botucatu é exortada a fazer o mesmo, pois o aluguel de casas, aqui, é considerado caríssimo. “Qualquer casinha ahi custa o mez de ordenado do inquilino”.

Vereadores eleitos: Nicolau Kuntz, Manoel Fernandes Cardoso, Carlino Oliveira, Antonio da Rocha Mattos, Antonio Moura Campos, Joaquim da Neves Pinhão, Pedro de Barros e Ar-mindo Cardoso.

Falece o cel. Amando de Bar-ros, esteio do amandismo duran-te muitos anos.

Homem de grande têmpera, de incomum capacidade de tra-balho, de espírito sempre volta-do para os interesses públicos, sagaz político, caridoso com os necessitados.

É ordenado o padre Salustio Rodrigues Machado, que exerceria papel de relevo em toda a Diocese de Botucatu.

Aprovado o Orçamento para 1921 – 347:200\$000.

Em 1920 aparece um jornal noticioso, “Da Cidade às Serras”, que não durou muito. No aniversá-rio do Clube 24 de Maio é edi-tada a revista “Polyanthea”, co-memorativa da posse da nova diretoria, com redação de Atali-

ba Pires do Amaral, Aluizio de Azevedo Marques e Eurico Levy de Almeida. Sai também o “Al-manack de Botucatu”, sendo Augusto Magalhães seu propri-etário e redator. Papel cuchê, 280 páginas, ilustrado. Tiragem de 10.000 exemplares, a 5\$ cada. Foi o grande acontecimento edi-torial da época. O Clube dos Homens de Cor de Botucatu edi-ta seu jornal, restrito a poucos números. Em junho sai o 1º nº de “Associação”, órgão oficial da A.A. Botucatuense. Surgem tam-bém 3 jornais lítero-humorísti-cos: “O Ferrão”, em 29.02, “A Tarde”, “A Bigorna”.

Leituras

“A Eletrificação da Paulista

A Companhia Paulista de Estrada de Ferro, tendo em vista a escassez de carvão e a crimi-nosa devastação das nossas flo-restas, firmou contracto com a S. Paulo Electric Co. para o for-necimento de energia electrica para a electrificação de suas li-nhas.

Assim, a Paulista, que é obra de companhia brasileira e admi-ravelmente administrada por brasileiros, passando por ser, talvez, a melhor estrada de ferro do Brasil, introduzindo esse melhoramento em suas linhas, vem mostrar que companhias dessa natureza, entregues em mãos de brasileiros, devem pros-

perar mais e muito mais que em mãos de estrangeiros que apenas desejam “a exploração delas ...

“Correio de Botucatu”,
3.1.1920”

* * *

“Quando a Sorocabana passou a ser administrada pelo Estado, o povo desta zona voltou-se cheio de esperança para o novo dirigente da Estrada. Difícilmente se poderia crer que ainda houvesse um grau de relaxamento mais baixo do que aquelle em que chegara a Estrada. Era o auge do desleixo, pensava-se. Mas o governo, presumpçoso de que dirigiria melhor esse caminho de ferro, tomou conta delle ... E para espanto de todos, o serviço peorou!

Hontem, era o desleixo ... hoje, para bem dizer o estado em que chegou a Estrada, ao thema “leixo”, é pouco juntar-se o prefixo “dês”, mas “cem” ... “cem leixo” está hoje a estrada, e em via de “mileixo”! ... Um horror! Um telegrama há pouco enviado de Avaré para esta, às 11 horas, chegou as 21:40 horas, para então chegar ao destinatário, quando em menos de 3, uma carta posta na estação de Avaré pode chegar à desta cidade! E não é só isso. Um cesto com frangos despachados daqui para uma cidade visinha, chegou ao desti-

no com tantos frangos menos dois.

Ainda há pouco, por um conto e seiscentos mil réis se contractou com a Estrada um trem especial para uma viagem Botucatu-Bauru, com 5 carros de primeira classe. E a Estrada enviou carros de segunda, com exceção de um, e recebeu o “cobre”, como se todos fossem de primeira. De desleixada passou a ser até tram-po-lineira, a Sorocabana!

Bem poderá, a Companhia, ex-arrendataria da Sorocabana, dizer agora:

“Atraz de mim virá” e etc. “

Ahi... Tomei um solavanco na barriga! Não vi o degrau...

* * *

– Meus senhores. Graças à generosidade de S. José que fez parar a chuva do céu onde o gaviãozinho paira...

– Chiii!

– ... podemos dar começo ao leilão em benefício da festa do milagroso S. José, com este soberbo prato de pudim. Quanto me dão por este pudim com prato e tudo?

– Déstão!

– Milecem! ...

* * *

– Eu contei pro padre que tinha feito promessa de tirar a Titinha que estava vestida de anjo, em frente a S. José, depois

da procissão ... e elle me disse
“Boa lembrança!”

* * *

– Déstão! Déstão! Quanto
mais me dão pela batata?

– Mil e duzentos pro Nello!

– Mil e quinhento pra não sê
pr’elle!

– Dois mil réis pro Zelão!

– Desça da cerca, moço!

– Dois mil réis, dê-le uma ...

– Dois mil réis, dê-le duas ...
e trez.

– Tarará tatatatá... (A banda
principiou um tango. O Zelão
recebe a batata, rindo).

– Um copo de cerveja do Bac-
chi! Quanto me dão?

– Quinhentos!

– Oito ...

– Uno mila réis!

– Milecem pro Floriano!

– E quinhentos pro Bologni-
ni!

– E setecentos pro Floriano!

– Dois mil réis pro Bologni-
ni!

– Dois mil réis! Dois mil réis!
Dê-le uma ... duas ... e trez.

– Porca miséria ...

* * *

Tam ...bu, tam ... bu ...

– No arto da laranjeira

Meu amô foi direitino...

– Só por causo de uma flô

Machuco-se nos espinho ...

– Ai!

– E ferro véio – Godênço,
nego! Num desminta!

25.03.1920.

* * *

Uma casa de banhos poz na
taboleta: Banhos frios: para se-
nhoras, quentes, com lençol a
2\$000.

Observaram-lhe que a reda-
ção estava ruim; no dia se-
guinte dizia a taboleta: Ba-
nhos frios. Também temos
para senhoras a 2\$000, quen-
tes com lençol.

Observaram-lhe que a em-
enda ficou pior que o soneto e
o homem desesperado escrevia
no outro dia:

Banhos frios. Com senhoras
não queremos negócios nem fri-
os e nem quentes, nem por 2\$000
e nem por dinheiro algum e nem
com lençol e muito menos sem
lençol.

“Correio de Botucatu”,
14.02.1920.

* * *

Ao arrebentar-se pipoca, cos-
tumava-se recitar:

“arrebenta pipoca, Maria
Sororoca, seu pai era zaroio, sua
mãe véia coroca”.

* * *

NA FESTA

No domingo, depois da pro-
cissão, à noitinha. Em frente à
egreja e dentro della, o povo en-
che todos os cantos. O vento

balouça as bandeirinhas da rua de bambus, improvisada. No pé de bananeira que enfeita a mesa do leilão, um frango allí amarrado se esperneia e grita. Mais adiante, um grupo de pretos estica o couro do tambu, experimentando o : “tam... bu, tam... bu”.

- Um quentão!
- Mecê tamein num qué?
- Beba!
- Antão que vá!...
- Tá fria e sem gengibre...
- Porcaria...
- Ladroera...

* * *

Repicou o sino. A música tocou alegremente. O povo de dentro da igreja vae sahindo aos magotes.

- Hi! Parece que vai chover!
- Num largue de mim Zezinho, que você se perde, menino...

* * *

AMORES ... AMORES

Não rezando pela mesma cartilha do fadista que tudo perdoa aos apaixonados, a nossa polícia move agora uma campanha contra os namorados de alta hora, que andam “perturbando a paz dos campos” e offendendo o olhar das que “viveram sós, das que morreram puras” ...

E faz a polícia muito bem, porque por ahí existem “moços

bonitos” que, em arrojados “vôos”, abusam do “americanismo” de muitas mocinhas tolas e cheias de idéias ... “cinematographicas”, andam pelos jardins e praças em namoros verdadeiramente escandalosos, tornando-se tão prejudiciais para o decoro das famílias, como os “almofadinhas” da paulicéa.

Já muita gente “boa” tem levado o seu susto, com a acção da policia ... e ao que se diz, na reincidência, aquella não perdoará nem “por decreto” e enviará o reincidente com coração e tudo curtir saudade no “decançado reino” onde o Maranhão impera.

“Correio de Botucatu”,
25.02.1920.

Nota: o Maranhão (João) era o carcereiro da Cadeia Pública.

1921

Nesse ano volta à atividade a Banda São Benedicto, regida pelo maestro Horacio Leite, com ensaios na Rua Curuzu, 69. Durante muitos anos fora regida pelo maestro Primo Carniti, que vem a falecer em março, em São Paulo. Residiu em Botucatu desde o começo do século. Nasceu em Bérghamo, Itália, em 1866. Formado pelo Conservatório de Milão, compôs “Marcha Fúnebre” (1896), “Mercado” (medalha de ouro no Concurso Musical Verdi-Carlos Gomes, em São

Paulo), “Tramonto”, fan-tasia, e as então famosas valsas “Sonho de Amor” e “Beijo de Amor”, que costumava apresentar quando regia a São Benedicto. Deixou em Botucatu muitos discípulos.

O Clube 24 de Maio se transfere para o Theatro Santa Cruz, um prédio imponente que existia na parte alta do Bosque, e de onde saíra a Delegacia de Saúde.

É fundado o Circolo Italiani Uniti, com presidência do professor J.B. Vittone.

É extinta a Sociedade de Senhoras Auxiliadoras da Maternidade Botuca-tuense, que durante muitos anos protegeu as mães pobres. Seus bens são repartidos entre as sociedades beneficentes da cidade: Misericórdia, Assistência aos Morpheticos e Casa Pia São Vicente de Paulo. É fundada a Loja Maçônica Cel. Baptista da Luz.

Antonio José de Campos, veterano da Guerra do Paraguai, mendiga nas ruas.

– Ai!
 – No Bairro do Lavapé
 Ta uma turma de cigano ...
 A ropa da cuzinhera
 Lava duas vez por anno ...
 Ai!
 A ropa da cuzinhera
 Lava duas vez por anno ...
 E Lorenquinho, babando e pengo, continua:
 – Andei mundo, corri terra

Já morei longe da minha ...
 O que há de sê tem força:
 Mecê, nega, há de sê minha

* * *

Eh: Zuera! Esquenta corpo!
 Sapateia, saparia.

Botucatu. V.X.1920.

Notas: o tambu é um tambor longo, usado nos batuques; dêstão: dez tostões (um mil réis); milecem: mil e cem réis; Lorenquinho: a figura mais popular da cidade, que andava cantando pelas ruas, geralmente embriagado.

A CHUVA

Eu amo as chuvas fortes, torrencias,
 dessas chuvas que tombam tagarelas,
 e cantam nas vidraças das janellas
 tangos, dobrados, marchas funeraes.

As chuvas para mim são musicaes.

Accordes e canções eu sinto nellas.

As garoas são rezas e as procellas
 rufles de tambor, hymnos marciaes.

À noite, às vezes, soa a harpa dos ventos,
 chora o violino, a flauta, o piano, chora
 uma orchestra de estranhos instrumentos.

E eu, só, de olhos molhados

e alma viuva
 adormeço a sonhar, ouvindo
 fora
 a serenata olympica da chu-
 va.

Astrogildo César. 1920.

É fundado o Esporte Clube Guarany, da Sociedade dos Homens de Cor de Botucatu. Seu primeiro presidente é Benedicto Fonseca.

Botucatu se torna sede da IV Circunscrição Agrícola Federal, tendo como chefe o engenheiro-agrônomo Rogério Carmargo. Tem como finalidade distribuir questionário para os 50 municípios circunscritos, abrangendo a Sorocabana e a Noroeste, atender consultas, colher amostras de terras, fornecer mudas e sementes de fruteiras, madeiras, óleos, resinas, gomas, fibras. Incumbe-se também de organizar mapas agrológicos, colher amostras dos produtos agrícolas para o Ministério da Agricultura, Indústria e Commercio, montagem de máquinas agrícolas, máquinas de benefício de café, arroz e algodão, e outras funções semelhantes, sem qualquer despesa por parte dos lavradores. Tinha preferência os inscritos no Registro de Lavradores e Industrias Connexas, do Ministério da Agricultura. A Circunscrição atendia na Prefeitura Jardim do Largo da Liber-

dade (atual Praça Coronel Moura).

Fotografado por Henrique Eggert. C. 1920. É auxiliado e homenageado pela Associação de Escoteiros. Cornélio Pires, sensibilizado pelo gesto dos meninos, promove uma de suas Conferências Caipiras, no Cine Theatro Casino, em benefício dos veteranos.

Sotero de Freitas, o popular Suté, vendedor de bilhetes de loteria, certo dia faz sua venda pela Riachuelo, apregoando números, nomes de bichos (o macaco, a brabuleta ...), sempre olhando com atenção tudo que passa à volta. Quando passa defronte a Typographia Commercial (a meio quarteirão do bosque, subindo a rua), percebe um enorme fardo de papel, perigosamente pendente de um caminhão, que fazia a descarga para a tipografia. Uma criança, com passinhos ainda vacilantes, passa junto ao fardo, que oscila. Suté põe-se a correr, no seu jeito desengonçado, artrítico, gritando desesperadamente: “a criança, a criança!” Os descarregadores correm, rapidamente, sustentando já no ar o grande fardo. A criança é salva. E o humilde Suté teve seu momento de reconhecida glória.

Combatendo os figurinos estrangeiros vendidos no comércio, a “Cidade de Botucatu”, de 12.03, publica: “Não é a corriqueira de um figurino impor-

tado de centros corruptos o que se arme direitos despóticos para remodelar a simpleza e a paca-tez de nossos costumes, despin-do a beleza angelica do pudor para lança-la à imundice de uma praça desnuda, onde o cor-po se expõe desbriado como cor-pos de irracionais, postos em mercado aoslances do comprador”.

Quando se entrava num bar, pedia-se uma média simples, uma choco-latada, um café ou um pingado; uma “gomma” (pinga com limão), uma “phar-macia” (vermute com gin) ou um “morrão” (cachaça).

A.A.A. Botucatuense vence o Minas Geraes F.C., da 1ª divisão paulistana, por 1x0, o Barra Funda, da 2ª divisão, por 3x0, a Graphica, também da 2ª, por 2x1.

Empata com o Esporte Clu-be Sorocabano, em 1x1, e é vencido pelo Rachou Team, da 1ª. Jogando com o Esporte Clube Paulista, botucatuense, é derro-tada por 3x1, o que é considera-do uma grande zebra. Logo de-pois, no campo do Bairro Alto, consegue a desforra: 4x0. Há grande aclamação no Largo de Santa Cruz, à noite.

Em maio, a A.A.Avareense vence o Normalista, de Botuca-tu, por 3x2, em Avaré, e se intitula “campeã da Zona”, quando o campeão reconhecido é A.A.Botucatuense. Diz o “Muni-cipio”, de Avaré: “Esses rapazes

aqui se apresentaram como sen-do do Normalista e foram der-rotados como pertencentes à As-sociação!!!”

Alega o jornal que 8 jogado-res eram da Associação, daí po-derem os avareenses usar o títu-lo de “campeão da Zona”. E ter-mina: “A Associação precisa jo-gar conosco ... para poder usar com mais direito o título de cam-peão desta zona!!!” Da escala-ção do Normalista constam re-almente 3 nomes de jogadores da Associação: Zanella, Branco e Nenê. Esta então convida a Avareense para dois jogos, um lá, outro cá. A Avareense só acei-ta jogar lá.

Em junho, lá vai a Associa-ção jogar em Avaré, e perde por 2x0.

No relatório anual do dr. Waldomiro, Botucatu possui abastecimento de água, rede de esgotos, hospital, asilo de invál-idos e de morféticos. Falta-lhe aperfeiçoar o serviço de coleta de lixo, adotar bueiros passíveis de limpeza regular (grades), sa-neamento das margens dos ria-chos, melhoria das caixas sép-ticas, extensão da rede de esgo-tos a toda a cidade, melhoria das condições higiênicas do Mata-douro Municipal, inspeção vete-rinária do gado abatido, novo mercado, proteção das represas de abastecimento de água. Isso na sede da Delegacia...

Conchas ainda apresenta

febres tíficas e paratíficas, com caráter de surto epidêmico, o que exige tenaz cerco pela Delegacia de Saúde. A lepra está praticamente eliminada.

O impaludismo apresenta fortes surtos em todo o vale do Tietê, incluindo Anhembi, mas isso está na alçada do Serviço de Profilaxia, com sede em São Paulo.

Já se fala que Rubião é ótimo lugar para a construção de um sanatório.

Numerosos médicos, daqui e de outras cidades, aconselham seu excelente clima para enfermos e convalescentes. O Hotel Recreio do Capão Bonito, de Xisto Varoli, entre a Estação e a Capelinha, está muito bem instalado.

O professor Deocleciano Pontes, em setembro, abre o primeiro Jardim da Infância de Botucatu. E aparece mais um curso preparatório para ingresso na Escola Normal, o Externato Cesário Motta. Joaquim Gonçalves abre uma Escola de Telegraphia, para preparar candidatos à E.F. Sorocabana. São matriculados 787 alunos no Grupo Cardoso, sendo 396 masculinos. O Delegado Regional de Ensino é J. Thomaz de Aquino.

Em dezembro há a fomaturation da primeira turma da Escola Superior de Commercio. São 24 novos guarda-livros (16 homens, 8 mulheres). O diretor é

João Baptista Monteiro de Santis.

A Delegacia de Ensino abrange então 16 municípios, incluindo Sorocaba, Porto Feliz, Tietê e Avaré.

A polícia sempre às voltas com o jogo-do-bicho, que “absorve os nickeis das compras”, a molecada de rua, os bêbados inveterados e os mendigos. Estes antes recebiam cadernetas de identidade, com um quadro pronuntuário, fornecidas pela subdelegacia de Botucatu. Tinham sido substituídas por placas de identidade, mas os indigentes passaram a negociá-las com falsos mendigos. Nesse ano de 1921 voltam as cadernetas, com melhores resultados. Um problema policial corriqueiro é também a caça aos charlatães da medicina. Benzedores de todo tipo proliferam na vasta circunscrição da Regional. De uma só vez foram presos 4 em São João de Itatinga.

Por vadiagem, embriaguez e desordem, só no mês de novembro foram presos 40, em Botucatu. O Delegado Regional era o dr. Alfredo de Assis. O médico-legista era o dr. João Aristides Soares Serpa. Juiz de Direito: dr. Luiz Soares da Silveira.

Surge a Liga Agrícola de Botucatu, nos moldes da já fundada em São Manuel, com o objetivo de conseguir preços mínimos para o café e outros produtos agrícolas, unir a classe,

fornecer crédito agrícola. Seu primeiro presidente é José Victoriano Villas Boas (também tesoureiro das obras da torre da catedral).

São criadas as feiras de gado, com sedes em Botucatu, Moji-Mirim, Franca, Barretos, Itapeitinga e Taubaté. O Estado entregará à iniciativa privada a organização dessas feiras. As empresas contratadas receberão 3% do valor da venda de gado gordo e 2% do magro.

O dr. Paulo de Aguiar é médico-oculista do Posto Antitrachomatoso. O movimento é intenso. São atendidos mensalmente mais de 40 casos, com 2.500 curativos e 15 cirurgias.

A Delegacia Regional de Saúde, eficientemente dirigida pelo dr. Waldomiro Oliveira, já aplicara 32.824 vacinas anti-variólicas, desde sua instalação em julho de 1918, nos 54 municípios atendidos. Em 1912 houve 1.062 óbitos pela varíola, no Estado; em 1921, apenas 1 confirmado.

Vimos, no ano anterior, que Piratininga e Tietê tinham isentado de impostos, sob certas condições, as construções novas de habitações. O povo pede soluções semelhantes para Botucatu.

Um caso sério, nesse ano e no anterior, e que afinal se estendeu ao posterior, foi o calçamento da Riachuelo e da Floriano Peixoto. O que é feito, a chuva esburaca. A Sorocabana cal-

çara otimamente o trecho do Pontilhão.

Na Praça Annita Garibaldi o calçamento, recém-assentado, já está arruinado. O povo comenta que o calçamento deveria iniciar-se no seguro trecho do Pontilhão, e não em lugares isolados, sem limites protegidos. Paralelepípedos rolam na baixada, até as Indústrias Bacchi, e mesmo até o ribeirão.

A Prefeitura é chamada de “boeiophoba”, por não fazer bueiros nos locais necessários. Na ponte que liga a cidade ao Bairro Alto, caíram 4 bois no buraco aberto pelas enxurradas.

Toda a Câmara é culpada, popularmente, pelo recebimento de paralelepípedos mal aplainados, fora das condições de contrato. Calcula-se o prejuízo em 36 contos.

Os jornais que foram lançados nesse ano são:

– “O Commercio”, de maio; noticioso, mas mais dedicado ao comércio em geral; durou pouco;

– “O Mensageiro”, folha de propaganda da Casa Carlos, de Carlos César & Cia; durou cerca de 2 anos;

– “Il Mocollo”, lítero-humorístico, em italiano; da Società Beneficenza

Italiana;

– na “Cidade de Botucatu”, de 18.06, aparece: compre a “Cidadinha”; seria um novo jornal?

Adeodato Faconti lança “La Campana del XX Settembre”, comédia em 2 atos.

E a Capela de Nossa Senhora das Dores de Cima da Serra de Santo Ignacio?

(Vide www.historiadebotucatu.com.br, “As Primeiras Fazendas da Região de Botucatu”, Apêndice 1 e Apêndice 2).

Conforme o historiador João Carlos Figueiroa, em seu artigo sobre Igrejas Católicas e Protestantes na “A Gazeta de Botucatu” de 09/04/2004, Edição Especial (Vide – Botucatu: História de Uma cidade, 47 anos da “A Gazeta de Botucatu”, Igral – Gráfica e Editora, 2004, pág. 422, Adolpho Dinucci Venditto), “esse é um dos maiores mistérios da história de Botucatu. Da Capela de Nossa Senhora das Dores não se encontrou, até agora, nenhum documento que possa garantir a sua existência”.

Apresentamos a seguir, alguns pontos para a devida consideração:

1 – Esse mistério teve início com a publicação do Almanak da Província de São Paulo para 1873, pág. 439, em que os autores, Antonio José Baptista de Luné e Paulo Delfino da Fonseca, afirmam que a “A Villa de Nossa Senhora das Dôres de Botucatú... Esta povoação foi erecta Freguesia em 1846, com a denominação de Freguesia do Districto de Cima da Serra de Botucatú, e elevada à categoria de Villa em 1855” (Vide Anais



**Paulo Pinheiro
Machado Ciaccia**

do X Congresso Brasileiro de Geografia, 1943, Belém do Pará, pág. 611, Eunice Almeida Pinto Chaves e Achegas para História de Botucatu, 3ª Edição, Edicon, 1985, págs 206, 210 a 212, Hernâni Donato). A palavra “Villa” no texto significa Município.

Os autores então lavraram que Botucatu teria tido sua origem com uma povoação, que erigiu uma capela (ou paróquia), com invocação a Nossa Senhora das Dores.

A seguir, o Governo Provincial publica a Estatística Oficial de 1874 em que aparecem a “Paróquia de Senhora das Dores de Botucatu” e “Paróquia Senhora das Dores do Rio Novo” (vide Azevedo Marques, Tomo II, pág. 184). A seguir em 1879, é publicada a obra de Manuel Eufrásio de Azevedo Marques (+ 20/02/1878), Apontamentos Históricos, Geográficos, Biográficos, Estatísticos, Noticiosos da Província de São Paulo, em que

o autor afirma em seu verbete sobre Botucatu (Tomo I, pág. 147), que o “paulista Simão Barbosa Franco foi quem deu começo a esta povoação em 1766 por ordem do governador e capitão - general D. Luiz Antonio de Sousa Botelho Mourão. A sua invocação é da Senhora das Dores”.

Interpretando os textos, podemos entender que essa invocação a Nossa Senhora das Dores - pode se referir a 1766 ou 1840 (Vide item 3). Quanto à Fundação de Wotucatu (topônimo à época) por Simão Barbosa Franco em 1766, defendida por Azevedo Marques em sua obra já citada de 1879 e defendida por Alfredo Moreira Pinto em seu Dicionário Geográfico (segundo João Nogueira Jaguaribe); defendida por Eugenio Egas, os Municípios Paulistas, publicação oficial, 1925 (não fazendo citação à invocação de Nossa Senhora das Dores e afirmando que existe uma paróquia sob invocação de Sant’Anna); defendida por Eunice Almeida Pinto Chaves, o Município e a Cidade de Botucatu, Anais do X Congresso Brasileiro de Geografia, 1943, Belém, do Pará; defendida No Velho Botucatu, Sebastião Almeida Pinto, 1956 e defendida na Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, XXVIII volume, Rio de Janeiro, IBGE, 1957.

Essa parte do verbete de Azevedo Marques já foi contestada por João Nogueira Jaguaribe, Correio de Botucatu, 29/07/1916, nº 1082 e 22/09/1922, nº1546; contestada por Aluisio de Almeida, o Estado de São Paulo, 11/

11/1951 e contestada por Hernâni Donato, Achegas para a História de Botucatu, 3º Edição, Edicon, 1985 (pág. 47 a 50).

Se não ocorreu a fundação de Wotucatu em 1766, fica aqui descartada a ereção de Capela (ou Paróquia) com invocação à N^a Sra. das Dores, nesse ano.

2 - De 1766 a 1840, não temos registro de documento concernente a uma povoação que teria levantado uma capela (ou paróquia) em cima da serra de Santo Ignácio, nem uma única notícia de presença e atuação.

O livro “Ensaio D’Um Quadro Estatístico da Província de São Paulo”, Daniel Pedro Müller, 1838, Coleção Paulistica, volume XI, págs. 61,69,121,247, mostra respectivamente a 4^a Comarca, 18^o Termo da Província Itapetininga que é a cabeça do Termo, a tabela no. 1 - de divisão da Província e suas povoações e a Tabela no. 18 - divisão eclesástica do Bispado com suas Freguesias e Capelas Curadas situadas na Província de São Paulo. Nenhuma referência é feita à Botucatu quanto a Freguesia e Capela Curada instaladas em solo botucatuense.

”No mapa elaborado por Daniel Pedro Müller em 1834, figura, ao pé de uma cordilheira sem nome e todavia reconhecível nas representações atuais da serra, a Fazenda Botucahe. De qualquer forma, também na cartografia a fazenda dos padres jesuítas foi o primeiro elemento botucatuense a aparecer, embora no avançado ano de 1834”.

(Achegas, pág. 33,34). Apresentamos um Mapa da Província de São Paulo em 1836, baseado no desenho do Marechal Daniel Pedro Müller, onde está grafado - Fazenda Botucatu (que corresponde a Botucahe – este foi introduzido com erro de grafia). Este mapa nos foi cedido por gentileza do historiador Rubens Janes, de Itatinga.

3 - O primeiro documento referente a história de Botucatu, que hoje dispomos, é o datado de 12/06/1840, já publicado nos livros *A História do Capitão José Gomes Pinheiro - Fundador de Botucatu*, *Olavo Pinheiro Godoy, 2000* e *Botucatu Antigamente...*, *Trajan Carlos de Figueiredo Pupo, 2002*.

Esse documento de 12/06/1840, juntamente com outros

dois inéditos (não haviam sido transliterados e publicados), datados de 20/03/1843 e 03/05/1843, compõem atualmente os três documentos iniciais de nossa história, arquivados na Mitra Arquidiocesana de São Paulo - Arquivo Metropolitano Dom Duarte Leopoldo e Silva, fornecidos pelo Arcebispo Emérito Dom Vicente Marchetti Zioni, em seu trabalho publicado na 1ª Semana Cultural de Botucatu, em 16/11/1991, ref. 105/91, ocorrido no Espaço Cultural Francisco Marins.

4 - Documento pessoal e individual de 12/06/1840 - Feslisberto Antonio Machado expõe aos Senhores da Assembléia Legislativa Provincial a situação do povoado, a necessidade espiritual dos moradores, o cres-



Mapa da Província de São Paulo em 1836, baseado no desenho do Marechal Daniel Pedro Müller (vide item 2)

cimento constante da população e a urgência de criação, de uma freguesia no local:

“12.06.1840

Senhores da Assembléia Legislativa Provincial

Diz Felisberto Antonio Machado, morador de cima da serra de Santo Ignacio, Distrito da Villa de Itapetininga, que sendo este lugar bocca de sertão, começado a lavrar há cinco annos n'esta (...) pela fertilidade das terras para ella tem concorrido muitas pessoas e continuão a concorrer não só d'esta provincia como da de Minas e já contem setenta e tantos fogos com muito mais de trezentas e quarenta e cinco almas e sendo ai povoações que se achão mais próximas as villas de Itapetininga e Constituição das quaes dista vinte léguas, com (...) differença que grande parte d'ellas acha-se (...) partes dos recursos da Igreja, morrendo os fiéis sem o sacramento da penitência e da Extrema Unsão e sendo seus corpos enterrados em lugar não sagrado pela impossibilidade Parocho acudir aos moribundos, e de se transportarem os corpos para os cemitérios mais favoráveis.

O suplicante vem perante V.Ex.^a, requerer sirvão-se exigir as informações que na sua sabedoria julgarem necessárias acerca da veracidade do allegado e bem assim de huma Capella que o suplicante está edificando com o socorro d'outros moradores, no Capão Bonito hum quarto de légua arredado do Campo está colo-

cada no lugar que mais como-didade oferece aos moradores, tanto por sua proximidade como por ser regado pelo Ribeirão denominado Cachoeira que pode ser conduzido ao páteo da Igreja, e já he o mais abrigado dos índios afim de evitar os estragos dos quaes alguns dos moradores tem sido victimas, e demais disto laborar sobre a urgente necessidade que há, de alli criar-se uma Freguesia e por tanto.

(...) Palavras ininteligíveis Pa V.V.EE.^a sejam ... de fazer na forma requerida.

Felisberto Antonio Machado.

5 - Sindicância feita pelo Delegado Suplente José Leonel Ferreira em 20/03/1843, em resposta ao officio de 06/02/1843 do Presidente da Provincia, Coronel Joaquim José Luis de Sousa (27/01/1843 a 24/11/1843) e sobre o requerimento de Janeiro/1843 de Felisberto Antonio Machado, subscrito por mais de duzentas assinaturas, alegando a necessidade de criar uma Freguesia em cima da Serra de Santo Ignacio (Acheegas, pág 56):

“Tenho a honra de responder à Portaria de V. Exa, de seis de Fevereiro próximo passado, em que V.Exa. exige informação sobre o requerimento de Felisberto Antonio Machado, alegando a necessidade de criar uma Freguesia em cima da Serra de Santo Ignacio; depois de fazer as devidas indagações informo a V.Exa. que, com efeito, o lugar em que se acha edi-

ficada uma Capela, é próprio para uma Freguesia, visto que contem de mais de setenta fogos, tem muitas boas matas e aguadas, promete muitas vantagens, por ser na embocadura de uma estrada, que parte para Constituição ou para Minas Gerais; é o que posso informar a V.Exa., a quem Deus guarde, como é mister.

Itapetininga, 20 de março de 1843;

Ilmo. Exmo. Senhor Coronel Joaquim José Luis de Sousa, Presidente da Província

José Leonel Ferreira, Delegado Suplente;

Francisco José Coelho;

Felisberto Antonio de Oliveira;

Luiz Castanho de Almeida”

6 – Em 03/05/1843, o Vigário Colado Francisco de Paula e Medeiros responde o ofício de 12/04/1843 do Presidente da Província Coronel Joaquim José Luis de Sousa e petição de Felisberto Antonio Machado, sobre a pretensão de ser ereta em Freguesia a Capela da Serra de S. Ignacio.

“Ilmo e Exmo. Senhor Recebi o ofício de V. Exa., de 12 de Abril p.p., e sobre, por cópia, da petição de Felisberto Antonio Machado, passo a V.Exa. informar sobre a pretensão de ser ereta em Freguesia a Capela da Serra de S. Ignacio, desta Vila; o que passo a fazer da forma seguinte: Na Serra de S. Ignacio não existe Capela alguma, porém constame estar o Suplicante fundan-

do uma, em seu sítio em cima da Serra, três léguas distante dela; ignoro se está em lugar suficiente, apto para Matriz, visto que não foi escolhido para esse fim e nem, segundo penso, obtiveram Licença Ordinária para sua fundação, como determina a Constituição do Bispado, L^o 2 Tit.16, e mais disposições do direito canônico e Sagrado Concílio Tridentino; sobre o número de Povos também ignoro, pois nunca se benção, apenas alguns fregueses têm procurado por alguns sacramentos, como baptismo e matrimônio; procurei saber do Sub Delegado desta Vila o número de fogos, não me soube informar.

É, na verdade, de extrema necessidade formar-se uma Freguesia naquele Bairro, porém, ao meu pensar, não deve ser em tal lugar, mas sim aquém da Serra, no Ribeirão denominado S. Ignacio, onde está muito povoado, e que dista desta Vila dez léguas, cujos habitantes também não podem com prontidão ser socorridos dos Sacramentos; estes moradores nunca poderão subir a Serra para, passar dar obediência àquela Freguesia; portanto, seria necessário, no caso de efetuar-se aquela, formar-se outra neste lugar muito mais povoado e muito fértil de boas matas lavradias; ficando este lugar, por mim mencionado, cinco léguas distante daquele, no mesmo caminho. Até aqui posso informar V. Exa.

Itapetininga, 3 de maio de 1843

**Francisco de Paula e Me-
deiros**
Vigário Collado"

Nota 1 - Aluisio de Almeida, o Estado de São Paulo, 11/11/1951, nos diz:

"No livro de óbitos de Itape-
tininga, se lê que, 16 de maio de
1843, Isabel de Siqueira Lima,
foi sepultada, "a mata de cima
da Serra". Em 16 de julho de
1845 foi enterrado José de Go-
doi, "em cima da Serra de Santo
Ignácio". Era casado com Ana
Francisca.

Achamos muito importantes
estes documentos, por provarem
que já se trata de Capela fundada
por posseiros ou sitiantes, já den-
tro ou perto das terras do Capitão
José Gomes Pinheiro. Pois a Ca-
pela de Santo Inácio no tempo
que aparece antes, e continua a
aparecer depois do desmembramento
de Botucatu, era e conti-
nuou a ser de Itapetininga.

Em 11 de abril de 1847, há
neste assento de óbito em Itape-
tininga, a simplificação - foi se-
pultada Felicidade, viúva de José
de Ávila Melo, "em Botucatu". In-
terpretando: ou não havia ainda
o pároco, ou a defunta, fregueza
de Itapetininga, foi elevada à ou-
tra freguesia por morar mais per-
to dela, ficando o assentamento
onde pelo direito devia ser".

Já no livro Guarei, Nossa Ter-
ra, 1976, Aluisio de Almeida,
nos diz:

"A Fazenda de Santo Inácio
tinha a capela, pois em 1843 e
1845, foram sepultados respec-
tivamente João de Godoi e Isa-
bel de Siqueira Lima, viúva de
Pedro de Oliveira, e no cemité-

rio da Fazenda de Santo Inácio
e da fazenda de cima da serra de
Santo Inácio. Em fins de 1847,
Felicidade, viúva de José de Ávi-
la Melo, foi enterrada no cemi-
tério de cima da serra de Botu-
catu. Já era freguesia havia um
ano e parece que este último ce-
mitério era o mesmo de Santo
Inácio, e em parte da serra de
Botucatu, onde nasce este peque-
no rio, é a serra também de San-
to Inácio. A capela mais próxi-
ma de Itapetininga era entre a
deste cemitério que chegou a ser
freguesia com o nome de Bom
Jesus do Ribeirão Grande".

Com esses dois depoimen-
tos de Aluisio de Almeida, fica-
mos agora em dúvida quem foi
o primeiro cristão (ou cristã) se-
pultado (a) em solo urbano bo-
tucatuense - João de Godoi ou
Isabel de Siqueira Lima (vide
Achegas, pág. 54).

Aluisio de Almeida afirma
que "no Livro de Tombo desta
paróquia (Nota - Itapetininga),
não havia cópia do decreto de
ereção da Capela das Dores, o
qual talvez exista no original na
Cúria Metropolitana de São
Paulo. Oficialmente ou não, a
capela com o jazigo existia pelo
menos em 1843".

Nota 2 - "Decreto de ereção
da Capela das Dores, a qual tal-
vez exista no original na Cúria
Metropolitana de São Paulo".

Solicitamos então à Mitra
Arquidiocesana de São Paulo
informações a respeito, confor-
me pedido em anexo (através de
fax). Foi feita a busca e não ob-
tivemos resposta positiva:

“À Mitra Arquidiocesana de São Paulo

**Arquivo Metropolitano
Dom Duarte Leopoldo e Silva
Av. Nazaré 993 - CEP 04263-
100 - Ipiranga - São Paulo
Fone- Fax - 11 - 272-3612
Atenção - Sr. Roberto**

1 - Considerando que em 23/12/1843 o Capitão José Gomes Pinheiro fez fiel doação de terras para o Patrimônio da Capella de Sant'Anna e que fôsse erecta Freguesia de Sant'Anna;

2 - Considerando que em 19/02/1846, pela Lei No. 283 (lei no. 7 daquele ano legislativo) sancionada pelo Presidente da Província Manuel da Fonseca Lima e Silva, foi criada a Freguesia no Distrito de Cima da Serra de Botucatu, município de Itapetininga;

3- Considerando que Freguesia era uma categoria oficial institucionalmente reconhecida a que era elevado um povoado quando nele houvesse uma capela curada ou paróquia na qual pudesse manter um padre à custa destes paroquianos, pagando a ele a cóngrua anual;

4 - Vimos por meio desta, com o objetivo de estudo de nossa rica História Eclesiástica, solicitar a V.S.^a, consulta e emissão de transcrições dos seguintes documentos, referentes a Cidade de Botucatu;

4-1- Cópia do Relatório de Criação do Curato.

4-2 - Provisão da Criação da Capella de Sant'Anna.

4-3 - Provisão de Benção do Cemitério.

4-4 - Outros documentos, no período de 1840 a 1852, referente aos primeiros serviços religiosos prestados em nossa região.

**Atenciosamente
Paulo Pinheiro Machado
Ciaccia
Botucatu, 10 de Dezembro
de 2001”.**

Em 25/02/2005, voltamos à carga, e solicitamos à Mitra Arquidiocesana consulta e emissão de transcrições dos seguintes documentos referentes a cidade de Botucatu:

1- Provisão da Criação da Capela de Sant'Anna (provavelmente em 1846 ou 1847).

2- Provisão da Criação da Capela de Nossa Senhora das Dores.

Novamente fomos informados que tais documentos não constam do Arquivo Metropolitano de São Paulo, e que em 1870 ocorreu um incêndio no Prédio da Câmara Eclesiástica.

Entre 14/03/2005 e 23/03/2005, em consulta no Arquivo Nacional no Instrumento de Pesquisa Mesa de Consciência de Ordens, Caixas 286/287, não foram localizados pela Coordenadoria de Atendimento a Distância as provisões de criação da Capella de Nossa Senhora Sant'Anna de Botucatu e Nossa Senhora das Dores de Botucatu.

Nota 3 - O Segundo Anuário Eclesiástico da Diocese de Botucatu, á pag. 118, informa que, a Paróquia de Sant'Anna, de Botucatu, foi criada por D. Manoel Joaquim Gonçalves de An-

drade, Bispo de São Paulo (em 1847?). Obter cópia.

Nota 4 - E a Paróquia de Nossa Senhora das Dores de Botucatu, conforme Estatística Oficial de 1874, citada no Tomo II, pág. 184, na obra Apontamentos da Província de São Paulo, de Manuel Eufrázio de Azevedo Marques?

7 - Em 23/12/1843, o Capitão José Gomes Pinheiro faz doação de terras ao patrimônio da Capela de Sant'Anna, para que seja ereta freguesia.

8 - "Em Fevereiro de 1844, vem a anistia, reviravolta política (nota - Revolução Liberal de 1842). É nomeado delegado de Itapetininga o filho do Capitão José Gomes Pinheiro, o Dr. Antonio Gomes Pinheiro Machado, futuro pai do General Pinheiro Machado.

Em 4 de Outubro desse ano, êle sugere à Câmara de Itapetininga que trate de novo com o governo acêrca da criação da freguesia em cima da Serra". (Aluísio de Almeida, O Estado de São Paulo, 11/11/1951).

Em discurso do Capitão José Gomes Pinheiro em 15/10/1845 (para que a Câmara Itapetiningana solicitasse ao Governo a criação da "Freguesia de Santana, de Cima da Serra"), então Vereador na Câmara Municipal de Itapetininga, afirma que "estão os povos daquele lugar erigindo uma nova capela com a denominação de Sant'Anna - cujos povos tem afluído em maior parte de Minas Gerais e Franca, e já se contam duzentos e tantos fogos"... "gente rude de pouca ou nenhuma obediência

às autoridades, e grande parte de criminosos que pendem para este lugar, por não haver aí autoridade suficiente para corrigilos, e nem ao menos os inspetores têm força para dar cumprimento às ordens dos magistrados desta vila"...

Alertava o orador ser também necessária a criação da freguesia "para se obstarem aos extravios de animais do comércio que por lá passam, pois a dita capela está na estrada que segue para Minas Gerais" (Acheegas, pág. 57).

Aluísio de Almeida (O Estado de São Paulo, 11/11/1951) faz uma importante observação quanto a esse discurso. Diz - "Nem os documentos eclesiásticos nem os civis, de antes, falavam em Santana. Êste é o primeiro. Não por simples coincidência, a senhora do Capitão José Gomes chamava-se Ana Florisbela Machado. Foi, pois, êle quem mudou a padroeira, que teria sido Nossa Senhora das Dores. Curioso como os documentos anteriores não falam nesta padroeira, que seria a de Joaquim Costa - os posseiros".

Engano. O primeiro documento que fala em Sant'Anna, é a Escritura de Doação do Capitão José Gomes Pinheiro em 23/12/1843, ao patrimônio da Capela de Sant'Anna, na qual o mesmo cita o "Rincão da Capela".

A afirmação do Capitão José Gomes Pinheiro que "estão os povos daquele lugar erigindo uma nova capela com a denominação de Sant'Anna pode dar dupla interpretação. A capela

anterior (provavelmente a de Felisberto Antonio Machado) teria ou não como padroeira Sant'Anna? Aluísio de Almeida, sem prova documental, preferiu afirmar que o Capitão mudou a padroeira: de Nossa Senhora das Dores para Sant'Anna. E Hernâni Donato, Achegas, pág. 53,56 e 57 também reafirma Aluísio de Almeida, essa tese.

Em 20/12/1845, continuava a se fazer a capela de Sant'Anna. "O Capitão José Gomes pede agora, pela Câmara, os bons préstimos da Assembléia Legislativa" (Aluísio de Almeida, jornal citado).

A 20 de Dezembro, talvez comemorando o segundo aniversário da sua doação, o José Gomes Pinheiro volta à carga. Produz outro documento descritivo de Botucatu de então: "... é inegável que aquele território tem propriedade para berço de uma populosa vila, porque a abundância de campos, além de outros que se poderão descobrir, boas matas de cultura, fertilizadas de vertentes colocadas entre dois poderosos rios, Paranapanema e Tietê, clima salubre e abundância de peixe e caça, a cana, café, fumo e algodão têm aí franca vegetação, além do terreno que vai findar nas margens do Paraná"(...) "Onde faz barra o rio Pardo no Paranapanema há um extenso terreno coberto de matas de cultura muito boas, e apropriado o lugar para edificar-se uma colônia estrangeira, lugar salubre..." (Achegas, pág. 57)

9 - Em 1846 o Capitão José Gomes Pinheiro e sua mulher Anna Florisbela Machado de

Oliveira e Vasconcellos movem uma ação de Manutenção contra Manoel José Martins Ferreira, Francisco Ferreira de Aguiar e João Vieira Paraíso, assunto tratado no item D3 do livro "As Primeiras Fazendas".

10 - Aluísio de Almeida, jornal citado, nos diz - "Em 1847, criada a freguesia (Nota - Lei no. 283 de 19/02/1846 - Lei no. 7 de 1846), ainda não havia autoridades novas nem destacamento de linha. Compreende-se que o povoador (**Capitão José Gomes Pinheiro**) não se sentia muito à vontade com seus vizinhos e preferisse a fazenda entre Campo Largo e Itapetininga, onde faleceu.

E então vem o Capitão Tito Corrêa de Mello e, nesse ano (1847) cheio de fatos para Botucatu, torna-se genro do Capitão José Gomes, e atrai povoadores, principalmente seus patricios sul mineiros (O Capitão Tito Correa de Mello nasceu em São Paulo - vide Botucatu Antigamente... 2002, pág. 252).

Criada a freguesia de Botucatu, não se instalou imediatamente. O padre Francisco de Paula Medeiros, vigário de Itapetininga, continuou a frequentar a capela, como de antes matriz não provida, e levou os assentamentos para o seu arquivo Itapetiningano.

Ainda em 1849 dois anos depois da lei de criação da paróquia começou o seu arquivo próprio, é verdade, porém o vigário Medeiros de Itapetininga, é que assina os primeiros termos de batizados - uma série deles, que deixou sem assinar, o que prova

que êle se não foi a Botucatu, mandou um colega à sua ordem, como é de direito.

Houve, de 26 de Junho de 1849 (Nota - ou 26/06/1848 - 1º Anuário Eclesiástico da Diocese de Botucatu - 1941 e Almanack de 1920) data do primeiro batizado e que talvez seja a mais próxima da instalação da paróquia, até 28 de Julho seguinte, nada menos de 46 batizados, o que mostra como era povoada a nova freguesia.

De 28 de julho de 1849 a 28 de maio de 1850, reside em Botucatu o seu primeiro vigário, o sorocabano Joaquim Gonçalves Pacheco. Daí em diante, é pró-pároco o itapetiningano Jesuís Ferreira Prestes.

No primeiro livro de óbitos falta uma página, mas como é de Julho de 1859 o primeiro assentamento existente, vê-se que a página inexistente não poderia conter dez anos de óbitos. - o documento com as duas - aos dezessete dias do mês de Julho de mil oitocentos e cinquenta e nove foi sepultada no cemitério, Mariana, solteira de idade 21 anos digo 26 de Julho, filha de Manoel Bento Sabino e Cândida Maria do Espírito Santo, faleceu de pleuriz e não alcançou sacramentos, seu corpo foi envolto em hábito preto, teve missa de corpo presente do 3º dia.

"O vigário, Salvador Ribeiro dos Santos Mello". Entre parentesis corpo presente não tem significação senão simbólica, neste caso. Aliás o cemitério devia ser ao lado da capela, onde hoje é a praça Rafael de Moura Cam-

pos.

Devemos êstes últimos informes à gentileza do atual secretário do Bispado de Botucatu padre Silvio Maria Dario e, em conjunto com as pesquisas anteriores, destinam-se a uma segunda edição em 1951 do livro "Dom Lúcio". Se Deus nos der vida e dinheiro, porque um livro custa de 100 a 200 cruzeiros a página, mesmo que em branco, para enfeite ou com três linhas cada uma.

O "Almanak da Província de São Paulo" de 1873, traz os moradores de Lençóis (desmembrado de Botucatu em 1865, entre os quais o cap. José Teodoro Pereira, que parece o José Teodoro, político contrário ao capitão José Gomes Pinheiro. Voltas ao mundo! Em 1843, era um dos pobres sertanistas, "um José Teodoro" e sua qualidade era a valentia, mas para isso bastava, morar no sertão. Trinta anos depois, tão capitão como o seu contrário político, isto é, o Pinheiro era das Ordenanças, vinha desde D. João VI e o Pereira, da Briosa. _____ isto ví com meus olhos numa festa de bairro, em Guareí, um valente tira um preso que os policiais _____.

Por isso não deixo de gostar um pouco do cap. José Teodoro.

Aqui de perto da capital de Santa Branca, foram povoadores para o sertão de Botucatu por exemplo Manoel Carlos de Arantes, que figura no almanaque de 1873 e Manoel José Ferreira alferes da Briosa e autoridade judiciária naquele ano, em Espírito Santo da Fortaleza, municí-

pio depois, continuado por Bauru sem nova criação ou lei especial, caso único. Este Ferreira foi avô do atual vigário de Avaré, padre Celso Ferreira".

Nota: Tudo indica que a referência que Aluisio de Almeida faz a Nossa Senhora das Dores no item 8, foi baseado no Almanak da Província de São Paulo para 1873, onde os autores afirmam que: "A Villa de Nossa Senhora das Dores de Botucatu...."; nos artigos de João Nogueira Jaguaribe e no trabalho de Eunice Almeida Pinto Chaves (obra citada).

11 - Conforme o Primeiro Anuário Eclesiástico da Diocese de Botucatu, 1941, à pág. 103, temos: "Tendo-se tornado insuficiente a primeira igreja, levantou-se outra, em ponto distante da primeira, na qual, em junho de 1848, realizou-se o primeiro batizado. Demolido por defeitos de construção, foi logo reconstruída e ampliada em 1859" (Achegas, pág 74).

12 - Conforme o Segundo Anuário Eclesiástico da Diocese de Botucatu, 1945, Editora "Ave Maria", Ltda, São Paulo, pág. 118, "A Paróquia de Sant'Anna de Botucatu, foi criada por D.Manoel Joaquim Gonçalves de Andrade, Bispo de São Paulo", e conforme Aluísio de Almeida (o Estado de São Paulo, 11/11/1951) em 1847, ano da Lei de Criação da Paróquia.

13 - Em 16/03/1854, Felisberto Antonio Machado e sua mu-

lher Faustina Maria da Conceição fazem doação de uma sorte de terras a Nossa Senhora de Sant'Anna, padroeira desta freguesia (vide E53 do livro "As Primeiras Fazendas"), mostrando a sua devoção à referida Santa.

14 - Em 16/12/1859; 28/02/1860; 17/04/1860; 10/10/1860, a Câmara Municipal afirma que não existe título de doação dos herdeiros de Joaquim da Costa e Abreu, ao patrimônio de Nossa Senhora de Sant'Anna (vide item C9 do livro "As Primeiras Fazendas").

15 - Em consultas realizada nos 2500 documentos de 1852 a 1899 resgatados no Arquivo do Estado de São Paulo, e hoje disponíveis no Centro Cultural de Botucatu, Convivium Espaço Cultural Francisco Marins, Unifac, Biblioteca Municipal Emílio Peduti, Prefeitura e Câmara Municipal, pudemos observar que Nossa Senhora das Dores aparece como referência em somente um documento: caixa 39, pasta I, documento 48A no CD (ou volume I, pág. 225 no material diagramado).

É a consulta sobre 5 itens que o Vigário Encomendado Salvador Ribeiro dos Santos Mello em 23/04/1858 faz ao Presidente da Província Dr. José Joaquim Fernandes Torres (vide documentos 48 e 48B ou págs. 224 e 226 a 229 no material diagramado):

"Quinto - se Va. Exa. aprova compromissos de Irmandade porque tenciono levantar das do Sacramento e Dores".

Em resposta, o Presidente da Província, após consulta ao Procurador Fiscal Provincial Costa Cabral, responde em 26/05/1858.

"Sobre o 5º respondo que, na forma da lei provincial no. 5 de 1840, compete ao Prelado a aprovação dos estatutos, e compromissos das Irmandades, e ao Exmo. Governo da Província a sua confirmação".

Em 21/02/1866 o vigário Salvador Ribeiro dos Santos Mello deixa a paróquia de Sant'Anna e tudo ficou somente na intenção de se levantar a Irmandade das Dores. Seus sucessores foram os padres:

Bento Pereira Rego - 01/03/1866 a 12/08/1866.

Antonio Lourenço Cardoso - 13/08/1866 a 22/09/1866.

Francisco José de Miranda - 03/01/1867 a 1873 (vide Almanak de 1873 e Almanack de 1920).

? (não temos registro)

Francisco Cândido Correia - 15/02/1874 a 14/11/1874.

Em 01/12/1867 foi criada a Junta Administrativa para administrar os bens da Capela de Nossa Senhora das Dores, pelo vigário de Botucatu (Um pouco da História de Avaré outrora Rio Novo, João Baptista do Amaral Pires - Jango, pág. 20).

Foi criada a Irmandade de Nossa Senhora das Dores do Rio Novo e organizada definitivamente em 25/02/1872. Assim ficou dissolvida a Junta Administrativa criada em 1867 (Jango, pág. 23).

16 - Em 03/03/1870 ocorrem

doações para o patrimônio de Sant'Anna, através do sócio-representante Domingos Soares de Barros (Achegas, pág. 205).

17 - Em 15/07/1873, caixa 40, pasta 3, documento 34A; 09/10/1873, caixa 40, pasta 3, documento 44A e 23/12/1874, caixa 40, pasta 3, documento 73A (respectivamente no volume 8, págs. 77; 104, 107; 184; 185; 186, no material diagramado), aparece uma discussão no processo para aprovação da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, mostrando o rigor que o Prelado e o Governo tinham na aprovação e confirmação das Irmandades e Capelas.

18 - Para a elaboração do Almanak da Província de São Paulo para 1873 (Antonio José Baptista de Luné e Paulo Delfino da Fonseca); Estatística Oficial de 1874 (apresentada na obra de Azevedo Marques) e obra de Manuel Eufrásio de Azevedo Marques (Apontamentos Históricos, Geográficos, Biográficos, Estatísticos, Noticiosos da Província de São Paulo - publicado em 1879), os autores basearam-se também em documentos emitidos pela Câmara Municipal de Botucatu, que eram remetidos aos Presidentes da Província.

19 - No documento de 07/04/1869, caixa 40, pasta 2, documento 38/38A (volume 7, págs. 74 a 77 do material diagramado), a Câmara Municipal de Botucatu envia ao Presidente da Província, Barão de Itaúna, informações a respeito de Botucatu, entre elas:

- As ruas que existem nesta vila são três: Riachuelo, Curuzu e Calvário;

- As praças são duas: a da Matriz e Largo da Cadeia;

- Estradas são 3 - Itapetininga, Tatui e Constituição;

- As igrejas são duas: a da Matriz e a de Santa Cruz;

- Capelas existem duas: a de Nossa Senhora das Dores no Rio Novo, e a de São Roque nas margens do Rio do Peixe.

- Freguesias, existe uma: a de Nossa Senhora da Piedade, nas margens do Rio Bonito.

Câmara Municipal - João Baptista da Cunha Caldeira
João Francisco de Freitas
Antonio Joaquim de Andrade
João Vieira Paraíso
Manoel Carlos Arantes

Nota 1 - A praça é a da Matriz e a Igreja é a da Matriz. Pelo menos, neste documento não foi informado que a Matriz tinha invocação a Sant'Anna.

Nota 2 - A igreja de Santa Cruz estava localizada no Largo da Cadeia.

Nota 3 - Nesta época, 07/04/1869, a Capela de Nossa Senhora das Dores do Rio Novo, pertencida à Vila (Município) de Botucatu, e estava localizada no povoado que iria constituir a freguesia do Rio Novo e a atual Avaré.

Nota 4 - A Freguesia de Nossa Senhora da Piedade estava às margens do Rio Bonito, antigo povoado de Samambaia, e atual Bofete.

A Lei no. 6 de 28/02/1866 cria a freguesia, com a denominação de Rio Bonito, na Vila (Município) de Botucatu.

A Lei no. 32 de 24/03/1871 transfere a freguesia do Rio Bonito para o município de Tatui.

Nota 5 - A Capela de São Roque às margens do Rio do Peixe pertencia a Freguesia do Rio Bonito (atual Bofete)- vide 2º Anuário Eclesiástico da Diocese de Botucatu.

Nota 6 - No documento de 07/04/1869 da Câmara Municipal não foi citada a Freguesia de Nossa Senhora dos Remédios da Ponte do Tietê (atual Anhembi) como pertencente ao município de Botucatu, pois a essa época pertencia ao Município da Constituição (atual Piracicaba). Pela lei nº 38 de 09/07/1869 a Freguesia de Nossa Senhora dos Remédios da Ponte do Tietê é transferida para o município de Botucatu.

20 - Em 07/04/1870, a Lei no. 63 da Assembléia Legislativa Provincial de São Paulo (caixa 40, pasta 2, documento 76 ou volume 7, págs. 182 e 183 do material diagramado), relata:

Artigo 1º - Fica elevada à categoria de freguesia a Capela do Rio Novo, pertencente ao Município de Botucatu.

Artigo 2º - As divisas desta Freguesia começarão da Barra de Santo Ignacio no Paranapanema, por aquele acima à Barra do Tamanduá, daí acima até à

cabeceira que estiver mais próxima à cabeceira do Rio Novo, descendo este até o Valo Velho, e daí acima até as Pedras, e daí abaixo até o Rio Pardo, e por este abaixo até as Três-Pontes, e por ele acima até às águas dos Barreiros, subindo este até suas cabeceiras, e deste ponto cortará a rumo, procurando a cabeceira da água da Posse, e por ela abaixo, até a água do Palmital seguindo por ela abaixo até as águas dos Bugres, e por ela acima até suas cabeceiras e daí cortará a rumo direito à outra água que está em frente por ela abaixo até o Rio Novo, e pelo Rio Novo abaixo até água que está em frente, por ela abaixo até o Rio Novo, e pelo Rio Novo abaixo até água da Vareta, por ela acima até suas cabeceiras, e daí cortará a rumo direito atravessando água dos Três Ranchos, procurando as cabeceiras da água do Virado, por ela abaixo até o Paranapanema, e pelo Paranapanema acima até à Barra de Santo Ignacio; revogadas as disposições em contrário.

E não a tendo o Presidente da Província sancionado nem recusado a sanção dentro de dez dias como era obrigado pelo artigo 19 do Ato Adicional da Constituição do Império, a mesma Assembléia manda a todas as Autoridades, a quem o conhecimento e a execução da referida Lei pertencer, que a cumpram e a façam cumprir tão inteiramente como nela se contém. O Primeiro Secretário desta Assembléia a faça imprimir, publicar e correr. Dada no Paço da Assembléia Legislativa Provin-

cial de São Paulo aos sete dias do mês de Abril de mil oitocentos e setenta. João Mendes de Almeida - Presidente.

Carta de Lei pela qual o Presidente da Assembléia Legislativa Provincial de São Paulo, manda publicar o Decreto da mesma Assembléia elevando à Freguesia a Capela do Rio Novo no Município de Botucatu, como acima se declara. Luiz Pinto Homem de Menezes a fez. Publicada na Secretaria da Assembléia Legislativa Provincial de São Paulo aos 7 dias do mês de Abril de 1870.

O Diretor Paulo Delfino da Fonseca

Nota - Era Presidente da Província o Dr. Antônio Cândido da Rocha (30/07/1869 a 27/10/1870).

Interpretando geograficamente - o patrimônio da Capela do Rio Novo passou a pertencer à Freguesia do Rio Novo (atual Avaré) que pertencia à Vila (Município) de Botucatu.

Era Diretor da Assembléia Legislativa Provincial, Paulo Delfino da Fonseca, e a referida Lei no. 63 tem a sua assinatura, e o mesmo é um dos autores do Almanak da Província de São Paulo para 1873.

21 - Percebe-se na Lei no. 63 de 07/04/1870 que a Capela de Nossa Senhora das Dores do Rio Novo, antiga Capela do Major (Major Vitoriano de Sousa Rocha), onde tinha um povoado, origem da atual Avaré, teve o "Nossa Senhora das Dores" suprimido, em relação ao docu-

mento de 07/04/1869, pois não estava canonicamente instalada, o que ocorreu em 09/08/1870.

No livro História de Avaré, Flora e Paschoal Bocci, pág. 16, afirmam que foi levantada uma Santa Cruz e que em 1861 foi levantada a Capela de pau-a-pique, dando origem ao lugarejo com a denominação de Capela do Major. Em 10/07/1861 o vigário de Botucatu rezou a 1ª missa. Chamava-se Joaquim Gonçalves Pacheco, natural de Sorocaba. Nessa época, o arraial era conhecido como Capela do Major.

Já no livro Um pouco da História de Avaré, Outrora Rio Novo, João Baptista do Amaral Pires (Jango), pág. 16, afirma que foi levantada uma Santa Cruz em 1862 e a Capela do Major foi levantada em 1864.

Convém lembrar que o vigário de Botucatu, em 1861, era Salvador Ribeiro dos Santos Mello e o vigário Joaquim Gonçalves Pacheco à essa época estava em Itapetininga ou Sorocaba.

Os fundadores Major Vitoriano de Souza Rocha, Domiciano José de Santana (Bocci, pág. 16) e outros (Jango, pág. 17), doaram para o patrimônio do arraial (patrimônio da Capela de Nossa Senhora das Dores do Rio Novo), cinquenta alqueires de terreno ou vinte e sete hectares, por escrituras de 15/05/1862 e 09/01/1869, lavradas nas notas do Tabelião Francisco Antonio de Castro, em Botucatu.

Em 10/01/1866 foi criado o Distrito Policial de Nossa Senhora das Dores do Rio Novo

(Jango, pág. 19).

Em 1867, o bairro do Rio Novo foi elevado à categoria de Distrito Policial, marcando-se as respectivas divisas (Bocci, pág. 16).

Em 01/12/1867 foi criada a Junta Administrativa para administrar os bens da Capela de Nossa Senhora das Dores, pelo vigário de Botucatu (Um pouco da História de Avaré Outrora Rio Novo, João Baptista do Amaral Pires - Jango, pág. 20).

A Lei Provincial no. 63, de 07/04/1870, elevou o Distrito Policial à Freguesia (Jango, pág. 21) e (Bocci, pág. 17).

A categoria de Nossa Senhora das Dores foi canonicamente instalada em 09/08/1870 pelo reverendo Padre Antonio Mainieri, seu primeiro vigário (Bocci, pág. 17) e criada a paróquia de Nossa Senhora das Dores do Rio Novo, pelo Senhor Bispo de São Paulo (sede vacante), respondendo pelo Bispado o Monsenhor Joaquim Gonçalves de Andrade. Em 21/08/1870 foi a recepção festiva com a chegada do primeiro vigário da paróquia recém-criada, o Revmo. Padre Antonio Mainieri (Jango, pág. 22).

Já o 2º Anuário Eclesiástico da Diocese de Botucatu diz que a Paróquia de Nossa Senhora das Dores de Avaré, foi criada em 07/04/1870, por D. Lino Deodato de Camargo, Bispo de São Paulo.

Foi criada a Irmandade de Nossa Senhora das Dores do Rio Novo e organizada definitivamente em 25/02/1872. Assim ficou dissolvida a Junta Admi-

nistrativa criada em 1867 (Jan-go pág. 23).

Pela Lei no. 15 de 07/07/1875, a Freguesia do Rio Novo é elevada à categoria de Vila (Bocci, pág. 17).

A Câmara Eclesiástica é criada por provisão de 01/08/1876 (Bocci, pág. 17).

Novas revelações sobre a História de Itatinga e Avaré são mostradas nos livros: Presépio da Serra, de José Leandro Franzolin, São Paulo, Editora Arcádia, 1999 e História de Avaré, trabalho realizado pelo Professor José Leandro Franzolin, Setembro, 2004 (Vide item 75).

22 - Relação das povoações da Província de São Paulo, com sua população, calculada segundo o número de eleitores e dos fogos de cada uma por Manuel Eufrásio de Azevedo Marques, apurada em 1870 (ou 1872), (vide quadro no item 30).

23 - População escrava por Municípios, apurada de acôrdo com a lei no. 2040 de 28/09/1871 (vide quadro no item 30).

24 - Almanak da Província de São Paulo para 1873 - Antonio José Baptista de Luné e Paulo Delfino da Fonseca. Temos as seguintes informações, dentre outras (págs. 438 à 444):

Comarca de Botucatu (1ª Entrância)

Cabeça de Comarca a Villa de Botucatu. Abrange os Têrmos de Botucatu e Lenções.

Têrmo de Botucatu - 1º Distrito - Paróchia de Botucatu

2º Districto - Parochia de Nossa Senhora dos Remédios (Nota - da Ponte do Rio Tietê - Atual Anhembi).

3º Districto - Parochia do Rio - Novo (- atual Avaré).

MUNICÍPIO DE BOTUCATÚ

A Villa de Nossa Senhora das Dôres de Botucatu está situada a 45 léguas ou 250 Kilometros da Capital; a 10 léguas ou 55, 5 Kilometros de Lenções; a 30 léguas ou 166,6 Kilometros de Sorocaba; a 15 léguas ou 83,3 Kilometros da Constituição; a 7 léguas ou 38,8 Kilometros de Nossa Senhora dos Remedios do Tietê.

Esta povoação foi erecta Freguezia em 1846, com a denominação de Freguezia do districto de Cima da Serra de Botucatu, e elevada à categoria de Villa em 1855.

A grande fertilidade dos terrenos desta Comarca fez com que muitos immigrants affluissem para ella e fixassem residência, desenvolvendo-se rapidamente a Villa de Botucatu no centro. Os primeiros povoadores, que descortinarão as matas, por via de regra, aventureiros, criminosos e desertores de qualquer obrigação, vendêrão as posses aos que vierão depois, menos compromettidos, e continuarão para nordeste na conquista de terras, levando de vencida os índios que encontravão.

A fama da fertilidade de Botucatu attrahiu novos immigrants, principalmente da Província de Minas, os quaes, achando occupados os terrenos

proximos à Villa, caminharão para diante, comprando as novas posses estabelecidas pelos aventureiros. Deste modo rapidamente povoou-se o paiz; achando-se, porém, os seus habitantes extremamente disseminados, dominando a uns o infundado desejo de possuir grande extensão de terreno, e a outros o medo da justiça.

Do Município de Botucatú exporta-se algodão, toucinho, queijos, gado vaccum e suino, e em maior quantidade o café, regulando a exportação destes productos, termo-médio: café, 35.000 arrobas; algodão, 15.000 arrobas; gado vaccum, 2.000 cabeças; porcos, 20.000; queijos, 100.000.

Calcula-se a plantação do café em cerca de 1.200.000 pés, sendo 800.000 pés já formados e produzindo.

A importação de fazendas para o Município no anno de 1872 orçou em 200:000\$000.

Vigário da Vara e da Igreja - Padre Francisco José de Miranda (Nota - de 03/01/1867 à 1873, sendo substituído pelo Padre Francisco Cândido Correia de 15/02/1874 à 14/11/1874 - Vide Achegas pág. 67 e Almanak de Botucatu, 1920, pág. 26).

Igrejas:

Matriz, sob a invocação de Sant'Anna.

Nossa Senhora do Rosario (em construção).

Capella de Santa Cruz.

FREGUESIA DO RIO NOVO (Nota- Atual Avaré) pertence ao Município de Botuca-

tú. Foi erecta Freguesia a 7 de abril de 1870.

Igreja - Matriz, sob a invocação de Nossa Senhora das Dôres.

Irmandade - de Nossa Senhora das Dôres.

Vigario - Padre Antonio Mainieri.

Sacristão - Joaquim Paes de Almeida.

Fabriqueiro - Manoel Marcelino de Souza Franco.

FREGUEZIA DE NOSSA SENHORA DOS REMEDIOS

A Freguezia de Nossa Senhora dos Remedios da Ponte do Tietê pertence ao Município de Botucatú. Foi erecta Freguezia a 20 de Fevereiro de 1866. Dista 52 leguas ou 208,8 Kilometros da Capital; 7 leguas ou 38,8 Kilometros de Botucatú; 5 leguas ou 27,7 de Lençóes; 9 leguas ou 50 Kilometros da Constituição.

Dentro da Freguezia existem 76 casas habitadas e 336 moradores, e no seu districto ha mais de 2.000 habitantes. VIGARIO: Padre Francisco de Urso.

FREGUEZIA DO RIO-BONITO

A Freguezia do Rio-Bonito pertence ao Municipio de Botucatú. Foi erecta Freguezia em 28 de Fevereiro de 1866. Dista 52 leguas ou 288,8 Kilometros da Capital; 7 leguas ou 38,8 Kilometros de Botucatú; 5 leguas ou 27,7 Kilometros de Lençóes. VIGARIO: Padre Decio Chefalo.

Nota: O Almanak da Provín-

cia de São Paulo para 1873 coloca a Freguesia do Rio Bonito (atual Bofete) como pertencente ao Município de Botucatu, mas pela Lei no. 32 de 24/03/1871, passou a pertencer ao Município de Tatui, o que mostra desatualização de dados ou a pesquisa foi feita anteriormente a essa data. A Estatística Oficial de 1874, que mostraremos a seguir, também incorreu nesse erro.

25 - Estatística Oficial de 1874 (parte apresentada por Azevedo Marques, Tomo II, 1879, pág. 184) e Dr. Joaquim Floriano de Godoy na Província de São Paulo - Trabalho Estatístico, Histórico e Noticioso, 1875, pág. 45 - vide quadro no item 30.

Apresentamos as considerações do Dr. Joaquim Floriano de Godoy quanto ao conteúdo do recenseamento oficial:

“O recenseamento official da população da provincia de São Paulo já está publicado; contém, porém, elle taes inexactidões que tornam-se necessários outros trabalhos para calcular-se, ainda que approximadamente, a verdade. Neste intuito sujeitamos à consideração do leitor dous estudos, sendo um do erudito e consciencioso paulista Azevedo Marques, apurado em 1872, e outro de nossa propria lavra concluido em dezembro de 1874, havendo neste um accrésimo de 9 1/2% mais ou menos. Estes trabalhos tiveram por base as qualificações e fogos. Bem sabemos que semelhantes fontes não têm a exactidão mathematica, porém são as melhores que possuímos,

quando aproveitadas com as devidas cautellas. Pelo ultimo estudo vê-se que a população de S. Paulo sóbe a 1,011,470 habitantes.

Este algarismo não é exagerado, visto como só na classe escrava, que, pelo arrolamento da lei no. 2.094 de 28 de Setembro de 1871 (Nota - Lei nº 2040), existiam 162,316 está elevada hoje a 171,619. Restam, pois 86,390 habitantes, para toda a provincia, o que seguramente aos olhos dos entendidos neste difficil matéria não parecerá demasiado.

Muitas causas concorreram para a imperfeição da estatística official, notando-se entre ellas, a falta de cuidado investigador da maxima parte dos agentes recenseadores, a conducta reprehensivel de grande numero de chefes de familias das zonas agricolas que, sob os futeis temores de lei do recrutamento para o exercito, e de outros serviços publicos, negaram-se a dar as listas respectivas, conforme as exigencias de tão melindroso trabalho.

Em uma provincia como a de S. Paulo, onde o progresso encarado sob suas multiplicadas faces é rapido e sensível, não admira que sua população vá sempre em escala ascendente, já dos seus elementos fixos, já pela grande immigração que lhe vem das provincias circumvizinhas”.

26 - Mapa da população da província de São Paulo, distribuída por suas comarcas e respectivas povoações, organizada pelo Dr. Joaquim Floriano de

Godoy em Dezembro/1874. Trabalho Estatístico, Histórico e Noticioso, pág. 45, 1875 (vide quadro no ítem 30).

27 - 16/06/1876 - Ratificação da doação de Francisco de Assis Nogueira ao Patrimônio de Sant'Anna (Achegas, pág. 64).

28 - Provisões de 22/03/1878 - conforme Achegas, pág. 67, no Anuário da Cúria Diocesana figuram, ambas com a data de 22/03/1878, duas provisões do Bispo Dom Lino Deodato Rodrigues de Carvalho, nomeando o padre Paschoal Blotta, uma para Vigário Encomendado, outra, para Vigário da Câmara Eclesiástica de Botucatu.

Na representação do subdelegado Cruz Pereira contra o vigário padre Joaquim Gonçalves Pacheco, está claramente escrito que "temos outro Sacerdote, para nos ministrar os Sacramentos". Dois padres na mesma paróquia (um deles é o Padre Joaquim Gonçalves Pacheco). Isto, já em 4 de abril de 1850 (vide Achegas, Nota 3, págs. 68 à 70). Poderiam estar se referindo ao Padre Francisco de Paula e Medeiros, de Itapetininga, anterior ao Padre Joaquim Gonçalves Pacheco.

Tais nomes e fatos permitem a ilação de Hernâni Donato, aceita pelo arcebispo e historiador, Dom Vicente Marchetti Zioni, de que Botucatu, desde o início, teve duas igrejas: a matriz de Sant'Anna e a paróquia de Nossa Senhora das Dores. Assunto esse a ser pesquisado, segundo Hernâni Donato.

Pelo documento de 07/04/1869 (vide ítem 19) as igrejas eram: a da Matriz e a de Santa Cruz. As capelas eram: a de Nos-

sa Senhora das Dores no Rio Novo e a de São Roque nas margens do Rio do Peixe.

Pelo Almanak da Província de São Paulo para 1873 havia a Matriz sob a invocação de Sant'Anna, Nossa Senhora do Rosário (em construção) e a Capela de Santa Cruz.

Em 1879, Azevedo Marques, Tomo I, pág. 147 afirma que "além da Igreja Matriz, possui a Capela de Santo Antonio". Esta capela provavelmente localizava-se no Bairro de Santo Antonio de Sorocaba (vide Segundo Anuário Eclesiástico da Diocese de Botucatu).

A seguir apresentamos as provisões citadas, as quais não mencionam o local de destino do Padre Paschoal Blotta como Vigário Encomendado:

“Mitra Arquidiocesana de São Paulo

Arquivo Metropolitano

Dom Duarte Leopoldo e Silva

Certifico que revendo neste Arquivo Metropolitano Dom Duarte Leopoldo e Silva da Arquidiocese de São Paulo no Livro de Registros de Provisões (1875 - 1878), arquivado na Estante 01, Prateleira 02, Livro 31, Folha 320v., localizamos e transcrevemos os seguintes termos:

<< Mês de Março de 1878.

22 Da de Vigro. Encomendado de Botucatú, a favor do Rdo. Pascoal Blotta, pr um anno.

// Da. de Vigro. da Vara da mma. Comarca e pr. igual praso, a favor do mesmo>>”.

NADA MAIS, continuam os sobreditos assentos aos quais fielmente me reporto e dou fé. São Paulo, 17 de abril de 2001.

Jair Mongelli Junior
Chefe do Arquivo
Metropolitano”

Eram padres no Rio Novo:
 Padre Antonio Mainieri - de 21/08/1870 a 1875 (Jango, pág. 22).

21/08/1870 a 06/02/1875 (José Pires Carvalho, pág. 25).

Padre Francisco Cândido Correia - de 1875 a 1879 (Jango pág. 26 e 29).

07/02/1875 a 20/10/1878 (José Pires Carvalho, pág. 26)

Na caixa 40, Pasta 4, Documento 21C ou Volume 9, pág. 72 do material diagramado, temos registro do Padre Francisco Cândido Correia, como Vigário da Vara e da Igreja em 25/11/1876, em Rio Novo.

Eram padres em Botucatu:

Padre Francisco José de Miranda - 03/01/1867 a 1873.

Padre Francisco Cândido Correia - 15/02/1874 a 14/11/1874.

Padre Bernardo C. de Araújo - 15/11/1874 a 13/03/1875.

Padre Paschoal Blotta - 14/03/1875 a 1881

(Almanak de Botucatu, 1920, pág. 26 e Achegas, pág. 67).

Conclusão - diante do exposto, teríamos duas hipóteses:

1 - O padre Paschoal Blotta poderia ter sido nomeado Vigário da Câmara Eclesiástica e Vigário Encomendado para a

Matriz de Sant'Anna de Botucatu, acumulando cargos.

2 - Vigário Encomendado para a Capela de Santa Cruz, Capela do Rosário ou Capela de Santo Antonio.

Nota - Na caixa 40, Pasta 4, Documento 58 no CD ou Volume 9, pág 153 no material diagramado, temos registro de missa na Capela do Rosário em 13/07/1879.

29 - Apontamentos Históricos, Geográficos, Biográficos, Estatísticos, Noticiosos da Província de São Paulo, Azevedo Marques, 1879.

Esta obra foi lançada em 1879, pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, por instigação de Dom Pedro II.

Em 1872, Azevedo Marques fez seu prefácio ao leitor e submeteu sua obra à apreciação do: Diário de São Paulo - 06/04/1873

Clementino Falcão de Sousa Filho - 04/04/1873

José Bonifácio de Andrada e Silva ----

Francisco Justino Gonçalves de Andrade - 08/04/1873

Olegário Herculano de Aquino e Castro - 15/12/1874

"Com o maior escrúpulo assentou as menções das fontes documentadoras de seus verbetes. Avisa, aliás, que se valeu ainda de muitos artigos, memórias e informações inéditas, prestadas por diversas pessoas dignas de crédito...

...Assim e por diversas vezes foi por estas induzido em erro e mesmo a graves erros. Muitas

dos seus verbetes inserem erros que foram esclarecidos pelo desvendamento de documentação.

De 1872 a Maio de 1877 ainda estava a trabalhar na obra, como se depreende da Cronologia a ela anexa. A 20 de Fevereiro de 1878 Azevedo Marques falecia". (vide prefácio de Afonso de E. Taunay).

Aqui fica uma questão: quem primeiro teria levantado a "invocação a Nossa Senhora das Dores"? e como teria conseguido a informação?

Azevedo Marques em 1872, Paulo Delfino da Fonseca e Luné em 1873 ou Estatística Oficial publicada em 1874?

E que influência um trabalho teve sobre os demais?

Lembramos que tais obras tiveram anos de não interrompido trabalho.

Como Joaquim Floriano de Godoy em 1875 não teve acesso às listas respectivas da Estatística Oficial de 1874 (vide item 25), abre-se um campo de pesquisa em tais listas (se existirem) e na obra de Azevedo Marques submetida à apreciação em 1873 (e não a publicada em 1879).

Apresentamos a seguir os verbetes elaborados por Azevedo Marques, referentes ao Termo de Botucatu:

BOTUCATÚ - (Botucatu) - Significa lugar de bom tempo. (Fr. Francisco dos Prazeres, Glossário).

BOTUCATÚ - (Botucatu) - Povoação situada a ONO. da

capital em território outrora pertencente ao município da cidade de Itapetininga.

Foi criada freguesia por lei provincial de 19 de fevereiro de 1846, elevada à vila pela de 14 de abril de 1855, e à cidade por lei n. 18 de 16 de março de 1876.

O paulista Simão Barbosa Franco foi quem deu começo a esta povoação em 1766 por ordem do governador e capitão-general D. Luís Antônio de Sousa Botelho Mourão. A sua invocação é da Senhora das Dores.

Dista da capital 48 léguas ou 266,6 quilômetros, e das povoações limítrofes, a saber: de Itapetininga, 18 léguas ou 100 quilômetros; de Lençóis, 10 léguas ou 55,5 quilômetros; da Constituição, 16 léguas ou 88,8 quilômetros; da cidade do Tietê, 7 léguas ou 38,8 quilômetros.

Suas divisas com os municípios limítrofes foram estabelecidas por leis provinciais de 14 de abril de 1855, 5 de março de 1857, 9 de abril de 1859, 20 de abril de 1864, 18 de abril de 1865, 20 de fevereiro de 1866, 19 de julho de 1867, 3 de abril de 1873 e 30 de março de 1874.

Além da igreja matriz, possui a capela de Santo Antônio.

É a cabeça de comarca.

Lavoura de algodão e cereais.

População 6.693 almas, sendo 847 escravos.

Eleitores em 1876, 16.

Fogos, 226.

Tem duas escolas primárias para ambos os sexos.

As rendas públicas, no ano financeiro de 1869-1870, foram as seguintes:

Geral.....15:693\$384
Provincial:..... 2:401\$895
Municipal:..... 2:966\$920
Total:21:062\$199

Nota 1 - 6693 almas, leia-se 6613 almas.

Nota 2 - A Capela de Santo Antônio provavelmente localizava-se no Bairro Santo Antônio de Sorocaba (vide Segundo Anuário Eclesiástico da Diocese de Botucatu).

Nota 3 - Azevedo Marques não explicita a invocação ou padroeira da Igreja Matriz. A citada invocação a Senhora das Dores refere-se a que data?

RIO-NOVO (Rio Novo) - Afluente da margem esquerda do rio Pardo. Corre na direção mais geral de Sul a Norte, por entre os municípios de Parapanema e Botucatu.

RIO-NOVO (Rio Novo) - Povoação fundada em território do município de Botucatu. Foi criada freguesia por lei provincial de 7 de abril de 1870, que lhe designou as divisas, e elevada à vila por lei provincial de 7 de julho de 1875. Tem duas cadeiras de instrução pública primária para ambos os sexos. Seus habitantes, que elevam-se a 5.137, sendo 341 escravos, cultivam algodão, café, e ocupam-se da indústria pastoril. A padroeira é a Senhora das Dores. A paróquia dá 11 eleitores. Sobre divisas veja-se a lei provincial de 30 de março de 1874.

PONTE DO TIETÊ (TIETÊ)

- Senhora dos Remédios da. Povoação situada em território pertencente ao município de Botucatu.

Foi criada freguesia por lei provincial de 20 de fevereiro de 1866. A paróquia dá 3 eleitores, e a população é de 2.821 habitantes, sendo 96 escravos. As leis de 3 de março do mesmo ano e 9 de julho de 1869 designaram as divisas com as paróquias limítrofes.

Tem duas cadeiras de instrução pública primária para ambos os sexos.

Dista da capital 52 léguas ou 288,8 quilômetros, de Botucatu 7 ou 38,8, de Lençóis 5 ou 27,7, da Constituição 9 ou 50 quilômetros.

Tem 76 fogos; eleitores em 1876 - 7. A lavoura é de algodão e cana.

RIO-BONITO (Rio Bonito) -

Povoação antes chamada Capela do Samambaia, fundada em território pertencente ao município da vila de Botucatu, sob a invocação da Senhora da Piedade. Foi criada freguesia por lei provincial de 28 de fevereiro de 1866. Dista da capital 52 léguas ou 288,8 quilômetros e das povoações limítrofes, a saber: de Botucatu 7 ou 38,8 quilômetros, e de Lençóis 5 ou 27,7 quilômetros. A população é de 2.928 almas, sendo 70 escravos. A paróquia dá 7 eleitores. Sobre suas divisas veja-se a lei provincial de 16 de abril de 1874.

30 - Quadro

1) Relação das povoações da

Província de São Paulo, com sua população, calculada segundo o número de eleitores e dos fogos de cada uma por Manuel Eufrázio de Azevedo Marques, apurada em 1870 (Nota- ou 1872):

Povoações:	População
Tatuatu	8000
Rio Novo	2000
Remédios do Tietê	1500
Rio Bonito	1000
Sub-Total	12.500
Lençóes	7000
São Domingos	1500
Rio Pardo	1500
Sub-Total	10.000
Total nas Povoações	22.500
Total na Província	924.173

Nota - no original Botucatu está grafado como Tatuatu. Vide A Província de São Paulo, 1875, Dr. Joaquim Floriano Godoy, tabela após pág. 46.

2) População Escrava por Municípios, apurada de acôrdo com a lei no. 2040 de 28/09/1871.

Município	População
Botucatu	1316
Lençóes	1007
Total nos Municípios	2323
Total na Província	162.316

3) Estatística Oficial de 1874 (vide quadro próxima página), apresentada por Azevedo Marques - Tomo II - pág. 184 (refere-

se a 1872 - vide pág. 45 e 152 - A Província de São Paulo, J.F. de Godoy).

4) Mappa da população da Província de São Paulo, distribuída por suas comarcas e respectivas povoações, organizada pelo Dr. J.F. de Godoy - Dezembro/1874.

Comarca - Botucatu - 2ª Entrância:

Povoações	População
Botucatu	9300
Rio Novo	2700
Remédios do Tietê	2729
Rio Bonito	1600
Sub-Total	16.329
Lençóes	7800
São Domingos	2320
Rio Pardo	2140
Sub-Total	12.260

Total nas Povoações

Livres	Escravos
26.266	2.323
Total:	28.589

Total na Província

Livres	Escravos
839.860	171.619
Total:	1.011.479

31 - Em 1886/1887 o Dr. Adolpho Pinto compõe a obra A Província de São Paulo, e que appareceu em 1888.

32 - Em 1914 é publicado o documento da Divisão Administrativa e Divisas Municipais, organizada por Armando Prado,

arquivista da Repartição de Estatística e Arquivo do Estado de São Paulo.

O documento oficial nos diz: "Botucatu - chamava-se antes Districto de Cima da Serra de Botucatu e Parochia de Nossa Senhora das Dores da Serra de Botucatu.

Districto de Paz - Lei no. 7 - de 19 de Fevereiro de 1846.

Município - Lei no. 17 de 14/

04/1855.

Cidade - pela Lei no. 18 de 16/03/1876.

O actual Município divide-se em tres districtos de paz - Botucatu, Espírito Santo do Rio Pardo e Prata.

Divisas - A Lei no. 7 - de 19 de Fevereiro de 1846, criando a Freguesia no Districto de Cima da Serra de Botucatu, município de Itapetininga, declarou que o

Município	Paróquias	Livres	Escravos	Total
Botucatu	Senhora das Dores de Botucatu	5766	847	6613
	Senhora das Dores do Rio Novo	4796	341	5137
	Senhorados Remédios da Ponte do Tietê	2725	96	2821
	Senhora da Piedade do Rio Bonito	2858	70	2928
	Sub-Total	16.145	1.354	17.499

Município	Paróquias	Livres	Escravos	Total
Lençóes				
	Senhora Piedade dos Lençóis	5185	629	5814
	São Domingos	3629	116	3745
	Santa Cruz Rio Pardo	3623	209	3832
	Sub-Total	12.437	954	13.391

Total nos Municípios	28.582	2308	30.890
Total na provincia	680.742	156.612	837.354

Governo, ouvindo a respectiva Camara, marcaria as divisas.

Não existe no Archivo registro do Acto marcando essas divisas."

Nota 1 - O autor afirma que "Botucatu - chamava-se antes Districto de Cima da Serra de Botucatú" pela Lei no. 7 de 19/02/1846, mas não faz referência a que lei eclesiástica teria sido criada a "Parochia de Nossa Senhora das Dores da Serra de Botucatú". Tudo indica que esta última informação foi extraída da Estatística Oficial de 1874.

Nota 2 - Não temos conhecimento de documento eclesiástico que comprove a criação da Parochia de Nossa Senhora das Dores da Serra de Botucatú.

Nota 3 - Somente através da Lei no. 3 de 05/03/1857 foram declaradas as divisas entre Botucatu e Itapetininga.

33 - Em 29/07/1916 o Correio de Botucatu no. 1082, publica artigo sobre Botucatu - Homens e Cousas, de autoria do Dr. João Nogueira Jaguaribe.

Em todos os documentos citados, diz o historiador, "não constam a Fundação de Botucatu em 1766, por Simão Barbosa Franco, como erroneamente afirmam Azevedo Marques em seu Apontamentos da Província de São Paulo e depois dele Alfredo Moreira Pinto em seu Dicionário Geográfico".

Segundo João Nogueira Jaguaribe, "o verdadeiro fundador de Botucatu foi o Capitão José

Gomes Pinheiro, tronco da notável família Pinheiro Machado, porque foi elle quem primeiro, em 1843, fez doação da maior parte dos terrenos da cidade para a fundação da freguesia, sob a invocação de Sant'Anna, em homenagem ao nome de sua mulher Anna Florisbella Machado Pinheiro, e foi seu pensamento que a cidade ficasse dentro de uma quadra cercada de chácaras, como consta do título de doação".

Nêste artigo, nehuma referência é feita à invocação de Nossa Senhora das Dores.

Aqui cabe uma correção o seu nome era Anna Florisbella Machado de Oliveira e Vasconcellos (nome de solteira) e Anna Florisbella Pinheiro Machado (nome de casada). Vide Árvore Genealógica da Família Pinheiro Machado, Paulo Pinheiro Machado Ciaccia, 1ª edição, Botucatu/SP, Gráfica Santana, 2000.

Êsse êrro persistiu no trabalho de Eunice Almeida Pinto Chaves, o Município e a cidade de Botucatu, Anais do X Congresso Brasileiro de Geografia, 1943, Belém, do Pará; no livro No Velho Botucatu, Sebastião Almeida Pinto, 1956; e até atualmente no livro Terras e Índios, Maria do Carmo Sampaio Di Creddo, 2003.

34 - Almanack de Botucatu, 1920 - preparado e editado por Augusto de Magalhães.

O artigo História da Fundação de Botucatu, baseado em informações do historiador Dr. João Nogueira Jaguaribe, nos diz:

"Ao tempo recuado da capitania de São Paulo o governador Luiz Antonio de Souza Botelho Mourão, no período da sua administração, de 1765 a 1775, tentou fundar Botucatu, sobre o rio Paranapanema mas, apesar das suas ordens expedidas em 1773 aos capitães-mores de Sorocaba e Itapetininga, nada foi feito, só se realizando a fundação da Freguesia pela lei acima citada da Assembléia Provincial de São Paulo (Nota - lei no. 283 de 19 de Fevereiro de 1846). A Freguesia foi fundada sob a invocação de Sant'Anna.

Deve-se o patrimônio para a Freguesia à doação em primeiro lugar dos herdeiros de Joaquim Costa, e, em segundo, do Capitão José Gomes Pinheiro.

Da primeira não existe documento escripto; da segunda, porém, consta de um lavrado aos 23 de Dezembro de 1843, na Fazenda "Monte Alegre", residência que era do segundo doador".

A questão do patrimônio para a Freguesia referida acima, é tratada no ítem C9 do livro "As Primeiras Fazendas", explicada pelos documentos da Câmara Municipal de Botucatu de 16/12/1859; 28/02/1860; 17/04/1860 e 10/10/1860.

O Almanack de Botucatu - 1920, informa a elevação à categoria de cidade em 04/03/1876, enquanto o Achegas para a História de Botucatu, informa em 16/03/1876.

O Almanack de Botucatu - 1920, faz referência às doações de 03/03/1870 e 16/07/1876 ao Patrimônio de Sant'Anna.

35 - Correio de Botucatu - 22/09/1922 - no. 1546. Artigo inédito do Dr. João Nogueira Jaguaribe, e gentileza do Prof. Ataliba Pires do Amaral, a quem estavam confiados os originais.

1 - Nêste artigo, o Dr. João Nogueira Jaguaribe reitera "a não fundação de Botucatu em 1766, por Simão Barbosa Franco, como erroneamente afirmam Azevedo Marques nos Apontamentos da Província de São Paulo, e depois dele Alfredo Moreira Pinto no Dicionário Geográfico. Se houve portanto qualquer tentativa de fundação de Botucatu no século 18, foi causa efêmera que não deixou nem ruínas, nem vestígios, nem mesmo tradições".

2 - Nêste artigo, o Dr. João Nogueira Jaguaribe cita que "a atual Praça Coronel Moura fôra, segundo a tradição, um antigo e abandonado aldeamento de indígenas chavantes, notável pela sua salubridade e onde existia uma cruz tôsca, pertenceu a Joaquim Costa e seus filhos, que aí construíram algumas casas sem alinhamento. Aí foi edificada uma capela que se denominou de Capão Bonito".

3 - Nêste artigo, o Dr. João Nogueira Jaguaribe cita que "entre o Capitão José Gomes Pinheiro e os Costas houve uma demanda por causa do local da Capela, resolvida amigavelmente no Juízo de Paz. Desse acordo resultou deliberar o Capitão José Gomes Pinheiro fundar um povoado, para cujo fim fez, por escripto particular da-

tado da Fazenda do Monte Alegre de 23 de Dezembro de 1843, doação de um grande trecho de terras no seu retiro do "Capão Bonito", já então conhecido pela denominação "Rincão da Capella" para a fundação de uma Freguesia sob a invocação de Sant'Anna, nome de sua mulher Anna Florisbella de Oliveira Machado".

Nota 1 - Não houve acôrdo entre os litigantes, como erroneamente citam João Nogueira Jaguaribe no referido artigo; A Revista a Cruzada, Ano I, Número 3 de 28/09/1928; Eunice Almeida Pinto Chaves em O Município e a Cidade de Botucatu - Anais do X Congresso Brasileiro de Geografia, 1943, Belém, do Pará, pág. 611 e Hernâni Donato em Achegas para a História de Botucatu, edições de 1954, 1956 e 1985, pág. 55.

A demanda não foi por causa do local da Capela e não foi resolvida amigavelmente no Juízo de Paz, como nos mostra em detalhes a Ação de Manutenção de 1846, tratada no ítem D3 do livro "As Primeiras Fazendas".

A oposição armada de Francisco, genro de Joaquim da Costa e Abreu (Vide ítem 11, pág. 64), foi descrita por José Joaquim Barbosa de Carvalho como uma rixa; pelo Dr. João Nogueira Jaguaribe e Eunice Almeida Pinto Chaves como uma demanda com acordo; por Hernâni Donato como um nutrido tiroteio (Achegas, pág. 55) e pelo Dr. Francisco Marins em seu romance Clarão na Serra, com

mortes em ambas as partes. Essas ilações não constam na Ação de Manutenção.

E na Escritura de Doação de 23/12/1843, ítem C9 do livro "As Primeiras Fazendas", o Capitão José Gomes Pinheiro afirma que: "cujos campos e mattos assim demarcados fasso fiel doação para o patrimônio da Capella de Sant'Anna, seja erecta freguezia dentro de seis annos a contar desta data e não sendo reverterá a mim ou aos herdeiros de meo casal; portanto deve-se formar um quadro de duzentas braças para o arruamento e fazer-se bem assim os demais terrenos em roda deste quadro, também se deverá aforar a quinhentos réis por braça os terrenos dentro do quadro de arruamento, e os terrenos em roda para chácaras à cem réis por braça. Declaro mais que a diviza da contenda da porteira, digo da porteira da contenda que confina com o finado Joaquim da Costa e seos herdeiros está decidida e edificada por uma sentença passada em julgada no Juízo de Paz ou Subdelegado desta Villa.

Cuja doação fasso de minha terça por isso independente de obtorga de minha mulher, digo, de minha consorte. De tudo isso de minha livre vontade e sem constrangimento de pessoa alguma. E por verdade do referido mandei passar o presente por mim somente assignado. Itapetininga, aliáz Fazenda do Monte Alegre - vinte trez de Dezembro de mil oitocentos e quarenta e trez - José Gomes Pinheiro.

Portanto, não procedem as seguintes informações:

a - Não procede a informação de João Nogueira Jaguaribe no Correio de Botucatu de 22/09/1922 no. 1546 de que "entre o Capitão José Gomes Pinheiro e os Costas houve uma demanda por causa do local da Capela, resolvida amigavelmente no Juízo de Paz. Desse acordo resultou deliberar o Capitão José Gomes Pinheiro fundar um povoado, para cujo fim fez, por escripto particular datado da Fazenda do Monte Alegre de 23 de Dezembro de 1843, doação de um grande trecho de terras no seu retiro do "Capão Bonito", já então conhecido pela denominação "Rincão da Capella" para a fundação de uma Freguesia sob a invocação de Sant'Anna, nome de sua mulher Anna Florisbella de Oliveira Machado" (Nota - seu nome de solteira e no Artigo de João Nogueira Jaguaribe, Correio de Botucatu, 29/07/1916, no. 1082, é citada como Anna Florisbella Machado Pinheiro, mas na realidade é Anna Florisbella Pinheiro Machado (nome de casada).

b - Não procede a informação de José Joaquim Barbosa de Carvalho na Revista A Cruzada, Ano I, Número 3 de 28/09/1928, de que o Capitão José Gomes Pinheiro tivesse dito ao Joaquim da Costa e Abreu que "posseasse o matto, respeitando o campo" (vide ítem 3 da Ação de Manutenção, ítem D3 do livro "As Primeiras Fazendas").

c - Não procede a informação de Eunice Almeida Pinto Chaves, do Município e a Cidade de Botu-

catu, Anais do X Congresso Brasileiro de Geografia, 1943, Belém, do Pará, pág. 611, de que "entre o Capitão José Gomes Pinheiro, morador e fazendeiro na região, e Joaquim Costa e herdeiros, surgiu uma demanda por causa do local onde foi edificada a capela do Capão Bonito. Entre os litigantes houve um acôrdo amigável, dele resultando o primeiro litigante assumir o compromisso de doar terras para o patrimônio da igreja de Sant'Anna", baseada em João Nogueira Jaguaribe.

d - Não procede a informação de Hernâni Donato, Achegas para a História de Botucatu, 3ª Edição, Edicon, 1985, pág. 55, de que tivesse ocorrido o "acordo mato-campo, verbalmente estabelecido entre ambos" (Nota - entre o Capitão José Gomes Pinheiro e Joaquim da Costa e Abreu), baseada na Revista A Cruzada.

Também não procede a informação de Hernâni Donato, baseado em Eunice Almeida Pinto, de que "entre os litigantes houve um acordo amigável, dele resultando o primeiro litigante assumir o compromisso de doar terras para o patrimônio de Sant'Anna". E também não ocorreu o "nutrido tiroteio" citado por Hernâni Donato (Achegas, pág. 55). Vide Ação de Manutenção, ítem D3 do livro "As Primeiras Fazendas").

4 - Neste artigo, o Dr. João Nogueira Jaguaribe cita que "é tradição que os Costas fizeram doação para igual fim mas não ha disso documento algum em Botucatu, sendo possível que estejam nos arquivos de Itapetininga".

Tudo indica que essa tradição advenha dos documentos da Câmara Municipal de Botucatu de 16/12/1859; 28/02/1860; 17/04/1860 e 10/10/1860, assunto esse tratado no ítem C9 do livro "As Primeiras Fazendas".

5 - Neste artigo, o Dr. João Nogueira Jaguaribe cita que "depois de installada a Freguesia como se vê de uma demanda de 1859 entre Braz de Assis Nogueira e Claudino José Pereira, o local onde está a cidade era vulgarmente conhecida pela denominação de "Capella de Capão Bonito", mas se instalando o município firmou-se a denominação de Villa de Botucatu".

Nota 2 - documentos da Junta de Qualificação de Botucatu (vide caixa 39, pasta 1, documentos 2 e 2A do Arquivo do Estado), de 24/02/1852 e 28/02/1852, relatam a "Freguesia de Nossa Senhora Santa Anna de Botucatu do Município de Itapeitinga da quarta Comarca".

6 - Neste artigo, o Dr. João Nogueira Jaguaribe faz referências as outras doações de 03/03/1870 e 16/07/1876 para o Patrimônio de Sant'Anna.

7 - Neste artigo, a escritura de 13/01/1842 citada erroneamente por João Nogueira Jaguaribe sendo a compra da Sesmaria de João Pires de Almeida Taques pelo Cap. José Gomes Pinheiro, trata-se da doação convencional do Cap. José Gomes Pinheiro e sua mulher ao seu filho primogênito Matheus Gomes Pinheiro Machado, referente a Fazenda Três Pontes.

8 - Neste artigo, o Dr. João Nogueira Jaguaribe não faz nenhuma referência a invocação de Nossa Senhora das Dores.

36- Os Municípios Paulistas - 1925 - Eugenio Egas (de Andrade) Publicação Oficial - São Paulo - Secção de Obras D'O Estado de São Paulo.

Conforme solicitação do Dr. Washington Luís Pereira de Souza (Governador do Estado de São Paulo - 1919 a 1922) a Eugenio Egas, êste publicou em 1925, já no Governo de Carlos de Campos, a obra os Municípios Paulistas. Eugenio Egas recebeu a ordem para pôr em dia a monumental obra do Dr. Adolpho Pinto, publicada em 1888, e que é conhecida com o título A Província de São Paulo.

Diz Eugenio Egas: "dando lugar à parte, e de alto relêvo à obra clássica de Azevedo Marques (Apontamentos da Província de São Paulo) e às publicações de João Jacynto Ribeiro e Paulo Rangel Pestana, o livro - Os Municípios Paulistas - aproveitou-se sobretudo dos notabilíssimos trabalhos compostos por Daniel Pedro Muller, em 1836; Luné e Fonseca, 1873; Adolpho Pinto, composto em 1886/87 e que apareceu em 1888.

Para conhecimento do aspecto geral, orografia, hidrografia, clima, geologia, mineralogia, flora, fauna, e tudo quanto se relacione com a geografia física de São Paulo, ha, entre muitas, duas obras dignas de recomendação especial: A Província de São Paulo, de Adolpho Pinto e o Brasil, do Prof. Moreira Machado.

Outras obras que não podem deixar de serem citadas são: as de João Pedro Cardoso, Affonso Taunay e Rocha Pombo.

Theodoro Sampaio - o Tupi na Geografia Nacional - (São Paulo, Empresa Editora - "O Pensamento" - 1914) forneceu relação dos nomes Indígenas ou Exóticos de Municípios Paulistas não incluídos na sua notável obra".

Eugenio Egas, no seu Os Municípios Paulistas, descreve: Município de Botucatu - História.

"O paulista Simão Barbosa Franco foi quem deu começo à povoação em 1766, por ordem do governador e capitão-general D.Luiz Antonio de Souza Botelho Mourão. Por escriptura de 23 de Dezembro de 1843, foram doados os terrenos do patrimônio pelo capitão José Gomes Pinheiro Velloso e sua mulher D.Anna Florisbella Pinheiro Machado. Mais tarde foi augmentado o patrimônio por doação feita por Francisco de Assis Nogueira, a qual foi ratificada pela viúva e herdeiros deste, a 16 de Junho de 1876; e ainda a 2 de Novembro de 1869 teve o patrimônio novo augmento por doações que fizeram:

01 - Domingos Soares de Barros

02 - Joaquim Gonçalves da Fonseca

03 - José R. César (José Rodrigues César)

04 - Braz Nogueira (Braz de Assis Nogueira)

05 - Manoel J. Machado (Manoel José Machado)

06 - A. J. Cardoso de Almeida (Antonio Joaquim Cardoso de Almeida)

07 - Francisco Pires (Francisco Xavier de Almeida Pires)

08 - Manoel de Arruda Leme

09 - Manoel J. de Faria (Manoel Gomes de Faria)

10 - José Emygdio de Barros

11 - Dr. Bernardo da Silva (Dr. Bernardo Augusto Rodrigues da Silva)

12 - João César (João Baptista do Amaral Cesar)

13 - Tito Correa de Mello

14 - D. Leonor da Silva Bueno

Obs.: Os nomes entre parênteses são correções e complementações dos autores deste.

A parochia esteve até 1850 sob a direção do vigário de Itapetininga e só nessa época é que teve o seu primeiro vigário, na pessoa do padre Joaquim Gonçalves Pacheco.

Divisão Eclesiástica - Existe uma paróquia sob a invocação de Sant'Anna e uma Capella tendo como orago São José.

Existem as seguintes irmandades:

Santíssimo Sacramento; São Benedicto (inicialmente Nossa Sra. do Rosário); São Vicente; Filhas de Maria; Comunhão Reparadora; União Cathólica de Moços; São Tarsisio; Conselho Central da Conferência de S.Vicente de Paulo; Conselho particular das Conferências; Conferências de S.Vicente de Paulo, denominadas: Sant'Anna, Nossa Senhora de

Lourdes e S. José . É sede de Bis-pado".

Nesta obra, a respeito de Botucatu, temos quatro pontos a considerar:

1) Não foi feita nenhuma referência a Nossa Senhora das Dores.

2) A doação de Felisberto Antonio Machado e sua mulher Faustina Maria da Conceição a Nossa Senhora da Santa Anna, padroeira desta Freguesia, em 16/03/1854, livro I do 1º Tabelião de Notas de Botucatu, págs. 76/76 V, e descrita no ítem E53 deste livro, não foi mencionada na obra os Municípios Paulistas - Eugenio Egas - 1925, a par das outras doações citadas nessa obra.

3) As doações de 02/11/1869, cujos doadores estão representados pelo sócio Domingos Soares de Barros, estão traduzidas na escritura de 03/03/1870, Livro 14, págs. 79V/80 do 1º Cartório de Notas de Botucatu, cujo teor é o seguinte: "Escritura de venda que fazem o Major João Pereira da Silva e Tenente João Baptista do Amaral Cesar, com suas mulheres à diversos sócios representados por Domingos Soares de Barros, a benefício do patrimônio de Nossa Senhora Sant'Anna".

4) Na escritura de 03/03/1870, Livro 14, págs. 79V/80, dizem os vendedores que nesta confrontação (de suas propriedades) se acha compreendido um alqueire de terreno doado ao patrimônio por Francisco Fer-

reira de Aguiar, sendo mais, tão bem compreendido reservam para si dez braças de frente com vinte de fundos e o mais vendem na forma mencionada (11 alqueires e meia quarta de terreno anexo ao patrimônio) - sendo 8 alqueires de João Pereira da Silva e 3 alqueires e meia quarta de João Baptista do Amaral Cesar.

Nota 1 - A doação de Francisco Ferreira de Aguiar não foi por nós encontrada no 1º Tabelião de Notas de Botucatu.

Francisco Ferreira de Aguiar era genro de Manoel José Martins Ferreira, ambos participantes da Ação de Manutenção de 1846, juntamente com João Vieira Paraíso, como réus, em que os Autores são o Capitão José Gomes Pinheiro e sua mulher.

Nota 2 - As áreas vendidas pelo Major João Pereira da Silva e o Tenente João Baptista do Amaral César são provenientes da divisão da Fazenda da Cachoeirinha.

Nota 3- Essas outras doações de 03/03/1870 e 16/06/1876 são citadas nas seguintes obras:

Almanak de Botucatu - 1920.

Correio de Botucatu - 22/09/1922 no. 1546.

Os Municípios Paulistas - Eugenio Egas - 1925 - pág. 285.

O Município e a Cidade de Botucatu - Anais do X Congresso Brasileiro de Geografia, 1943, Belém, do Pará, Eunice Almeida Pinto, pág. 612.

Achegas para a História de

Botucatu, 3ª edição, 1985, Hernâni Donato, págs. 64, 70 e 205.

37 - 28/09/1928 - Revista A Cruzada - Ano I Número 3 - Órgão da "Cruzada Brasileira".

O Sumário desta revista apresenta:

Botucatu Antigo (o artigo não foi assinado)

Tempo de Dantes - Sebastião Almeida Pinto

Botucatu Antigo - Diz o artigo - "iniciando hoje o movimento evocador a que esta página se destina, vamos reproduzir, com a clareza possível, o assunto de um documento antigo, redigido há muitos anos pelo falecido José Joaquim Barbosa de Carvalho".

No final do artigo ressalta - "salvo algumas confrontações com o presente e mudanças de redação, umas e outras de nossa lavra, é este o testemunho pessoal de José Joaquim Barbosa de Carvalho, que oferecemos ao exame dos entendidos para a necessária discussão".

1) As doações citadas pelo memorialista José Joaquim Barbosa de Carvalho referem-se a Sant'Anna.

Nesse artigo, nenhuma citação é feita a Nossa Senhora das Dores.

José Joaquim Barbosa de Carvalho nasceu em 1833 em Portugal, veio para Botucatu em 1855 e faleceu em 15/10/1916 em Botucatu.

Conforme depoimentos prestados em 1916 por José Joaquim Barbosa de Carvalho e lavrados na Revista A Cruzada de 1928,

Joaquim da Costa e Abreu teria doado um pequeno patrimônio a Sant'Anna e o Capitão José Gomes Pinheiro teria aumentado esse patrimônio em 23/12/1843.

O memorialista José Joaquim Barbosa de Carvalho deve ter se baseado nos documentos da Câmara Municipal de 1859 e 1860.

Engano. A 1ª doação é a do Capitão José Gomes Pinheiro em 23/12/1843 ao Patrimônio da Capela de Sant'Anna, conforme escritura de doação.

Após a Ação de Manutenção de 1846, os herdeiros de Joaquim da Costa e Abreu poderiam fazer doação ao patrimônio de Sant'Anna, mas os documentos da Câmara Municipal de Botucatu de 16/12/1859, 28/02/1860, 17/04/1860 e 10/10/1860 acusam que não existe título de doação dos mesmos herdeiros.

No documento da Câmara Municipal de Botucatu de 16/12/1859 está incluído uma cópia da escritura de doação do Capitão José Gomes Pinheiro.

2) José Joaquim Barbosa de Carvalho afirma que o Capitão José Gomes Pinheiro teria dito ao Joaquim da Costa e Abreu - "posseasse o mato, respeitando o campo".

Pela Ação de Manutenção de 1846, o Capitão José Gomes Pinheiro disse ao Joaquim da Costa e Abreu que só defendiam o que haviam comprado. Vide ítem 3 da Ação de Manutenção de 1846.

3) José Joaquim Barbosa de Carvalho foi quem primeiro di-

lineou o rumo - porteira situada na Rua Riachuelo (esquina Nicoletti):

"sahindo da corredeira (onde houve a máquina do Russo, junto à ponte que comunica com o Bairro Alto), dirigia-se para o fundo do campo do Capão Bonito, passando por uma porteira situada na Rua Riachuelo (esquina Nicoletti).

Nesta porteira, que delimitava o primitivo patrimônio com as terras do Capitão José Gomes, houve, segundo dizem, uma rixa entre a gente deste e a dos Costas, motivo pelo qual ficou célebre a Porteira da Contenda (a atual Rua Moraes Barros deve ser mais ou menos o famoso Rumo da Contenda ou da Porteira da Contenda), de interesse no foro local".

Esse rumo delineado por José Joaquim Barbosa de Carvalho foi descrito "de ouvir falar" ou "suposição" e foi colocado na Ação de Manutenção de 1846 não no foro local, mas no foro de Itapetininga.

4) José Joaquim Barbosa de Carvalho também descreve o patrimônio doado pelo Capitão José Gomes Pinheiro, talvez baseado na Escritura de Doação.

5) José Joaquim Barbosa de Carvalho cita que "em 1843 ou 1844, o mineiro Francisco de Assis Nogueira comprou duas fazendas do Capitão José Gomes Pinheiro: Capão Bonito e Pedras".

Essa compra foi realizada em 01/12/1846, vide itens D4 e D5 do livro "As Primeiras Fazendas").

6) Para José Joaquim Barbosa de Carvalho, "João da Cruz

Pereira e Felisberto Antonio Machado - deram princípio à fundação da cidade, sendo estes os principais fundadores".

7) José Joaquim Barbosa de Carvalho, cita que "João da Cruz Pereira e Felisberto Antonio Machado não chegaram a acôrdo a respeito do lugar para a igreja.

Machado queria no espigão do campo, terra pobre e sem água, onde fincou esteios, emadeirou e nisso ficou.

Pereira queria no lugar onde está hoje (Nota - Praça Coronel Moura), e onde fez uma capelinha e seis casas de madeira lavrada, cobertas de telhas".

8) Já João Nogueira Jaguaribe (item 35-2) afirma que "Joaquim Costa e seus filhos que construíram algumas casas sem alinhamento e aí (Nota - Praça Coronel Moura) foi edificada uma capela que se denominou de Capão Bonito".

38 - Avaré - História e Geografia. Opúsculo editado pela Tipografia Central, 1939, contendo as revelações do Capitão Tito Correa de Mello, Museu de Avaré.

39 - Correio de Botucatu - 18/09/1938

É publicado o histórico documento sobre a Fundação de Botucatu, baseado na Escritura de Doação do Capitão José Gomes Pinheiro em 23/12/1843, para o Patrimônio da Capela de Nossa Senhora Sant'Anna.

Por erro do Tabelião, onde se lê "Porteira da Contrada.", leia-se "Porteira da Contenda". Essa

escritura esta reproduzida no Achegas, pág. 59.

40 - É publicado o Primeiro Anuário Eclesiástico da Diocese de Botucatu, em 1941.

41 - Correio de Botucatu - 08/12/1943, 12/12/1943, 16/12/1943

É publicada a Resolução no. 32 de 23/11/1943 do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, por motivo do Centenário da Instituição do patrimônio da Freguesia de Sant'Anna.

A resolução cita que "considerando que essa Freguesia de Santa Anna, juntamente com a de Nossa Senhora das Dores de Cima, veio a ser o núcleo donde surgiu a atual cidade de Botucatu".

Quanto a Freguesia de Nossa Senhora das Dores de Cima, assim como Paróquia de Nossa Senhora das Dores, não temos documentos que comprovem a sua existência, além daqueles citados para o Rio Novo (atual Avaré).

42 - Correio de Botucatu - 19/12/1943

É publicada locução proferida pelo Presidente do Centro Cultural de Botucatu, Dr. Arnaldo Reis, comentando a monografia de Eunice Almeida Pinto Chaves, o Município e a Cidade de Botucatu, a ser apresentada no X Congresso Brasileiro de Geografia, Belém, do Pará.

43 - Correio de Botucatu - 23/12/1943

São publicados dois artigos:

Efeméride Centenária 1843 - 1943

Origens de Botucatu - Eunice Almeida Pinto, Membro do Centro Cultural de Botucatu.

44 - O Município e a Cidade de Botucatu

Eunice Almeida Pinto Chaves

Anais do X Congresso Brasileiro de Geografia, 1943, Belém, do Pará.

A autora defende a fundação de Botucatu por Simão Barbosa Franco, em 1766, sob a invocação de Nossa Senhora das Dores de Cima da Serra (pág. 609), contestada por João Nogueira Jaguaribe em 1916 e também contestada por Aluisio de Almeida em 1951 e Hernâni Donato em 1954, 1956 e 1985 (Achegas, 3ª edição, págs.47 a 50).

1 - Diz a autora à pág. 611 - "Esta povoação (nota - 1766) - Vila de Nossa Senhora das Dores de Botucatu - foi erecta Freguesia em 1846 com a denominação de Freguesia do Distrito de Cima da Serra de Botucatu", dando a entender que houve continuidade na povoação.

Lembramos que de 1766 a 1846, não temos registro de documento concernente a uma povoação que teria levantado uma capela (ou paróquia) em cima da Serra de Santo Ignácio, nem uma única notícia de presença e atuação, nesse período.

2 - A autora afirma que a demanda foi contra o Capitão José Gomes Pinheiro. Lembramos que é exatamente o contrário. Na Ação de Manutenção de

1846, o Capitão José Gomes Pinheiro e sua mulher são autores dessa ação.

3 - Quanto à confusão de nomes à pág. 614, informamos que Eugenio Egas, os Municípios Paulistas, 1925, lavrou o correto. Ou seja, o Capitão José Gomes Pinheiro Vellozo era sim casado com Anna Florisbella Pinheiro Machado (nome de casada), ou Anna Florisbella Machado de Oliveira e Vasconcellos (nome de solteira).

Quanto ao outro José Gomes Pinheiro Vellozo, rábula, citado pela autora, informamos que era filho do respectivo casal citado acima, e avô da aviadora Anésia Pinheiro Machado. Atuou no episódio da atual Rua Rangel Pestana (Achegas, pág. 84) e foi suplente de vereador em 1866 (Achegas pág. 91).

45 - Segundo Anuário Eclesiástico da Diocese de Botucatu - publicado em 1945.

Atos e Governo Diocesano / Estado das Paróquias / Estatísticas.

46 - Folha de Botucatu - 15/04/1947 - Texto de Hernâni Donato.

Esse texto também está reproduzido no livro Botucatu Através da Imprensa - Sua História e Sua Gente - 1938 a 1960 - Marigê Medeiros, 2001.

15 abril de 1947 - Folha de Botucatu

Manchete - Um Plano de recuperação histórica

Uma volta às raízes afim de recuperar as tradições da cidade - Hernâni Donato

"Anos de 1700 a 1765, havia no local onde mais tarde seria o berço do "Cima da Serra" dos brancos, restos de moradias de índios botucudos ou caiuás que estavam se dispersando ou sendo empurrados para as entranhas da mata, pelos brancos conquistadores que, desbravavam os sertões, fundavam fazendas, cresciam, se desenvolviam e as transformavam em vilas, depois cidades. Muitas vezes os pontos fixados eram pontos estratégicos, cujo intuito era impedir a invasão dos europeus em nosso território, que aqui vinham envolvidos pela lenda do "Eldorado" (histórias fantasiosas que corriam pela Europa). Com a chegada de Joaquim Costa, o grupo de casas ou, maloca dos indígenas, serviu de início para a sua empreitada, e ele a aproveitou. Soltou sua boiada, orientou a sua gente e estava, então, plantada a sementinha que afloraria a praça Coronel Moura.

Portanto, Joaquim Costa foi seu fundador. O centro de nossa cidade teve início com Joaquim Costa, sua boiada e sua gente ao longo do, ativamente batido e viajado, caminho do sertão. Os viajantes que subiam a serra e circulavam por estas paragens, reconheceram o local como ideal, possuía água, pasto, abrigo para seus homens e animais... então, foram surgindo casas aqui e acolá aflorando o "Bosque do Sossego". Dois núcleos estavam formados a quilômetro e meio de distância um do outro. Então, como bons vizinhos, se irmanaram, comercializaram

seus produtos amistosamente. O relacionamento entre eles foi crescendo, picadas foram surgindo pela mata ... as picadas foram se transformando em caminhos, ruas. A primeira rua ia do Lavapés ao antigo chafariz, fundos do Paratodos. O grupo de Joaquim Costa crescia para os altos da colina. O segundo grupo, do Coronel Moura, crescia em direção ao rio. Um grupo rasgava picada em direção ao outro grupo e, uma dessas picadas é a rua Amando de Barros, aberta pelo grupo do Coronel Moura. Os moradores denominavam as ruas para melhor entendimento entre eles: Rua Nova, Rua Velha, Rua de Baixo, Rua de Cima. A Rua de Cima era quase toda mato, isto é, pouco construída, então os moradores da Rua de Baixo, deram nome à sua rua "Rua das Flores" e o primeiro letrado foi colocado. Depois veio a guerra do Paraguai, as grandes vitórias festejadas, se é que houveram muitas e grandes vitórias, e a rua passou a se chamar "Rua do Curuzu". Então, os moradores da "Rua de Cima" não fizeram por menos, deram à sua rua o nome de "Rua do Riachuelo". Estava iniciada uma rivalidade entre os dois grupos, e passaram a disputar a primazia na cidade, ou no lugarinho. Construíram a cadeia, a igreja ou capela, e como não havia espaço na Curuzu, as construções começaram a crescer na Riachuelo... e a Curuzu foi perdendo seu comércio para a Riachuelo, e esta, passou a ser denominada "Rua do Comércio", depois passou a ser "Rua

Amando de Barros", teve depois umas recaídas voltando aos antigos nomes, mas hoje a temos como Rua Amando de Barros. A Rua Curuzu caminhou com o tempo, resistindo e conservando seu nome, mas legisladores de poucas idéias, poucas iniciativas, cegos para os problemas sociais, em 1947 mudaram o nome da rua para "Clóvis Bevilacqua". São os políticos ociosos e bajuladores. Isso desgostou em muito os historiadores e os próprios moradores da rua. Tanto assim que o escritor e historiador Hernani Donato protestou assim pela imprensa.

"Há um capítulo que está por escrever. Aquele em que se dará à Rua do Curuzu o seu velho nome, porque, um dia, não importa quando, ela voltará a chamar-se Curuzu. E o escritor continua. Se o Sr. Clóvis Bevilacqua, pudesse ser consultado, ele próprio iria pregar a velha e veneranda placa, do antigo nome popular, prestigiando assim, as nossas tradições, como sempre prestigiou as tradições de nossa magistratura. E nós, que o queremos bem, pelo muito que fez em prol de nossa cara Pátria, iríamos em romaria cívica, colocar seu nome em uma das ruas novas da cidade (Vila Maria ou São Lúcio) para que, dali, surgisse uma nova tradição em torno ao seu reverenciado nome. Pedidos neste sentido já foram feitos. Não o deseja atender o atual prefeito, filho e amante das coisas novas e, principalmente, descendente de um dos fundadores da cidade".

O prefeito da época era Adolpho Pinheiro Machado.

47 - Correio de Botucatu - 21/12/1947 - nº 8148

Transcorrerá terça-feira o 104º Aniversário da Fundação da Cidade de Botucatu.

Reproduzimos, a seguir, parte do artigo focalizando o histórico.

Na próxima terça-feira, dia 23 de dezembro, transcorrerá o centésimo quarto aniversário da fundação de Botucatu, cujos dados históricos e estatísticos, oficialmente homologados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, estampamos abaixo. (Serviço Oficial da Agência de Estatística Modelo de Botucatu).

HISTÓRICO - Por escritura pública de 23 de dezembro de 1843, lavrada na fazenda Monte Alegre, residência do doador José Gomes Pinheiro, foram doados os terrenos de um grande trecho do Retiro do Capão Bonito, para a fundação de uma Freguesia sob a invocação de Santana, reverenciando o nome de sua esposa dona Ana Florisbela Pinheiro Machado (Livro de Notas no. 1 - Cartório do 1º Ofício de Botucatu).

A cidade de Botucatu nasceu, pois, oficialmente em 23 de dezembro de 1843 e o seu fundador foi o Capitão José Gomes Pinheiro, sendo a Freguesia criada pela Lei Provincial de 19 de fevereiro de 1846, sob a invocação de Santana.

Em 24 de julho de 1847 (Almanack /1920) era criada a

Subdelegacia de Polícia. Acheegas, pg 64 relata como sendo em 28/07/1847.

O título de Vila foi concedido pela Lei Provincial no. 17, de 14 de abril de 1855, tendo sido instalada em 27 de dezembro, quando era presidente da Assembléia Provincial o conselheiro Antonio Saraiva. Em 27 de dezembro de 1857, realizou-se a primeira eleição para vereadores.

A Lei Provincial de 28 de abril de 1859 criou o Fôro Cível e Conselho de Jurados em Botucatu até então Termo reunido ao de Itapetininga.

Graças aos esforços dos velhos batalhadores botucatuenses, em 20 de abril de 1866, Botucatu, hoje comarca de 3ª entrância, é escolhida para sede de comarca, sendo declarada de 1ª entrância pelo decreto Imperial de 25 de maio do mesmo ano. E finalmente, pela Lei Provincial no. 18 de 16 de março de 1876, era elevada à categoria de cidade.

A Diocese, com sede em Botucatu, foi criada em 7 de julho de 1908, conforme Correio de Botucatu. Acheegas, pág 307 e Almanack/1920, informam como sendo em 07/06/1908.

48 - O Estado de São Paulo 11/11/1951

Aluisio de Almeida

1 - Neste artigo, Aluisio de Almeida contesta a Fundação de Botucatu em 1766 por Simão Barbosa Franco, nos dizendo:

"Feita a devida vênia aos srs. Pedretti Neto, Hernâni Donato e D. Eunice Almeida Pinto

que escrevem com conhecimento de causa sobre a história local da grande antiga capital do Sertão, apresentamos alguns restos na seara de Booz.

Numa lista das novas Freguesias criadas em São Paulo por ocasião das vilas fundadas pelo Morgado Mateus (nos. no Códice Matoso da Biblioteca Municipal de São Paulo) não consta Botucatu. Nem também na relação das Freguesias e dados biográficos do clero nelas existentes em 1777, por D. Frei Manuel da Ressureição (publicada no Tomo da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo). Assim pois, o que aconteceu com a primeira fundação em 1766 por Simão Barbosa Franco, residente no bairro de Itapetininga Termo município de Sorocaba, foi apenas uma ordem para fundar a vila que não pôde ser cumprida. Por falta de gente no local, pois eram duas ou três fazendas de criar, com alguns peões indígenas ou mestiços, e falta gente que lá quisesse ir pois nem Itapetininga fôra fundada nem faltavam terras despovoadas e planas mais perto de Sorocaba e Itú.

Tendo além disso, aquele sertanista, menos de anos apenas depois, sido incumbido pelo mesmo Morgado de Mateus de efetuar a fundação de Itapetininga e conseguindo-a parece claro como água que ele não aceitaria a nova incumbência se ainda continuasse com a outra. Mesmo para Itapetininga encravada entre duas Freguesias povoadas (Sorocaba e Paranapanema), numa estrada geral mui-

to transitada, ele precisou da mão forte de Domingos José Vieira e Sarutaiá, cofundadores. Evidentemente recebido o papel, ele tentou os primeiros passos e pediu nova localização. Talvez nem mesmo erguesse os primeiros ranchos de _____".

2 - Como já descrito no item 8, Aluisio de Almeida afirma que o Capitão José Gomes Pinheiro teria mudado a padroeira: de Nossa Senhora das Dores para Nossa Senhora Sant'Anna.

Como isso seria possível, oficialmente ou não se não temos documentos eclesiásticos que comprove a existência da capela (ou paróquia) de Nossa Senhora das Dores?

Nem em 1777 (relação das Freguesias e dados biográficos do clero elaborada por D. Frei Manuel da Ressureição) e nem em 03/05/1843 (resposta do vigário colado Francisco de Paula e Medeiros ao Presidente da Província Coronel Joaquim José Luis de Souza sobre a pretensão de ser ereta em Freguesia a Capela da Serra de São Ignácio, através de petição de Felisberto Antonio Machado - vide item 6). E nem na obra de Daniel Pedro Muller de 1838 (vide item 2).

49 - Acheegas para A História de Botucatu, 1ª Edição, 1954, Hernâni Donato.

50 - Folha da Manhã - 14/04/1955 - n°9525.

Botucatu - 100 anos de tradição e cultura.

O importante município

paulista comemora hoje o seu primeiro centenário - Dados históricos e geográficos.

51 - Folha de Botucatu - 30/07/1955

Carta do Governador do Estado, Sr. Jânio Quadros, em 22/07/1955, ao Prefeito Municipal Sr. Emilio Peduti, acusando o recebimento de seu ofício nº 400/55 de 17 do corrente, portador da mensagem, amigo do dinâmico e hospitaleiro povo de Botucatu, que acaba de festejar seu primeiro centenário de fundação da cidade.

Nota - na realidade, centenário de emancipação político-administrativa.

52 - Acheegas para A História de Botucatu, 2ª Edição, 1956, Hernâni Donato.

53 - Em Abril/1956 foram alçados três sinos para o alto da torre da Catedral de Sant'Anna. No sino maior, dedicado ao 1º Centenário da cidade foi gravada a mensagem: Senhora de Sant'Anna

1855 - 14 de abril de 1955

" O Felix Anna Gaude Sine Et Pro Nobis Preces

Porrige Coelorum Reginae"

E, no segundo sino, dedicada à Nossa Senhora das Dores, lembrando a Primeira Capelinha de Botucatu, foi gravada a mensagem:

"Virgem Dolorosa, convosco Choramos a Paixão de Cristo

Convosco cantamos a sua ressurreição"

Vide item 73, Gente de Dan-

tes, Homens e Coisas de Antigamente, Copy Gráfica, 1ª Edição, 2004, pág. 195-200, Luiz Baptistão.

54 - No Velho Botucatu, 1ª Edição, 1956, Sebastião Almeida Pinto.

55 - Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, XXVIII volume, Rio de Janeiro, IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1957, Sebastião de Figueiredo Tôrres / Pedro Tôrres. Diz o texto: "Acredita-se que em 1766 tenha sido inaugurada uma capela de "Nossa Senhora das Dores de Cima da Serra", onde, provavelmente está localizada a cidade"

56 - Clarão na Serra, Francisco Marins, 1962, conta em romance , a saga do Capitão José Gomes Pinheiro.

57 - Botucatu - Nossa Terra - Nossa Gente - Nossas Riquezas, Julierme de Abreu e Castro. Neuton Dezoti. Tipografia Comercial, Bauru, 1966.

58- Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, 1967

Volume LXIII - págs. 64,104,145,154

Volume LXIV - pág. 258

1967- Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo - volume LXIII - Janeiro a Junho

Volume LXIV - Julho a Dezembro

23/12/1843 - O Capitão José Gomes Pinheiro doa os terrenos

necessários ao patrimônio da Paróquia de Nossa Senhora das Dores de Botucatu. Aliás, essa doação devia ter constituído uma aumento do patrimônio já existente, que fora doado pelo mineiro Joaquim Costa, tido também como um dos fundadores da localidade.

(O Estado e Acheegas para a História de Botucatu, por Hernâni Donato) - Revista do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo. Volume LXIV, pág. 258.

19/02/1846 - É elevada a categoria de freguesia a capela de Nossa Senhora de Cima da Serra, construída em 1766, pelo paulista Simão Barbosa Franco. Essa capela só se constituiu em centro de povoamento, que evoluiria para a atual cidade de Botucatu, quando José Gomes Pinheiro Machado adquiriu a posse da sesmaria, antes concedida a João Pires, que ali formara fazenda de criar e que doara o terreno do patrimônio. Mineiros ali chegados, cuidando da pecuária, intensificaram o povoamento, em destaque o chamado Joaquim Costa, antigo capataz, que se tornou abastado, tendo adquirido terras de José Gomes Pinheiro Machado, que, aliás, não residiu nos sítios de sua propriedade - Revista do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, Volume LXIII, pág. 64.

14/04/1855 - As freguesias de N. Sra. da Ajuda de Caçapava e de Botucatu são elevadas à categoria de vilas.

(Cron. Paulista - J. Ribeiro) - Revista do Instituto Histórico

e Geografia de S. Paulo, Volume LXIII, pág. 145).

20/04/1866 - São criadas as comarcas de Lorena, Guaratinguetá e de Botucatu pela lei nº 61.

Revista do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, Volume LXIII, pág. 154.

16/03/1876 - As vilas de Jundiá, de Botucatu e de Itativa são elevadas à categoria de cidade - pela lei 18.

Revista do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, Volume LXIII, pág. 104.

Nestes documentos foram introduzidos outros erros históricos:

Nota 1 - O Capitão José Gomes Pinheiro doa os terrenos necessários não ao patrimônio da Paróquia de Nossa Senhora das Dores de Botucatu, mas sim ao patrimônio da capela de Sant'Anna.

Nota 2 - A doação do Capitão José Gomes Pinheiro não constituiu aumento do patrimônio já existente, e sim a primeira doação, pois não existe título de doação, nem de Joaquim Costa (Joaquim da Costa e Abreu), e nem de seus herdeiros, conforme já tratado no item C9 do livro "As Primeiras Fazendas".

Nota 3 - A Fundação de Botucatu por Simão Barbosa Franco em 1766, já foi contestada por João Nogueira Jaguaripe (1916, 1922); Aluisio de Almeida (1951) e Hernâni Donato (1954, 1956, 1985).

Nota 4 - O doador não é José Gomes Pinheiro Machado, e sim o Capitão José Gomes Pinheiro.

Nota 5 - Joaquim Costa (Joaquim da Costa e Abreu) não adquiriu terras do capitão José Gomes Pinheiro, como é mostrado na Ação de Manutenção de 1846 e já tratado no item D3 do livro "As Primeiras Fazendas".

Nota 6 - O Capitão José Gomes Pinheiro e sua mulher, em 1846, eram possuidores de uma Fazenda de campos de criar, e terras lavradas em Sima da Serra de Botucatu (Fazenda Monte Alegre), que houveram por título de compra, há mais de 38 anos (portanto cerca de 1808), do Sargento-Mor João Pires de Almeida Taques e sua mulher, fazendo parte dela a invernada denominada Capão Bonito (vide item D3 do livro "As Primeiras Fazendas").

Nota 7 - Quanto à Paróquia de Nossa Senhora das Dores de Botucatu, não se conhece documento que comprove a sua existência.

59 - A Câmara Municipal de Botucatu, através do Protocolo nº 418 de 09/09/1975, Regimento 358, prestando homenagem ao Grupo José Gomes Pinheiro, cujo patrono era o Capitão José Gomes Pinheiro, a faz erroneamente chamando de Grupo Escolar José Gomes Pinheiro Machado e considerando erroneamente como seu patrono o Se-

nador José Gomes Pinheiro Machado, do qual é apresentada uma biografia. O Senador era neto do Capitão José Gomes Pinheiro.

60 - Achegas para A História de Botucatu, 3ª Edição, Edicon, 1985, Hernâni Donato.

61 - 1ª Semana Cultural de Botucatu.

Convivium - Espaço Cultural Francisco Marins.

Trabalho elaborado pelo Arcebispo Emérito Dom Vicente Marchetti Zioni - ref. 105/91 - 16/11/1991.

62 - Avaré - Sua Gente, Seus Fatos, Crônicas - José Pires Carvalho, 1994.

63 - IGC - Instituto Geográfico Cartográfico, Municípios e Distritos do Estado de São Paulo, 1995.

Avaré - pág. 44 e Botucatu - pág. 50.

O IGC, após estudo das:

1 - Fontes secundárias: bibliografia e documentação cartográfica.

2 - Fontes primárias: legislação reunida em volumes de leis e decretos.

2.1 - Estudo comparativo entre sumário e enunciado de leis e decretos.

2.2 - Toponímia

2.2.1 - Denominações incorporadas pelo uso.

2.2.2 - Incorporação do vocábulo "Vila" à denominação.

2.2.3 - Atualização da grafia.

2.3 - Numeração das leis e municípios de outros estados.

3 - Instrumentos complementares de trabalho.

3.1 - Ampliação das fontes

3.2 - Controle das informações.

3.3 - Esclarecendo graficamente casos mais complexos.

Assim, definiu:

"Avaré - Antigo povoado de Nossa Senhora do Rio Novo".

"Botucatu - Antigo povoado de Nossa Senhora das Dores da Serra de Botucatu".

Solicitaremos junto ao IGC, IBGE, IHGSP, Mitra e nossos historiadores, um reestudo da matéria, a fim de voltarmos às nossas origens e definir:

Avaré - Antigo povoado de Nossa Senhora das Dores do Rio Novo.

Botucatu - Antigo povoado de Nossa Senhora Sant'Anna de Cima (Nota - ou do Cimo) da Serra de Botucatu.

64 - Avaré - Sua Gente, Seus Fatos - 2, Crônicas - José Pires Carvalho, 1997.

65 - Presépio da Serra / José Leandro Franzolin...São Paulo: Editora Arcádia, 1999.

66 - A História do Capitão José Gomes Pinheiro - Fundador de Botucatu, Gráfica Santana, 2000, Olavo Pinheiro Godoy.

67 - Árvore Genealógica da Família Pinheiro Machado, Gráfica Santana, Paulo Pinheiro Machado Ciaccia, 2000.

68 - Botucatu. Imprensa e Ferrovia. Editora Arte & Ciência,

São Paulo, 2001, Marco Alexandre de Aguiar.

69 - A Capella do Ribeirão Cachoeira, Revista da História, João Carlos Figueiroa, 2001.

69A - Subsídios para a História de Pardinho, Gráfica e Editora Santana, 2001, Olavo Pinheiro Godoy.

70 - Botucatu Antigamente..., Editora Ottoni, Itu, 1ª Edição, 2002, Trajano Carlos de Figueiredo Pupo.

71 - Terras e Índios.

A propriedade da terra no Vale do Paranapanema.

Maria do Carmo Sampaio Di Credde; São Paulo: Arte & Ciência, 2003.

No texto, pág. 53, contesta a fundação de Botucatu por Simão Barbosa Franco em 1766, mas na cronologia, pág. 153, afirma, e sob invocação de Nossa Senhora das Dores de Cima da Serra (baseada no trabalho de Eunice Almeida Pinto Chaves, já citado).

72 - Igrejas Católicas e Protestantes, A Gazeta de Botucatu - Edição Especial, 09/04/2004, João Carlos Figueiroa.

73 - Gente de Dantes, Homens e Coisas de Antigamente, Copy Gráfica, 1ª Edição, 2004, pág. 195 a 200, Luiz Baptistão. Vide item 53.

74 - Minha Terra, Minha Gente / José Pedretti Neto: - Botucatu: [s.n.], 2004.

75 - História de Avaré. Trabalho realizado pelo Professor José Leandro Franzolin, Setembro/2004 (Vide ítem 21).

Apresentamos algumas novas revelações na obra do autor: "AVARÉ: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA

A História do Avaré já foi contada no Teatro, em belíssima peça de Anita De Maria - AVARÉ EM DOIS TEMPOS - escrita em 1961 para comemorar o Centenário da Emancipação Política do Município. É essa verdade histórica que procuraremos transmitir nesse trabalho.

Num primeiro tempo desfaldarão os horizontes, mostrando a fundação da Vila de Nossa Senhora das Dores do Rio Novo, a partir do povoado que surgiu num pedaço do caminho de Yguatemi, aberto que foi por volta de 1772, para de Sorocaba levar às barrancas do Rio Paraná e assegurar a ida e vinda dos bandeirantes que, dos Campos do Guarapava e da Minas de Cuiabá, extraíam o ouro, sem recolher à coroa o quinto devido.

O que vale na história é a consagração popular. Respeitámo-la.

E nas informações sobre esse assunto (História do Avaré), no Museu de Avaré há um opúsculo editado pela tipografia CENTRAL - 1939 - contendo as revelações do Capitão Tito Corrêa de Mello, contando que "em 1860 a esposa do Major Victoriano sofreu uma queda do cavalo e por estar grávida, o parto seria difícil. Foi daí que sur-

giu a promessa do Major para com a Nossa Senhora das Dores, de erguer uma capela em homenagem à Santa se ela protegesse Sinhazinha na hora do parto". - E, continua - "O parto foi tão feliz, mas a promessa não foi cumprida... e só lembrada no ano seguinte, com nova gravidez de Dona Gertrudes e que também desta vez foi feliz no parto e a Capela foi erguida". Em torno da Capela foram surgindo casinhas e assim, teria nascido a Vila de Nossa Senhora das Dores do Rio Novo.

A história de Tito Corrêa de Mello foi muito bem posta. Mas há pontos questionáveis: as datas dos acontecimentos e a idade dos participantes.

Num dado momento Tito Corrêa de Mello diz que "a Capela do Rio Novo foi inaugurada com Missa solene celebrada no dia 10 de Julho de 1861 pelo vigário de Botucatu, Padre Joaquim Gonçalves Pacheco".

Entretanto, participando com preciosa ajuda na reedição da História de Avaré, o Rev.mo. Arcebispo Metropolitano de Botucatu, D. Vicente Marchetti Zioni, pesquisando nos arquivos daquela Cúria Metropolitana, levantou dados interessantes.

Primeiro, foi a certidão de óbito do Major Victoriano de Souza Rocha, falecido aos 28 de Março de 1880 "com Cem anos, viúvo de Gertrudes Cardoso de Oliveira..."

Depois foram os documentos que se seguem:

1796 - Ano do nascimento de Dona Gertrudes Cardoso de Oliveira, esposa do Major Vitoria-

no de Souza Rocha, doadora do patrimônio da Capela de Nossa Senhora das Dores do Rio Novo: "...embora seu nome não figure na escritura de doação, consta entretanto, expressamente, no depoimento feito por ela no dia 13 de Janeiro de 1869, quando declarou estar com 73 anos".

Com base nesse documento, Dona Gertrudes em 1861 - quando ocorreu o primeiro parto, difícil por haver sofrido uma queda de cavalo, estaria com 65 anos. Parece pouco provável que àquela época a fertilidade da mulher se prolongasse até a velhice. Milagre?

D. Vicente Zioni não toca no assunto. Mas não gostou do milagre e, quanto ao cumprimento das promessas fala apenas em "...obtida a graça do Céu..."

AVARÉ ANTES DE SUA PRÓPRIA HISTÓRIA

A História de Avaré, tendo sempre como informante o Capitão Tito Corrêa de Mello, diz que ele próprio - Tito - que era "rábula" e fazendeiro na então "Freguesia de Sant'Anna (Botucatu) foi quem, por volta de 1861, teve a idéia de desbravar o imenso Sertão que ia desde aquela Freguesia até as barrancas do Rio Paraná. Essa versão não tem apoio histórico. Na verdade, o adentramento desse Sertão já vinha sendo feito desde há mais de dois séculos, até mesmo, por ordenação do próprio governo colonial. Eis que...

A história da colonização e povoamento da Capitania de São Paulo parou por longos anos lá no Planalto, onde os je-

suítas Anchieta e Nóbrega ergueram o Colégio de São Paulo dos Campos de Piratininga E foi muito lentamente que o povoamento caminhou, avançando nos passos arrojados do "Bandeirante", que foi fincando vilas pelo interior por onde caminhavam os "paulistas", procurando minas e apresando índios que davam bons lucros nos mercados escravistas; um deles na Vila de Sorocaba, aqui bem próximo. Por essa época, um pouco antes da euforicamente celebrada descoberta das minas de Cuiabá e da Guarapuava, a Capitania de São Paulo havia sido anexada à do Rio de Janeiro e Rio Grande, somente a partir de 1765 é que ganhou novamente a autonomia, sob o auspicioso governo do Morgado de Mateus, Capitão-General D. Luiz Antônio de Souza Botelho Mourão, e que vai de 22 de Junho de 1765 a 13 de Junho de 1775.

D. Luiz vinha (de Portugal) encarregado de restabelecer a autonomia da Capitania de São Paulo. A História (Varnhagen, Pedro Taques, José Monteiro Salazar e outros historiadores) conta do dinamismo desse governador "... homem de ação" que em seu discurso de posse enaltecia os feitos dos paulistas e o quanto a Capitania merecia que se lhes restabelecessem o "antigo esplendor". Para tal fim, D. Luiz estava encarregado de "acrescentar novas povoações, estender aos confins o seu domínio, fertilizar os campos para a agricultura, estabelecer fabricas nas diferentes terras, idear novos caminhos e

penetrar o incógnito Sertão". E foi dentro desse escopo que, por sua ordem, o Caminho do Iguaçu foi aberto; empreitada levada à efeito pelo Capitão-Mor de Sorocaba, D. José de Almeida Leme. Avaré (a documentação que se segue comprova esta afirmação), surgiu em consequência desse caminho. Esta verdade vem contada nos volumes V, VI, VII, VIII, IX, X, XI e XII da Coleção "Documentos Interessantes", publicados em 1896 pela Imprensa Official do Estado de São Paulo. Este importante documentário existente no Museu Histórico e Pedagógico "Anita De Maria", de Avaré, narra essa epopéia, reproduzindo um espaço histórico que se tornou conhecido como "Os Caminhos do IGUATEMY". E é no começo desse caminho que também, começa a História do Avaré.

EM BUSCA DO OURO

O Século XVII começa com a descoberta das decantadas "Minas de Cuiabá". É o período tristemente celebrizado com a estúpida "Guerra dos Emboabas", que fixa na história a proeza fantástica dos bandeirantes; paulistas, que as descobriram e as exploravam juntamente com os portugueses, e sob os protestos do Paraguai, que reivindicava para a "América Espanhola" o direito de posse daquele território. Conclusão aceitável plenamente, é que foi para proteger esse sítio da desabusada ganância que o governo pretendeu abrir o caminho que levasse àquela re-

gião e de lá trouxesse diretamente para Casa de Fundação de "Ypanema" (Sorocaba) o ouro, que assim, se asseguravam da cobrança do "quinto" devido à Coroa.

Desse assunto trata o "bando" expedido aos 21 de Mayo de 1772 pelo governador D. Luiz Antônio de Souza, dirigido ao Tenente-Coronel João Miz Barros e ao Sargento-Mor D. José de Macedo, de Sorocaba. Nesse documento, pela primeira vez na história a região é oficialmente citada, como mostra o excerto a seguir em sua grafia original:

"Como se tem descuberto a direção do Cam. Para esse continente de Sorocaba te a barra do Rio Pardo cortando o Sertão do Parapanema; os moradores e fazendeiros dos campos de Botucatu (a grafia anterior era Wutu-Catu) e do Guarey, aprontarão e venderão pelos seus preços competentes ao Capitão-Mor de Sorocaba D. José de Almeida Leme os mantimentos q' carecer p' a diligencia em que vay de se abrir o cam. p' praça de Guatemy cujos mantimentos lhes farão logo conduzir nos seos cavallos para o payol q' tem na entrada do mesmo Sertão bem como entendido fica q'o q' faltar a esta ordem se fara responsavel do devido castigo..."

Em torno daquele payol, que por mais de um século foi o marco identificador da "boca do sertão", algumas casinhas foram se agrupando e roças foram surgindo para garantir alimento àqueles que demandavam além, em busca da fantasiosa fortuna

da Guarapuava e do Cuiabá. Ali no payol às margens do Rio Novo (ao qual os caiuás chamavam de Abaré-y) nasceu um primeiro povoado que teria se chamado "Rio Novo". Hoje, ali a cidade de Itatinga, que assim precede àquela que mais tarde, e seis léguas adiante, se fez Vila do Rio Novo, dando então origem A Cidade do Avaré" (Vide item 21).

76 - Botucatu: História de Uma cidade, 47 anos da "A Gazeta de Botucatu", Igral - Gráfica e Editora, 2004, Adolpho Dinucci Venditto.

77 - "A Gazeta de Botucatu" - 14/04/2005, Suplemento Especial, Registro Biográfico dos Prefeitos de Botucatu, Olavo Pinheiro Godoy.

78 - Diário da Serra - de 10/04/2005 à 24/04/2005, Retrospectiva 150 anos, João Carlos Figueiroa.

79 - Reproduzimos a seguir, as consultas publicadas na Árvore Genealógica da Família Pinheiro Machado, que apresentam importantes obras para o estudo da História de Botucatu.

ÁRVORE GENEALÓGICA DA FAMÍLIA PINHEIRO MACHADO

CONSULTAS

1- Contactos com diversos membros da Família Pinheiro Machado.

2- Artigos coletados e guardados por Paulo Ciaccia e Profa. Josephina Pinheiro Machado Ciaccia.

3- Anotações coletadas por Mauro Pinheiro Machado Nogueira e Profa. Maria Lúcia Vilas Boas Novelli.

4- Informações Genealógicas dos Pinheiro Machado do Rio Grande do Sul, coletadas por Gilda Pinheiro Machado Vieira e Hemetério Vieira, membros da Diretoria do Museu Municipal "Senador Pinheiro Machado" em São Luiz Gonzaga - RS e Profa. Dóra Pinheiro Machado Prates, de Alegrete - RS.

5- Artigos publicados nos jornais Folha de Botucatu, Botucatu Jornal e Correio de Botucatu.

6- Cúrias Diocesanas e Arquidiocesanas - Botucatu, Jundiá, Sorocaba, Itapetininga, São Paulo, Santos, Rio de Janeiro, Cruz Alta (RS), São Luiz Gonzaga (RS).

7- Instituto Genealógico Brasileiro.

8- Instituto Genealógico do Rio Grande do Sul.

9- Arquivo do Estado e Arquivo Municipal de São Paulo.

10 - Academia Botucatuense de Letras, acrescentando dados e incentivando-me a continuar a pesquisa, após apresentação do Esbôço da Árvore Genealógica a seus Acadêmicos, no Convívium (Espaço Cultural Francisco Marins).

- 11- Ministério do Exército - Diretoria de Assuntos Culturais.
- 12- Consultas à Cemitérios, Igrejas, Cartórios (em especial o 1º Tabelionato de José Carlos Antunes) onde consta no livro no. 1 de 1849 a Escritura de Doação de Terras para o Patrimônio de Sant'Anna que fez o Capitão José Gomes Pinheiro, fundador de Botucatu.
- 13- Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro - Revista LV de 1892.
- 14- Leme, Luiz Gonzaga da Silva. Genealogia Paulistana, 9 volumes, 1903, 1904, 1905.
- 15- Jaguaribe, Deputado Dr. João Nogueira. Apontamentos.
- 16- Egas, Eugenio. Os Municípios Paulistas. Publicação Oficial. Secção de Obras D'O Estado de São Paulo, 1925.
- 17- Revista a Cruzada, Botucatu, 28/09/1928.
- 18- Almeida, Aluisio de. Notas Genealógicas sobre os Pinheiro Machado. Revista do Instituto de Estudos Genealógicos, Porto Alegre, 24/02/1939.
- 19- Pinheiro, Victor de Azevedo. Os Pinheiros mais antigos de São Paulo (Estudo Genealógico). Revista Genealógica Brasileira, Ano III, 1º semestre de 1942, no. 5, p.61 - 68.
- 20- Pinto, Eunice Almeida. A Cidade de Botucatu - Origens, 1943. X Congresso Brasileiro de Geografia, Belém, do Pará. Botucatu, Tip. Pinto, Fonseca & Cia Ltda, 1943, 18p.
- 21- Almeida, Cônego Luiz Castanho de. Historiador, Biógrafo, Ensaísta, Autor de diversas obras. Preciosa colaboração através de correspondências e visitas pessoais, efetuadas pelo Dr. Salvador Pinheiro Machado, de Alegrete - RS. Almeida, Cônego Luiz Castanho de. Notas para a História de Botucatu. O Estado de São Paulo, 11/11/ 1951.
- 22- Repertório das Sesmarias, concedidas pelos Capitães Gerais da Capitania de São Paulo, no período de 1721 a 1821. Arquivo do Estado, v. VI, Tip. do Globo.
- 23- Moraes, Dra. Ruth Corrêa de Almeida. Continuou as pesquisas de seu pai, Dr. Esaú Moraes (Juiz de Direito), referente a Família Pinheiro Machado.
- 24- Leme, Pedro Taques de Almeida Paes. Nobiliarchia Paulistana. Histórica e Genealógica, 3v., 1953.
- 25- Machado, Desembargador Paulo Gomes Pinheiro. Pesquisa efetuada.
- 26- Moya, Coronel Salvador de. Anuário Genealógico Latino. Edição da Revista Genealógica Latina, v. 6º p.90, 1954.
- 27- Moya, Coronel Salvador de. Presidente do Instituto Genealógico Brasileiro. Volumoso Índice.
- 28- Machado, Dr. Salvador Pinheiro. Pesquisa e trabalho

efetuado em Botucatu, Itapetinga, Sorocaba, São Paulo, Rio de Janeiro e cidades do Rio Grande do Sul.

29- Torres, Sebastião de Figueiredo. Enciclopédia dos Municípios Brasileiros. Publicação IBGE, XXVIII v., Rio de Janeiro, 1957.

30- Os Machado. Revista Manchete, 12/8/1961.

31- Cabral, Cid Pinheiro. O Senador de Ferro. Organização Sulina de Representações Ltda, Porto Alegre, RS, 1969.

32- Pinto, Sebastião de Almeida. Artigos no tema "Tempo de Dante, Gente de Hoje". Correio de Botucatu, 1971.

33- Silva, Ciro. Pinheiro Machado. Coleção Temas Brasileiros. Editora Universidade de Brasília, v.23, 1982.

34- De Você Para Seus Ancestrais. Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, 1983.

35- Donato, Hernâni. Ache-gas para a História de Botucatu. Editora Edicon, 3ª edição, São Paulo, 1985.

36- Marins, Francisco. Clarrão na Serra. Editora Ática, 10ª edição, São Paulo, 1985.

37- Alvim, Newton. Pinheiro Machado. Tchê Comunicações Ltda, Porto Alegre, RS, 1985.

38- Jordão, Sônia Brisolla. O Poncho Gaúcho. Pinheiro Machado. Um Líder Nacional na República Velha. Dissertação de Mestrado em Ciência

Política, apresentada ao Departamento de Ciências Sociais, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1985.

39- César, Paulo Egydio de Cerqueira. As Raízes dos Cerqueira César. Apontamentos Genealógicos. Marília, SP, 1986.

40- Reunion. The family tree software for windows. Leister Productions, Inc., 1988.

41- Reis, Valter dos. Trilhando o Peabiru. Gráfica Municipal, Prefeitura Municipal de Botucatu, 1990.

42- Delmanto, Armando Moraes. Memórias de Botucatu. Edição da Vanguarda de Botucatu, 1ª edição, 1990.

43- Zioni, Dom Vicente Marchetti - Arcebispo Emérito de Botucatu. Trabalho apresentado na 1ª Semana Cultural de Botucatu. Convivium Espaço Cultural "Francisco Marins", referência 105/91, Botucatu, 16/11/1991.

44- Neto, Augusto de Lima. Anésia. Instituto Histórico Cultural da Aeronáutica, Rio de Janeiro, 1992.

45- Delmanto, Armando Moraes. Memórias de Botucatu, 2ª Edição da Vanguarda de Botucatu, 1ª edição, 1993.

46- Figueiroa, João Carlos. Ybytucatu. Frase Editora, São Paulo, 1993.

47- Um Século da Vila dos Lavradores 1893 - 1993. Jornal

- A Cidade, Botucatu, 15/09/1993.
- 48- Revista da Faculdade de Direito. Universidade de São Paulo, v.88, 1993.
- 49- Pinto, Sebastião Almeida. No Velho Botucatu. Editora Paulicéia, 2ª edição. São Paulo, 1994.
- 50- Spadaro, Joel. Gomes, Luiz Roberto Coelho. Vila dos Lavradores 1893 - 1994. Gráfica Tipomic, Botucatu, 1994.
- 51- Delmanto, Armando Moraes. Memórias de Botucatu. Edição da Vanguarda de Botucatu, 2ª edição, 1995.
- 52- Medeiros, Maria Geneviva. Nosso Bairro Nossa Vila 1893 - 1993. Gráfica Copygraf, Botucatu, 1995.
- 53- Camargo, Francisco Marcelo. Nas Trilhas do Peabiru. Gráfica São José, 1ª edição, Botucatu, 1996.
- 54- Freire, Paulo de Oliveira. Eu Nasci Naquela Serra. Editora Paulicéia, São Paulo, 1996.
- 55- Family Gathering User's Guide. Bring Your Family Tree to Life. Publicação Palladium Interactive, 1996.
- 56- Neto, Augusto de Lima. Alves, Dário Moreira de Castro. Anésia. Universitária Editora, Lisboa, Portugal, 1996.
- 57- Dias, Marcelino. Botucatu Turístico. Guia de Lazer e Turismo. 60 Minutos, Comunicação & Desing, Botucatu, 1997.
- 58- Tenor, Gilberto Fernando. Amaral, Ângelo Albertini do. Pesquisas efetuadas sobre o Capitão Tito Correa de Mello.
- 59- Pupo, Trajano Carlos de Figueiredo. Botucatu, Antigamente ... Vol I, Botucatu, 1997. Inédito.
- 60- Delmanto, Armando Moraes. Revista Peabiru. Revista Botucatuense de Cultura.
- 61- Monteiro, Hiram Ayres. Venâncio Ayres. O Cavaleiro do ideal. Vida, Obras e Amores.. Editora Gril, Taquarubata, SP, 1997.
- 62- Spadaro, Joel. Memórias e Escritos. Oficina de Artes Gráficas Editora Ltda, Botucatu, 1998.
- 63- Bernardo, Moacir. Ana Rosa. Sua Vida, Sua História. Santana Gráfica Editora, Botucatu, 1998.
- 64- Gomes, Luiz Roberto Coelho. Pessoa, Carlos Alberto. Associação Atlética Botucatuense. 80 anos de Glória. Santana Gráfica Editora, Botucatu, 1ª edição, 1998.
- 65- Figueiroa, João Carlos. Formação Histórica de Botucatu. Suplemento especial, Diário da Serra, 14/04/1998.
- 66- Figueiroa, João Carlos. Artigo do Cemitério de Botucatu. Diário da Serra/1998.
- 67- Godoy, Olavo Pinheiro. Contos da Cidade Serrana. Santana Gráfica e Editora. Botucatu, SP, 1998.
- 68- Figueiroa, João Carlos. Aos 80 anos, a última entrevista do Capitão Tito. Diário da Serra, Botucatu, 03/07/99.

69- Godoy, Olavo Pinheiro. Dicionário dos Escritores Botucatuenses. Gráfica e Editora Tipomic, Botucatu, 1999.

70- Nogueira, Almeida. Tradições e Reminiscências. Academia de São Paulo.

71- Martins, Érika Svicero. Fazenda Lageado. Rastros de Uma História do Café. Editora Fernando Bilah, Botucatu, 1999.

72- Figueiroa, João Carlos. Delmanto, Armando Moraes. Godoy, Olavo Pinheiro. Artigos na Revista Boca de Cena, Gráfica Editora Tipomic, Botucatu, Ano I, no. 4, Novembro/99.

73- Godoy, Olavo Pinheiro. Artigos - Conheça Botucatu. Jornal de Botucatu, 1999/2000.

74- Godoy, Olavo Pinheiro. A História do Capitão José Gomes Pinheiro, Fundador de Botucatu. Gráfica e Editora Santana, Botucatu, abril/2000.

Conclusão

Conforme o item 63, à página 51, já exposto, o IGC-Instituto Geográfico Cartográfico, Municípios e Distritos do Estado de São Paulo, 1995, assim definiu:

"Avaré - Antigo povoado de Nossa Senhora do Rio Novo".

"Botucatu - Antigo povoado de Nossa Senhora das Dores da Serra de Botucatu".

Solicitaremos junto ao IGC, IBGE, IHGSP, Mitra e nossos historiadores, um reestudo da matéria, a fim de voltarmos às nossas origens e definir:

Avaré - Antigo povoado de Nossa Senhora das Dores do Rio Novo.

Botucatu - Antigo povoado de Nossa Senhora Sant'Anna de Cima (Nota - ou do Cimo) da Serra de Botucatu.

Algumas considerações sobre o delineamento geográfico da doação do Capitão José Gomes Pinheiro para o patrimônio de Sant'Anna, em 1843 (Jornal Diário da Serra de Botucatu - 15/08/2006)

Autores:

Trajano Carlos de Figueiredo Pupo, Paulo Pinheiro Machado Ciaccia

Em nosso livro "Botucatu Antigamente", editado em 2002, fizemos um esboço (mapa 4, página 45), onde propusemos um delineamento geográfico da doação de José Gomes Pinheiro para o Patrimônio de Sant'Anna, em 1843. Nessa proposta levamos em consideração os termos dessa doação, linha por linha, passo a passo, a geomorfologia local e as declarações de um antigo morador em Botucatu (desde 1855), José Joaquim Barbosa de Carvalho, segundo a revista botucatuense "A Cruzada", número 3, de 28 de setembro de 1928. Vejamos o resultado da conjugação desses três fatores.

Primeiramente, uma transição de parte da escritura de doação, com os pontos mais importantes com grifo nosso.

... Digo eu abaixo assignado, que entre os bens que possuo, sou senhor e possuidor de uma fazenda de criar que comprei ao Sargento-mor João Pires, em cuja compra é incluzive integrante da dita fazenda, um pasto ou retiro no lugar denominado Capão bonito, em cujo campo há um rincão que se denominava - o Rincão da cerca velha - hoje conhecido - "pelo rincão da Capella" - no qual entrando pela estrada do Sobradinho quazi a entrar ou depois de entrar um bom pedaço, faz um pequeno boqueirão entre duas vertentes onde houve o rancho queimado no lado direito, e decendo-se desta vertente do rancho queimado abaixo pelo veio d'água sempre pela agua mais acostada ao rincão do campo até a altura que faz quadra procurando o rumo da porteira da contenda e por esta adiante pelo mesmo rumo até bater na primeira vertente do lado esquerdo e subindo por esta mesma vertente acima até sua cabeceira e desta cabeceira tirar-se ha uma linha recta até a vertente digo até a cabeceira de outra vertente mais de cima, que fica em frente a cabeceira do supra dito - rancho queimado -, de cuja cabeceira do lado esquerdo fazer-se ha quadra e tirar-se ha uma linha recta a bater na mesma vertente do rancho queimado: cujo campo e mattos assim demarcados fasso fiel doação para patrimonio da Capella de Sant'Anna, seja erecta freguezia dentro de seis annos a contar desta data e não sendo revertirá amim ou aos herdeiros de meo cazal; portanto deve-se formar um quadro de duzentas braças para o arruamento e fazer-se bem assim os demais terrenos em roda deste quadro, tambem se deverá aforar a quinhentos reis por braça os terrenos dentro do quadro de arruamento, e os terrenos em roda para chacaras á cem reis por braça. . .

Desmembremos o grifado em partes e enumeremo-las, para exame de cada uma delas:

1 "...pequeno boqueirão entre duas vertentes!..."

2 "...donde houver um ran-

cho queimado no lado direito..."

3 "...e decendo-se desta vertente do rancho queimado abaixo, pelo veio d'água, sempre pela água mais acostada do rincão do campo..."

4 "...até altura que faz qua-

dra procurando o rumo da porteira da contenda..."

5 "...porteira da contenda..."

6 "...e por esta adiante..." (a linha 6 corresponde bem aproximadamente ao traçado da atual rua Velho Cardoso (1,55))

7 "...até bater na primeira vertente do lado esquerdo..."

8 "...e subindo por esta ver-

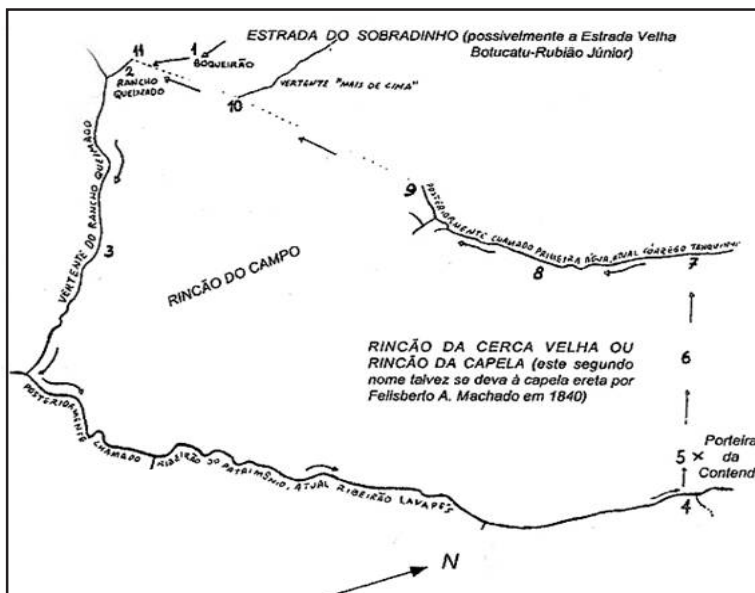
tente acima até sua cabeceira..."

9 "...e desta cabeceira tirar-se-á uma linha reta..."

10 "...até a cabeceira de outra vertente mais de cima, cuja cabeceira ao lado esquerdo far-se-á quadra e tirar-se-á uma linha reta..."

11 "...a bater na mesma vertente do rancho queimado..."

Façamos um esboço geográfico, para melhor acompanhamento do percurso:



Passemos ao exame de cada um desses tópicos, juntando o depoimento de José Joaquim Barbosa de Carvalho:

1 "...pequeno boqueirão entre duas vertentes!..."

No esboço acima vemos a

entrada pela Estrada do Sobradinho, possivelmente correspondente à Estrada Velha Botucatu-Rubião Jr., que acompanhava o espigão e não o vale, como faz a atual.

O "pequeno boqueirão" deve

ser aquele existente entre uma das nascentes do Córrego Desbruado (vertente do Rancho Queimado na escritura) e a nascente de um afluente de margem direita do Água Fria, junto à atual Rodovia Marechal Rondon, lado direito de quem vai para São Paulo (na escritura, "vertente mais de cima", com relação ao ponto 9, nascente do Tanquinho, como veremos adiante, no tópico 10).

2 "...donde houver um rancho queimado no lado direito..."

Diz José Joaquim Barbosa de Carvalho, segundo a revista "A Cruzada" citada, página 5, que a cabeceira do Rancho Queimado fica onde houve a olaria dos Pagnozzi. Antigos moradores de Botucatu foram unânimes em localizar tal olaria nas nascentes do Córrego Desbruado (vertente do rancho queimado, na escritura).

3 "...e descendo-se desta vertente do rancho queimado abaixo, pelo veio d'água, sempre pela água mais acostada do rincão do campo..."

Aqui estamos descendo o Córrego Desbruado, afluente de margem esquerda do Lavapés.

4 "...até altura que faz quadra procurando o rumo da porteira da contenda..."

Isto é, descendo agora o Lavapés, como afirma José Joaquim em seu depoimento (ribeirão dos Costas ou da Cidade, como consta).

5 "...porteira da contenda..."

Localizada na esquina Moraes Barros com Riachuelo (Amando de Barros) por José Joaquim, ou na esquina com a Velho Cardoso, como parece mais correto. Vemos que o depoente localiza as terras doadas

junto ao Lavapés.

6 "...e por esta adiante..."

Isto é, da porteira da contenda em diante, seguindo aproximadamente o traçado da atual rua Velho Cardoso (segundo Hernâni Donato em "Achegas para a História de Botucatu", 3ª. Edição transcrita, 1985, página 55).

7 "...até bater na primeira vertente do lado esquerdo..."

Isto é, subindo pelo rumo da Porteira da Contenda (Velho Cardoso ou Moraes Barros) até bater na primeira vertente do lado esquerdo. No caso, o ribeirão Tanquinho, que vem da esquerda de quem segue o rumo da porteira.

8 "...e subindo por esta vertente acima até sua cabeceira..."

Subindo o Tanquinho até sua nascente.

9 "...e desta cabeceira tirar-se-á uma linha reta..."

10 "...até a cabeceira de outra vertente mais de cima, cuja cabeceira ao lado esquerdo far-se-á quadra e tirar-se-á uma linha reta..."

Como se vê no esboço que apresentamos: numa linha reta que povoa pela nascente de um afluente de margem direita do Água Fria, que fica próxima da nascente do Desbruado (nascente do rancho queimado, na escritura).

11 "...a bater na mesma vertente do rancho queimado..."

Córrego Desbruado.

Após tais considerações, não queremos afirmar peremptoriamente que este esboço apresenta o delineamento descrito na escritura de doação, mas apenas argumentar que este traçado se encaixa satisfatoriamente nos

termos dessa escritura, e em consonância com o depoimento de um antigo e sabidamente idôneo cidadão, que habitou a vila de Botucatu desde 1955; e mais, em perfeito acordo com a geomorfologia local.

Elaboramos essas considerações para tentar rebater uma hipótese contrária, ventilada pelo insigne historiador botucatuense João Carlos Figueiroa, em artigos publicados no jornal "Diário da Serra", de 08 a 18 de abril de 2006, intitulado "História da História de Botucatu".

Inicialmente, queremos louvar o trabalho incansável que esse autor tem desenvolvido no estudo do passado botucatuense, esmiuçando detalhes, delineando com clareza alguns pontos obscuros de nossa história. Foi também com admiração que lemos este seu último trabalho, acima citado, prosseguindo na sua obra de esclarecimento, mas nos permitimos algumas considerações, também de cunho esclarecedor.

Segundo João Carlos Figueiroa, as terras doadas por José Gomes Pinheiro, em 1843, teriam seu início nas cabeceiras da Água Fria. Consultando um mapa de Botucatu (apresentado no fim deste trabalho), verificamos que essas nascentes estão bem distantes da cidade atual, junto ao Jardim Santa Elisa. O Rancho Queimado, portanto, estaria ali localizado. Mas José Joaquim Barbosa de Carvalho diz que a cabeceira do Rancho Queimado ficava onde houve a olaria dos Pagnozzi, isto é, nas cabeceiras do Córrego Desbruido, junto à cidade atual e não tão distante, como quer João.

Acompanhemos os tópicos por nós anteriormente apresentados, mas já agora sob o enfoque de João:

1 "...pequeno boqueirão entre duas vertentes!..."

Diz João Carlos que "o único boqueirão que ela (estrada do Sobradinho) poderia e deveria contornar é o boqueirão conhecido, hoje, como o do condomínio "Vale do Sol". O Vale é o único boqueirão daquelas redondezas que tem dentro de si duas nascentes". E mais: "O córrego Água Fria forma-se no boqueirão (ou tem ali suas nascentes)".

Mas estranhamente João, no item XVIII de seu trabalho, apresenta uma segunda hipótese, contrariando toda sua argumentação anterior, e isto porque percebeu que não poderia fechar o perímetro das terras doadas nas cabeceiras do Água Fria! Vide mapa no fim deste trabalho, para perceber-se o perímetro esdrúxulo formado por sua argumentação.

2 "...donde houver um rancho queimado no lado direito..."

Isto é, o rancho queimado ficava junto ao boqueirão entre duas nascentes.

3 "...e descendo-se desta vertente do rancho queimado abaixo, pelo veio d'água, sempre pela água mais acostada do rincão do campo..."

Aqui, sem comentários, pois o Rincão do Campo poderia estender-se até as margens do Água Fria.

4 "...até altura que faz quadra procurando o rumo da porteira da contenda..."

Aqui, também sem comentários, pois poder-se-ia, mesmo a partir do Água Fria, tomar o

rumo da Porteira da Contenda.

5 "...porteira da contenda..."

Localizada por José Joaquim Barbosa de Carvalho na altura da Moraes Barros, esquina da Riachuelo, e, por Hernâni Donato, na altura da Velho Cardoso. De qualquer modo, próxima ao Lavapés.

João Carlos, no item XII, de sua argumentação, apresenta um trecho da Ação de Manutenção impetrada por José Gomes Pinheiro e sua esposa (AA: autores) contra os herdeiros de Joaquim Costa: "...que os AA jamais consentiram que na restinga, que é vista do Serro, até a altura da Porteira, alguém arranchasse..." E conclui, a partir daí, que a porteira podia ser vista do Serro (Morro de Rubião)!

Mas o texto diz apenas que a restinga era vista do Serro, não necessariamente a porteira. Esta era o limite da restinga onde os autores não permitiam que se arranchasse, isto é, que se possasse. Apenas isso.

Além do mais, existiam duas porteirosas, a velha e a nova, não se podendo dizer, no caso, à qual se referia o texto.

Essa argumentação serve também para rebater as divagações de João, no tópico XXII de sua exposição.

6 "...e por esta adiante..."

Da porteira da contenda adiante: João Carlos coloca essa porteira entre o Água Fria e o Tanquinho, argumentando que podia ser vista do Serro (Morro de Rubião), mas vimos no item 5 que o texto da Ação de Manutenção não permite que se conclua isso, com certeza. E tal conclusão contraria o depoimento

de José Joaquim Barbosa de Carvalho, que coloca tal porteira na altura da esquina Moraes Barros com Amando de Barros, entre o Tanquinho e o Lavapés, o mesmo fazendo Hernâni Donato, mas na esquina Velho Cardoso com Amando de Barros.

7 "...até bater na primeira vertente do lado esquerdo..."

Aqui, o autor coloca, como nós, o Tanquinho como primeira vertente, mas, contrariando os termos da escritura, o coloca do lado direito e não do esquerdo, pois inverteu o sentido do delineamento de anti-horário para horário, transformando a esquerda em direita! Vide mapa no fim destes comentários.

Vai aqui uma explicação geomorfológica: a vertente, ou curso d'água, vem de montante, suas nascentes, correndo para jusante, direção de sua foz. Quando se diz: "...até bater na primeira vertente do lado esquerdo", diz-se "que vem do lado esquerdo", e então se diz que um afluente é de margem esquerda ou direita, segundo essa direção. Mas João inverte este conceito elementar da geomorfologia, propondo que: "...a margem esquerda do Lavapés é a que fica do lado do Bairro Alto..."; e mais: "não é um critério comum, mas existe". Existe onde? Por que contrariar os termos da escritura? Só para fazer ali encaixar-se numa idéia?

8 "...e subindo por esta vertente acima até sua cabeceira..."

Sem comentários, pois estamos subindo o Tanquinho, tanto em nossa interpretação, quanto na de João Carlos.

9 "...e desta cabeceira tirar-se-á uma linha reta..."

Da nascente do Tanquinho.

10 "...até a cabeceira de outra vertente mais de cima, cuja cabeceira ao lado esquerdo far-se-á quadra e tirar-se-á uma linha reta..."

A escritura está se referindo a uma vertente mais de cima, em frente à cabeceira do rancho queimado, isto é, as duas nascentes estão próximas, como propusemos em nosso esboço (tópicos 10 e 11). Em frente, de frente, e não na distância de mais de 2 km, como quer João Carlos em sua primeira hipótese. Então, percebendo a incongruência, João lança uma segunda hipótese (item XVIII de sua argumentação), que não inicia as terras doadas nas cabeceiras do Água Fria, mas num afluente de margem direita deste, contrariando tudo que disse anteriormente sobre essas cabeceiras (item VI), e o pequeno boqueirão (item VII de sua exposição).

Nesta segunda hipótese, destruidora de longa argumentação da primeira, João coloca o rancho queimado onde o colocamos, só que, ao invés de seguir o sentido anti-horário, que adotamos, segue o sentido horário, esbarrando numa dificuldade insuperável: a escritura fala "até bater na primeira vertente do lado esquerdo", e João toma a direita para subir o córrego Tanquinho, pois havia invertido o sentido de seu trajeto. João foi na contra-mão, tomando a esquerda da escritura como direita.

11 "...a bater na mesma vertente do rancho queimado..."

Vimos, na exposição do delineamento por nós proposto, que essa "vertente mais de cima" pode ser o afluente de margem direita do Água Fria (vide esboço e tópico 10 de nossa exposição).

Fecha-se o ciclo, ou perímetro das terras doadas, "fazendo quadra", isto é, fechando o quadro, numa figura geométrica aproximadamente quadrangular ou retangular. Nosso delineamento "faz quadra", fechando o perímetro.

O delineamento proposto por João Carlos não faz quadra, pois se tomarmos uma linha reta da cabeceira do Tanquinho até as cabeceiras do Água Fria, saímos do vale daquele, transpomos o espigão (divisor de águas, Rodovia Marechal Rondon), acompanhamos o Água Fria, rio acima, quase tangendo suas águas, na face sul do Vale do Sol, prosseguindo ainda até as suas nascentes, num percurso incrível de mais de 2 km. O perímetro proposto por João Carlos termina em ponta, formando uma figura esdrúxula.

Os dois diferentes perímetros (o nosso e o de João Carlos Figueiroa) podem ser confrontados no mapa constante no fim deste trabalho. O mapa relativo ao perímetro de João Carlos é o de cima; o nosso, o de baixo.

Aceitamos qualquer objeção à nossa proposta de delineamento da área doada por José Gomes Pinheiro, mas tal objeção deve respaldar-se em hipótese cientificamente sustentável. A História é uma ciência, com metodologia própria, e não deve ser abordada fora dessa meto-

dologia. Se temos em mãos provas históricas, devemos estabelecer a hierarquia dessas provas. Se tentarmos uma interpretação histórica, isso deve ser feito cautelosamente, com atenção constante às provas apresentadas e aos conhecimentos de outras disciplinas, aplicáveis a essa in-

terpretação. Por exemplo, a Geografia.

Os documentos seguintes (também mostrados no livro "As Primeiras Fazendas da Região de Botucatu") são apresentados como complemento de nossa argumentação, contra a hipótese de João Carlos Figueiroa.

Arquivo do Estado, 16/12/1859, Caixa 39, Pasta 1, Documento 98A

Il.^{mo} e Ex.^{mo}. S.r

A Câmara Municipal desta Vila vem submissa ante V.Ex.^a valer-se do esclarecido conhecimento de V.Ex.^a para que se riu-se da seqüela, em abotacadas que encontra no cumprimento de seus deveres.

Exm.^o Sr. Esta Câmara quando entrou no exercício de suas funções encontrou muitas traficâncias e abotacadas, como era de esperar em um lugar novo e central, foi preciso organizar, e legislar suas Posturas, que tem sido abalroadas, e já se principia colher alguns frutos depois de não pequeno trabalho. Porém esta Câmara ainda julga nada ter feito não de vontade, porém por lutar como disse com dificuldade, por isso é que recorre a V.Ex.^a. Existe nesta Vila indivíduos que sem formalidade alguma fecharam com madeira, até de péssima qualidade, terreno pertencente ao Patrimônio desta Vila o qual terreno foi por um particular doado a Senhora Santa Anna e a isto chamam posse, com este proceder não se pode aformosear o arruamento desta Vila, nestes termos a Câmara quer que V.Ex.^a lhe declare amado porque há de proceder nas aberturas das ruas, aguadas, e becos. A Câmara entende que não tendo tais indivíduos só por si e sem autoridade alguma tomado posse de bem grande terreno do Patrimônio não pode impedir a título de posse que se rasgue as ruas, becos, ou aguadas tudo a bem do público e do aformoseamento desta Vila. A Câmara espera ser esclarecida por V.Ex.^a a respeito. Deus Guarde a V.Ex.^a muitos anos. Paço da Câmara Municipal de Botucatu em seção ordinária de 16 de Dezembro de 1859.

Il.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Conselheiro José Joaquim Fernandes Torres Meritissimo e Dignissimo Presidente da Provincia da São Paulo.

*Francisco de Paula Vieira
Presidente*

*João Francisco de Freitas
Antonio Manoel de Oliveira
José Pais Moreira
Manoel de Almeida Toledo*

Comentário ao Documento 98A:

Há, nesse documento, um trecho importante: "...Existe nesta Vila indivíduos que sem formalidade alguma fecharam

com madeira..... terreno pertencente ao Patrimônio desta Vila o qual terreno foi por um particular doado a Senhora de Santa Anna...".

Assim, ficamos sabendo que havia um terreno doado por um

particular ao Patrimônio da Vila de Botucatu (16/12/1859).

**Título de doação do Capitão José Gomes Pinheiro
ao Patrimônio de Nossa Senhora Sant'Anna**

Arquivo do Estado, 28/02/1860, Caixa 39, Pasta 1, Documento 98

Il.^{mo} Ex.^{mo} Sr.

A Câmara Municipal desta Vila recebeu por intermédio de V.Ex.^a o parecer do Dr. Procurador Fiscal, com cujo parecer se conformou V.Ex.^a. A Câmara passa as mãos de V.Ex.^a a cópia exigida pelo mesmo Procurador Fiscal a fim de que delibere a quem for justo a bem da posteridade e aformoseamento desta Vila, passando esta Câmara a informar a V.Ex.^a minuciosamente o seguinte:

Ex.^{mo} Sr., esta Vila está colocada em terrenos doados pelos herdeiros de Joaquim da Costa Abreu, cuja doação particular não existe título em nosso poder, sabe-se que deram para Patrimônio de Nossa Senhora Santa Anna, para nele se arrancharem os que quisessem ignorando-se com que condição, e contíguo a esse terreno é o doado pelo Capitão José Gomes Pinheiro cujas condições verá V.Ex.^a na cópia inclusa. (Vide cópia ao lado)

Por algum tempo permaneceu esta povoação neste estado, sem que tivesse um de seus terrenos, arranchando-se neles as pessoas, e sujeitaram-se a todo e qualquer ônus de direito fazendo serviços provisórios como é de estilo em povoações novas, e alguns destes recorreram a Câmara Municipal de Itapetininga, então cabeça deste Município, e ela concedeu algumas datas de dez braças sem indagar se lhe pertencia este direito: por um ano era Presidente dela o mesmo doador. Continuou esse costume durante alguns anos, sendo hoje seguido por esta Câmara, e outras muitas sem título algum legal impedem a servidão pública, já obstando seguida de ruas, já o uso das aguadas, e mais servidões públicas, por meio de cercas e pegões nos pastos.

A Câmara, Ex.^{mo} Sr., julga estas posses ilegais e prejudicial ao público e por isso é que esta Câmara já recorreu a V.Ex.^a para indicar calma no sinodo prático para que dê proceder em tais circunstâncias com acêrto.

As datas aquelas, dos que ocupam terrenos do Patrimônio é de quatorze anos mais ou menos para cá, e o produto desses terrenos que tem sido concedido pela Câmara, tem sido aplicado nas obras da Igreja.

Sôbre terrenos particulares, unidos ao Patrimônio e a Igreja Matriz, são pertencentes ao Tenente João Carlos de Souza Cananea, Claudino Antonio Ferreira e João Pereira da Silva, e algumas braças ao Reverendo Vigário Salvador Ribeiro dos Santos Mello, cujos terrenos entre dois ribeirões podem regular 16 a 18 alqueires mais ou menos.

E por esta forma tem esta Câmara respondido o ofício de V.Ex.^a datado de 15 do corrente. Deus guarde a V.Ex.^a Paço da Câmara Municipal em secção extraordinária aos 28 de fevereiro de 1860.

Il.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Conselheiro José Joaquim Fernandes Torres Dignissimo Presidente desta Província de São Paulo.

*Francisco de Paula Vieira
Presidente*

*João Francisco de Freitas
Manoel de Almeida Toledo
Antonio Manoel de Oliveira*

**Comentário ao
documento 98:**

Também aqui um trecho muito importante: “..esta Vila está colocada em terrenos doados pelos herdeiros de Joaquim da Costa Abreu, cuja doação

particular não existe título em nosso poder... e contíguo a esse terreno é o doado pelo Capitão José Gomes Pinheiro...”

Então sabemos que a vila de Botucatu estava colocada em terrenos doados pelos herdeiros de

Joaquim da Costa Abreu, havendo ainda, contíguo, um terreno doado por José Gomes Pinheiro. Ora, por que iriam os vereadores citar a doação de Gomes Pinheiro se ela não fizesse parte da vila? A vila era pequeníssima nesse ano de 1860. Se as terras doadas por José Gomes Pinheiro estivessem, como quer João Carlos Figueiroa, en-

tre o Tanquinho e o água Fria, estariam completamente fora da vila, que se resumia a dois pólos: a capela de Santana (Praça Coronel Moura) e a capela de Santa Cruz (Bosque).

As terras doadas por José Gomes Pinheiro estavam, sim, no patrimônio que formou a Vila, como veremos no documento seguinte.

Arquivo do Estado, 17/04/1860, Caixa 39, Pasta 2, Documento 20A

Il.^{mo} Ex.^{mo} Sr.

A Câmara Municipal da Vila de Botucatu em secção ordinária, tem a honra de acusar o recebimento da circular de V.Ex.^a, em que ordena que esta Câmara com urgência indique os títulos ou disposições legais sobre os terrenos desta Vila. Esta Câmara cumpre a informar a V.Ex.^a que o título ou disposição legal em que ela se funda, é o título de doação feita pelo finado Capitão José Gomes Pinheiro, cujo título já foi enviado a V.Ex.^a por cópia em 16 de Dezembro do ano findo.

Assim tem esta Câmara respondido a citada circular de V.Ex.^a. Deus Guarde a V.Ex.^a. Paço da Câmara Municipal de Botucatu aos 17 de Abril de 1860.

Il.^{mo} Ex.^{mo} Sr. *Conselheiro José Joaquim Fernandes Torres Dignissimo Presidente desta Provincia de São Paulo.*

*Francisco de Paula Vieira
Presidente*

*Jorge Gomes Pinheiro Machado
Antonio Manoel de Oliveira
José Pais Moreira
João Antonio de Almeida Silva*

Comentário ao documento 20A:

Vemos, claramente, que o título em que se funda a legitimidade dos terrenos da vila é aquele de doação feita por José Gomes Pinheiro. Isto é, a vila estava assentada, pelo menos em

parte, nas terras doadas pelo Capitão.

Se essas terras estivessem localizadas entre o Tanquinho e o Água Fria, como quer João Carlos Figueiroa, então não faziam parte da vila! Sabe-se que esta região só foi ocupada, como

parte da vila, nos fins do século XIX! E o documento 20A é bem claro: as terras doadas faziam parte da vila, e a escritura de do-

ação se constituía no ÚNICO documento para provar a legitimidade em terras onde se localizava a vila!

Arquivo do Estado, 10/10/1860, Caixa 39, Pasta 2, Documento 20

Il.^{mo} Ex.^{mo} Sr.

A Câmara Municipal da Vila de Botucatu em secção ordinária, acusa recepção da circular de V.Ex.^a datada de 21 de setembro findo em que V.Ex.^a exige com urgência, que esta Câmara dê cumprimento as que foi exigido em outra circular de 13 de Março do corrente ano, relativamente aos terrenos devolutos considerados pelas Câmaras Municipais como lagradouiros públicos. — Em virtude do que esta Câmara passa a ponderar a V.Ex.^a, que o título ou disposições legal em que se funda sobre os terrenos desta Vila é o título de doação feita pelo finado Capitão José Gomes Pinheiro, cujo título já foi enviado a essa Presidência, por cópia, em data de 16 de dezembro do ano passado.

Além do terreno doado pelo finado Pinheiro foi doado mais um pedaço de terreno a Nossa Senhora Sant'Anna pelos herdeiros de Joaquim da Costa Abreu, cuja doação particular não existe título em nosso poder e em cujo terreno acha-se situada maior parte desta povoação, e matriz, ignorando-se com que condições. Deus guarde a V.Ex.^a Paço da Câmara Municipal de Botucatu.

10 de Outubro de 1860

Il.^{mo} Ex.^{mo} Sr. Dr. Policarpo Lopes de Leão Digníssimo Presidente desta Provincia de São Paulo

*Francisco de Paula Vieira
Presidente*

*João Francisco de Freitas
Manoel de Almeida Toledo
José Pais Moreira
Claudino Antonio Ferreira.*

Comentários ao documento 20:

Diz um trecho deste documento: "...o título ou disposições legais em que se funda (a Câmara) sobre os terrenos desta Vila é o título de doação feita pelo finado Capitão José Gomes Pinheiro...".

Então os terrenos da vila de Botucatu, pelo menos em parte, eram as terras doadas pelo Capitão. A lógica dessas declarações, contidas nesses documen-

tos, é irretorquível! Figueiroa claramente se enganou, ao colocar fora de Vila as terras doadas pelo Capitão.

Em outro trecho desse documento, lemos: "...Além do terreno doado pelo finado Pinheiro foi doado mais um pedaço de terreno a Nossa Senhora Sant'Anna pelos herdeiros de Joaquim Costa Abreu, cuja doação particular não existe título em nosso poder e em cujo terreno acha-se situada maior par-

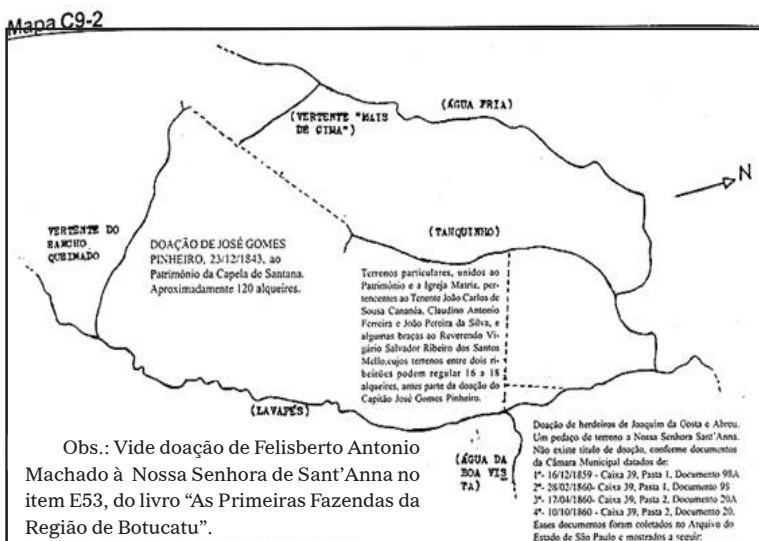
te desta povoação, e matriz, ignorando-se com que condições...".

Então a maior parte da pequenina vila estava em terras doadas pelos herdeiros de Joaquim Costa Abreu. A maior parte, não TODA ela!

Apresentamos abaixo o esboço das terras doadas para patrimônio da vila. Foi a partir do primeiro pólo (Praça Coronel Moura) que ela começou a se formar. Vemos que da Água da Boa Vista até a Praça Coronel Moura poderiam estar as terras da doação dos herdeiros de Cos-

ta. E aí estava a maior parte da vila, quase circunscrita a essa praça. Quando surge o segundo pólo, no Bosque, já estávamos em terras doadas pelo Capitão.

Se a informação de José Joaquim Barbosa de Carvalho estiver correta, então a parte doada pelos herdeiros do Costa iria da Praça Coronel Moura até a Moraes Barros. Se valer a hipótese de Hernâni Donato, então essa doação iria da praça até a Velho Cardoso. Digo isto porque o marco divisório era a porteira da contenda, localizada por esses autores em diferentes pontos.



Conclusão

A fonte histórica mais importante para interpretar-se a doação de José Gomes Pi-

nheiro é a própria escritura de doação, tomada termo por termo, sem torcer-lhes o significado (tomando direita como

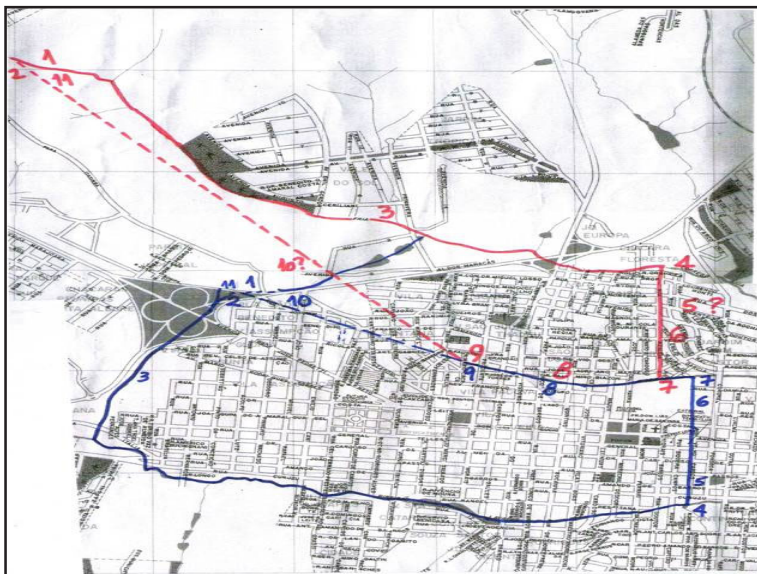
esquerda, como por exemplo).

Depois vem o depoimento de José Joaquim Barbosa de Carvalho. Mesmo que possamos criticar alguma afirmação sua, não podemos desprezar seu inteiro teor, que consiste na única informação direta sobre o delineamento das terras doadas, fora a escritura. E percebemos claramente que os termos desta batem com o depoimento daquele.

De posse dessas provas, documental e testemunhal,

que estão em consonância, lançamos mão de conhecimentos da geomorfologia local. Quando tudo isso bate, temos então uma hipótese cientificamente sustentável.

Por outro lado, se nos desviasmos de termos da escritura, se desprezamos o depoimento de um cidadão idôneo, altamente respeitável, e se não prestamos a devida atenção em detalhes da geomorfologia local, então não estamos apresentando uma hipótese cientificamente sustentável.



Obs.:

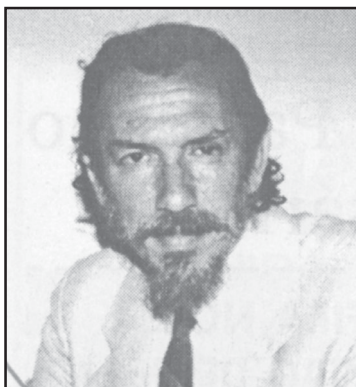
O esboço geográfico inferior (pontos 1 a 11, entre os rios Tanquinho e Lavapés), que segue o sentido anti-horário, é o proposto pelos autores deste artigo.

O “bairro Botucatu” no recenseamento de 1779

Excetue-se os índios, que estes foram de várias etnias e tribos, e por estas terras passaram, alguns fazendo roças, outros apenas caçando e pescando. Mas todos estiveram por aqui, “de passagem” como eram seus costumes e imposições da natureza.

Na segunda metade do século XVIII (anos 1700), o território compreendido entre os dois grandes rios (Tietê e Paranapanema, ao sul e norte) e o divisor de águas (as elevações) onde nascem o Rio Sorocaba e Guareí, cada um correndo para um lado, até o “morro do Avaré”, constituía a fazenda dos Jesuítas. Extensão enorme de terras, desfeita e leiloada aos pedaços depois do confisco ocorrido em 1759, por força dos problemas surgidos entre jesuítas e o Reino de Portugal.

Por essa ocasião, esses empreendimentos que se realizavam no entorno sul da Serra/Cuesta de Botucatu, pro-



João Carlos Figueiroa

ximamente aos atuais município de Itatinga e Paranapanema, dissolveram-se lentamente e durante muito tempo a gestão das fazendas ficou a cargo de um funcionário da Capitania de São Paulo residente em Araçariguama, a meio caminho entre São Paulo e as Fazendas.

Sempre se fala que a região se transformou num deserto de iniciativas e homens, mas os números chamam a atenção para detalhes ainda a estudar. Parte integrante da Vila de Itapetininga, fundada em 1766, a região inteira era habitada por moradores de nada menos que 66 povoados, divididos em categorias político-administrativas que se-

paravam Bairros, Esquadras, Quarteirões, Fazendas, Freguesia e Capelas. Todos, localizados no extenso território, distribuídos por todos os quadrantes, no entorno de Itapetininga.

Informa J Davi Jorge, em belo artigo datado de 1943 e publicado pelo jornal A Folha de Botucatu que ocorreria no território do município de Itapetininga, uma série de recenseamentos naqueles anos que sucederam ao confisco dos bens e expulsão dos Jesuítas de todo o território brasileiro. E afirma que entre os vários existentes, o mais antigo foi o de 1779, arquivado que estava no Arquivo do Estado (antigo Departamento de Arquivo do Estado, hoje na Avenida Voluntários da Pátria, Santana, SP).

E, ali, entre os recenseamentos estava, e está. o do BAIRRO BOTUCATU, cadastrado na mais rudimentar das classificações de povoado, a de BAIRRO. Diz o articulista “O Bairro de Botucatu aparece, pela primeira vez, no caderno de 1779, maço de recenseamento de Itapetininga, número 63. Tinha este Bair-

ro, naquela época, apenas 7 (sete) fogos (ou lares), contando 46 moradores incluindo-se chefes de família, suas mulheres, filhos, agregados e escravos. Vejamo-los: **1º Fogo:** Francisco Leme da Silva, 25 anos; sua mulher Ermenegilda Maria, 16 anos. Escravos: João, Pedro, Miguel, Joaquim, Manuem e Rodrigo; **2º Fogo:** Saturnino Pais, 22 anos. Escravos: Francisco, Domingos e Manuel; **3º Fogo:** José Pais, 43 anos; Salvador Leme, 30 anos; Francisca de Almeida; Joana, filha, 4 anos, Joaquim e Simão, agregados; **4º Fogo:** (Escravos de João Alves) Antonio, 25 anos; Violante, 20 anos; **5º Fogo:** Inácio de Barros, 25 anos; Bento de Góis, 14 anos; **6º Fogo:** João Batista 53 anos; Sua mulher, Joana Ribeiro, 51 anos. Agregados: Salvador, Agostinha, Ilária, Ana e Severina; **7º Fogo:** Vitoriano Frz., 40 anos; Sua mulher Rosa Diniz, 35 anos; Filhos: Maria, 6 anos; Joana, 5 anos; José, 2 anos; . Escravos; Elesbão, Martinho, Raimundo, Domingos, José, Victor, Gregório, Luis, Maria, Vicência e Faustina.”

Esses números e suas contagens suscitam outras indagações. No primeiro fogo morava um casal extremamente jovem, 25 e 16 anos, e juntos estavam 06 escravos. Ou o recenseador considerava o “fogo” como uma nucleação de choças, ou estamos diante de um costume de residência coletiva. O mesmo ocorre com o 7º “fogo”, onde o casal Vitoriano e Rosa residiam com 3 filhos e 11 escravos, entre eles 03 mulheres (Maria, Vicência e Faustina). E, também curioso: no 6º “fogo”, moravam João Batista e Joana Ribeiro com 5 (cinco) “agregados”, sendo entre eles 4 mulheres.

Outra questão que se coloca, esta pertinente à atividade econômica, é de se perguntar, o que produzia o casal do fogo nº 07 (sete) para manter em atividades nada menos do que 11 (onze) escravos? Imediatamente a eles, em número de escravos, estavam os moradores do “fogo” nº 01, Francisco Leme da Silva de 25 anos e sua esposa Ermenegilda Maria, de 16 anos, com 06 (seis) escravos. O que faria um casal tão

jovem, em lugares tão distantes, manter sob seu controle uma força de trabalho, proporcionalmente, grande como essa? Que tipo de atividade econômica os mantinha unidos e trabalhando?

E, por fim, coisa que o recenseamento não esclarece, em que ponto da Serra de Botucatu/Cuesta estavam eles nucleados e em que terras trabalhavam? Ao se referir a um BAIRRO DE BOTUCATU, o recenseador deixa dúvidas se essa população estava nucleada lado a lado, ou não. O curioso disso é que, na lista de bairros e outras modalidades político-administrativas em que estava distribuída a população da zona rural de Itapeitinga (Esquadras, Quarteirões, Fazendas, Freguesias e Capelas) estão discriminados povoados que, muito depois, viraram Vilas, o que pode sugerir que não está, de todo, descartada a possibilidade do BAIRRO DE BOTUCATU se tratar de um povoado. Já em 1779! Questões ainda em aberto e interessantes para a história do surgimento de nossa gente e fundação político-administrativa de nossa terra.



O historiador Celso Prado com sua esposa Junko Sato Prado

José Theodoro de Souza

Observação: O texto que vem a seguir, foi extraído da obra: *'Razias: Incursões Predatórias em Territórios Indígenas do Vale do Paranapanema'*, de autoria e responsabilidade de Celso Prado, publicação eletrônica em 2006, conforme Registro de Direito Autoral junto à Fundação Biblioteca Nacional / Ministério da Educação e Cultura, Escritório dos Direitos Autorais – EDA, Registro nº 391.422, Livro 728, Folhas 82, aos 07 de novembro de 2006, com acréscimos de outros documentos e relatos históricos específicos para *Historiografia: Santa Cruz do Rio Pardo – Século XIX*, em coautoria com Junko Sato Prado.

O fazendeiro capitão José Gomes Pinheiro, liberal e político itapetiningano, liderava os fazendeiros de Botucatu. Tinha uma visão expansionista e conclamava o governo paulista a empreender entradas no sertão adiante, expulsar os índios e tomar-lhes as terras, para a ocupação capitalista. Sequer seduziu as autoridades para a instalação de uma colônia estrangeira no Vale do Pardo.

Gomes Pinheiro de seu esconderijo na Fazenda Monte Alegre, em atual Botucatu, quando da fracassada Revolução Liberal de

1842, "aproveitara o descanso forçado para responder as cartas [dos amigos] e interessar gente de outros rincões nas terras de 'seu' sertão. Aquele mundo precisava de gente valente e de braço. (...) Lembrou-se de um amigo, José Teodoro de Souza.

Que viesse ver as terras da serra. Garantia que não ia se arrepender" (Marins, 1985: 25).

Mensagem implícita, os fazendeiros do alto da Serra Botucatu sentiam-se desprotegidos pelo governo e à mercê de possíveis ataques indígenas. Os índios não permitiam o expansionismo capitalista.

Não existe comprovação de carta do Capitão Gomes Pinheiro convidando Theodoro a vir ao sertão, ou que este tenha aceitado alguma proposta...

* * *

... Outra versão informava que em 1849, sem prejuízo àquele convite de 1843, Theodoro estava em Pouso Alegre – MG, quando lhe chegou carta do Capitão Tito convocando-o reunir bando e vir urgente ao sertão dar combate aos índios, sob a garantia em fazer-se "dono de meio mundo na coqueira do sertão, que começava na serra" (Marins, 1985: 45).

No ano anterior, 1848, falecera o Capitão José Gomes Pinheiro e, agora, era o genro, Capitão Tito, quem dava as ordens no sertão. Talvez, em 1849, o Capitão Tito nem precisasse convocar Theodoro, em Minas Gerais, através de carta, pois, com certeza documental, em 02 de julho daquele ano o mineiro se encontrava em Botucatu, juntamente com sua mulher Francisca Leite da Silva, participe de batizado ocorrido na família Nolasco (Livro Eclesial, Batismos, Botucatu – SP, 1849: 02/07).

O próprio Capitão Tito, em seus relatos de 1889, assumiria a convocação do pioneiro:

"Anos depois, passando por Sorocaba, o meu compadre José Theodoro de Souza, que vinha à Botucatu a meu chamado e conhecendo a finalidade da viagem do conterrâneo, o Major Vitoriano incorporou-se ao grupo de pouso-alegrenses que vinham povoar o sertão do Parapanema" (Moreira da Silva, 1965: 99-100).

Theodoro chegou a Botucatu em 1850, entendeu-se com o Capitão "e ambos traçaram o plano da conquista da região habitada pelos índios" (Moreira da Silva, 1965: 99 e 100).

O chão a ser tomado situava-se adiante da Serra Botucatu, entre o Tietê e Parapanema, originalmente até a barra do Rio

Tibagi, porém estendida até o Ribeirão das Anhumas, cujo plano estava em exterminar os índios e recuar os sobreviventes, para assim a efetiva conquista das terras e o início do desbravamento sertanejo.

O território era abrangente, em torno de 198 quilômetros de



José Theodoro de Souza sentado, o filho Theodorinho à direita e dois companheiros. Crédito: Barros, 2006: 14

largueza por 260 quilômetros de extensão, inóspito ao homem branco, infestado de indígenas, nos campos, nas matas, nas morrarias e nas furnas, onde índios hostis tinham movimentação fácil em terrenos por eles conhecidos.

Ainda assim, a empreitada que deveria ser sofrida e demorada, surpreendentemente ocorreu em curto espaço de tempo, dezoito ou menos meses, com milhares de índios mortos, outros tantos arredados para bem distante e aqueles feitos prisioneiros e escravizados, com total apagamento cultural.

A entrada de Theodoro no sertão não foi simples aventura, como ensejou Giovannetti, de um "homem rude montanhez [que] partiu para um lugar qualquer, sem conhecer um caminho, pois não existia e, verdadeiramente sem um objetivo que lhe pudesse garantir o triunfo real da conquista" (1943: 70).

Nenhuma tradição aponta a presença regional de Theodoro antes de 1850 /1851, para fins de ocupações de terras, senão sua própria afirmação, aos 31 de maio de 1856, que era residente e senhor de posses no sertão, de maneira mansa e pacífica, desde 1847. Com esta mentira o pioneiro se adequaria aos termos da Lei nº 601/1850, a Lei das Terras, para garantia de posses.

* * *

O governo paulista, enfim, cedera às pressões dos fazendeiros tornando permissiva a repressão aos índios "que impedi-

am - como se dizia à época - o estabelecimento 'do progresso nas fronteiras do Império'" (Azanha, 2001: 4), e aí vieram as razias e dadas, aplicadas pelos bugreiros que se firmavam bandos armados do sertanismo.

Aos índios capturados, de forma legal aldeavam-nos para aprendizado de serviços úteis à civilização – (Decreto Imperial nº 426, 24/07/1845) ou, e aí a burla do dispositivo legal e já anteriormente validada para todo o sertão, qual seja, a retirada do indígena "para lugares longínquos (...) além do Paraná e neste caso destruindo os seus alojamentos para que não possam regressar a eles" (AESP / Ofícios Diversos para Botucatu, 1862).

O aldeamento era, também, forma de tirar o índio da terra e promover sua miscigenação, quebrando-lhe as tradições culturais, os usos e costumes, posto objetivo do governo em proteger as "localidades ocupadas por gente civilizada, laboriosa e útil ao país" (Tidei Lima, 1978: 84), daí os propalados e alguns acontecidos ataques indígenas às fazendas e povoados, que permitiriam ações preventivas do branco, através dos bugreiros contratados.

Talvez, em 1849, Tito nem precisasse convocar Theodoro em Minas Gerais, através de carta, pois, com certeza documental, a 02 de julho daquele ano o mineiro e sua mulher Francisca Leite da Silva, são vistos em Botucatu, partícipes de batizado ocorrido na família Nolasco.

O bandeirismo pioneiro

Antigas tradições ainda lembram o conquistador do sertão centro sudoeste paulista, sendo 'um homem franzino, de pequena estatura e fala mansa, tipo caboclo com fronte larga, olhos miúdos e queixo fino, pele clara com sardas, quase imberbe senão uma barba rala a cobrir-lhe o rosto e fios esparsos de cavanhaque no queixo. Vestia roupas simples e rudes, pés quase sempre descalços'.

Esta era a única descrição para se formar o retrato de um homem lendário (Prado, apontamentos em Leoni, 1979: 2; e Marins, 1985: 39)...

... Este humilde lavrador residente em Pouso Alegre (MG), à frente de um bando de mineiros, em 1847, talvez depois, "teve ideia de se aventurar até a região do Paranapanema, á procura de terras de culturas a fim de tomal-as por ocupação originaria" (Nogueira Cobra, 1923: 7-8), de forma mansa e pacífica. Inteligente embora analfabeto, religioso, bom chefe de família, honrado e estimado por todos que a ele socorriam-se, em sua entrada pelo sertão não quis maltratar os índios, mas sim atraí-los à civilização, com amor cristão, de modo reconhecido que os próprios nativos o tratavam respeitosamente por 'Pae'.

Abriu estradas, fundou alguns povoados e fez progredir o sertão.

Tinha seu lado reverso. Era ele intrépido, alegre, folgazão, festeiro e perdulário tanto, di-

zem, que chegou a trocar uma enorme fazenda por um negro escravo, violeiro e cantador de cateretê. Quase três décadas depois de sua entrada triunfal em terras do centro sudoeste paulista, este homem morreu pobre e esquecido por todos, conta a história, exceto talvez por indígenas renegados que o mataram a golpes de borduna em 24 de setembro de 1875, deixando o corpo no local para ser sepultado no Cemitério de São Pedro do Turvo, numa cova que de tão simples ninguém mais sabe onde encontrá-la. Seu nome, José Theodoro de Souza.

Documentos recentemente resgatados revelam José Theodoro de Souza à frente de um bando fortemente armado, para invasões predatórias em territórios indígenas, conquistar terras e entregá-las livres às mãos dos fazendeiros, resguardadas as partes destinadas aos partícipes dos massacres, e a ele próprio com direito ao quinhão adiante do Rio Turvo, que seria logo fracionado e posto a vendas...

* * *

... A visão progressista do Capitão Tito e a inquietude de Theodoro foram fatores determinantes para a conquista do sertão, a partir de Avaré, mas a Guerra ao Índio não foi apenas uma excursão, nem o grupo mineiro chegou tão somente para povoar o sertão do Paranapanema, e sim promover um morticínio abrangente e sanguinolento espalhados por todas as outras regiões...

* * *

... Theodoro e as frentes de batalhas não se limitaram às ações praticadas em Avaré, prosseguindo as ações contra os indígenas em (de) outras regiões tomando-lhes as terras e entregando-as aos colaboradores ou aqueles ordenados pelo Capitão Tito, que se propusessem trabalhar os butins e construir povoados.

São diversos os núcleos situados em regiões desbravadas por José Theodoro e sua gente, com as entranças assassinas a preço de sangue indígena e sofrimento negro para erguerem-se as capelas no sertão do centro sudoeste paulista.

Os documentos arquivados e ignorados por mais de cem anos, aliados aos relatos das selvagerias indígenas contra o progresso e a civilização, fizeram triunfar a cultura da indiferença ao passado e do quanto os brancos barbarizaram os índios, afinal a história, reconhecidamente, é contada pelos vencedores, às suas maneiras e interesses.

Abertos os arquivos e revelados os acontecimentos, já não se pode ignorar que Theodoro exterminou Caiuá e Botocudo em Avaré, e implacavelmente perseguiu e dizimou outras nações indígenas pelo interior paulista, para apossamento das terras, daí com notoriedade em Bauru, onde "manifesto que essas pretendidas posses são a causa da destruição do índio que em direito é melhor possuidor dos terrenos" (Juízo Municipal

de Botucatu, apud Tidei Lima, 1978: 83).

* * *

.. há que se entender que nenhuma posse foi mansa e pacífica e, pelos acontecimentos, a missão de Theodoro não foi apenas povoar o sertão do Paranapanema, mas também exterminar os índios, tomar-lhes as terras e entregá-las à civilização, em troca do quinhão adiante do Turvo, enquanto o Capitão Tito, dono das grandes propriedades em cima da Serra de Botucatu, assenhoreava-se dum bolsão de terras férteis a oeste, prontas para a ocupação branca com ótimos lucros, em verdade a expansão do pré-capitalismo como forma patrimonial de acumulação de riqueza e poder.

O Capitão Tito sabia das sesmarias adiante da Serra, e que elas não ultrapassavam o Rio Turvo, e por isto Theodoro assumira terras somente adiante do Turvo e partes não sesmadas do Pardo. Também Tito fez renomear alguns dos acidentes geográficos além da Serra, para dificultar identificações e reclamações de descendentes de sesmeiros (Aluizio de Almeida, abril/junho de 1960, Volume 247: 247: 41-44). As sesmarias, quase todas, eram terras abandonadas cujos donos não cumpriram com os objetivos das concessões, e assim o Capitão, mandatário regional, não teria dificuldades em solucionar conflitos.

Nota do Editor: para ler o texto completo visite o site:

www.satoprado.com.